



«Estou certo de que também o Exército ajudará a escrever a restauração de Portugal» — disse o Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas num passo do discurso

FALANDO NA POSSE DE ROCHA VIEIRA

EANES APOSTA NO SOCIALISMO

«Tem o Exército um objectivo fundamental — garantir o Estado de direito democrático e a abertura e o caminho para uma sociedade socialista em liberdade», afirmou esta manhã o Presidente da República e Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, no acto de posse do novo chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira.

Referindo pela segunda vez em público desde que foi eleito Presidente da República o objectivo do socialismo, o general Ramalho Eanes definiu como tarefa do Exército garantir «condições de livre, real e ajustado funcionamento das instituições, órgãos e agentes definidos ou aceites pela Constituição», afirmando depois: «Estou certo que, também o

Exército, com V. Ex.ª à frente, assumirá a responsabilidade histórica deste momento, e ajudará a escrever a restauração de Portugal, desta vez em linguagem de grandeza e renovação.»

Antes, o general Ramalho Eanes explicou as razões que o levaram, depois de ouvido o C. R., a nomear Rocha Vieira para o cargo de C. E. M. E., já que «seria o general Rocha Vieira o que melhores condições reunia para, no contexto actual, desempenhar o cargo», analisando a seguir aquilo a que chamou «as razões trágicas do 25 de Novembro», de entre as quais citou a «quarentena de indefinição em que o Exército foi mantido» deixando de ser a instituição suporte da Defesa Nacional e das conquistas democráticas, «permitindo que a diversidade das opiniões, traduzidas em projectos políticos diferentes, se discutisse em ambiente de paz social».

Depois de considerar que o 25 de Novembro «foi o ponto final da indefinição que pretendia que a política fosse também uma oposição sectariamente vivida entre militares, isolados ou associados ou associados e grupúsculos extremistas» ou a partidos de vocação totalitária, Ramalho Eanes lembrou a lei constitucional de Dezembro de 75 que define os objectivos das F. A.

definição que é reassumida na Constituição. Desta definição, segundo afirmou o Presidente da República infere-se que «atentam contra a Constituição e a vontade do povo português todos os militares que esqueçam o seu apartidarismo e todas as organizações que busquem intervir na área militar».

Antes da cerimónia de posse, o general Ramalho Eanes foi recebido no largo da Estação de Santa Apolónia por duas companhias do Regimento de Comandos da Amadora, comandadas pelo major Moraes, a que passou revista, tendo depois assistido ao desfile daquelas forças, na companhia dos chefes dos Estados-Maiors da Armada e da Força Aérea e ainda o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Calvão de Figueiredo, de alguns membros do Conselho da Revolução e de outros militares.

Depois do discurso do Presi-

dente da República, usou da palavra o novo C. E. M. E. e também novo membro do Conselho da Revolução, general Rocha Vieira, que começou por afirmar:

«Há momentos em que os cidadãos, e de uma forma especial os militares, são postos perante a necessidade de tomar importantes opções. Por acreditar nos valores da democracia e da liberdade e a eles aspirar profundamente, empenhar-me-ei até ao limite das minhas capacidades no serviço do Exército, das Forças Armadas e da Nação».

«A Constituição, cujo respeito nos cabe assegurar, atribui às Forças Armadas, identificadas com o espírito do Programa do M. F. A., a responsabilidade de garantir as condições que permitam a transição pacífica e pluralista da sociedade portuguesa para a Democracia e o Socialismo».

Continua na pág. 20

“Chantagem” ocidental indigna italianos

ROMA, 19 — (ANOP) — Os partidos políticos italianos criticaram ontem como «chantagem» as declarações do chanceler da RFA, Helmut Schmidt, segundo as quais a ajuda económica e financeira à Itália, seria interrompida pelos seus aliados, caso os comunistas italianos entrassem no Governo.

O gabinete do primeiro-ministro considerou como «lamentáveis» e «descabidas» as afirmações do chanceler federal, referentes a tal acordo na Cimeira de Porto Rico.

O escândalo rebentou numa altura em que o primeiro-ministro indigitado, Giulio Andreotti, se prepara para uma segunda fase de conversações com diri-

gentes políticos italianos para a formação de Governo, depois do fracasso das primeiras negociações.

«Como se Andreotti já não tivesse problemas de sobra, e inoportuna intervenção de Schmidt tende a criar novas dificuldades para as negociações entre os partidos, especialmente

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS



INÉDITO
NAS
OLIMPIADAS

Um 10 para a ginasta
Nadia Comaneci (Pág. 17)

MÁRIO SOARES RECEBEU U.D.P. E P.C.P. EM S. BENTO

Mário Soares considerou esta manhã, momentos antes de receber delegação da U. D. P. constituída por Acácio Barreiros, Eduardo Pires e o Padre Martins, os dois primeiros do Conselho Nacional daquele Partido, no gabinete de Vasco da Gama Fernandes, em S. Bento, que as conversações a entabular com os partidos políticos eram de «significado essencialmente prático», com vista à formação do I Governo Constitucional, bem como do programa governamental, que classificou como «programa genérico» e que será oportunamente tornado público.

Referiu também que estava nos seus propósitos trocar impressões com quatro ou cinco sindicatos fortes, tarefa de que se incumbiria amanhã a partir dos contactos que estavam então a ser levados a cabo pelos seus serviços de apoio. E, ainda acerca dos encontros programados para hoje (o C. D. S. estava na agenda da tarde) e para amanhã (o P. P. D.) o Primeiro-Ministro indigitado afirmou, antes de se sentar à

mesa com os representantes da U. D. P. e do P. C. P., que «não serão pró-forma», uma vez que o Partido Socialista ao formar Governo «terá de ter um consenso que extravase a própria influência do P. S.».

Depois de adiantar que quarta-feira estará no Porto em visita ao almirante Pinheiro de Azevedo e brigadeiro Pires Veloso, Mário Soares realçou ser sua intenção, e estar nos seus propósitos, durante a referida visita, ouvir os sindicatos do Norte e auscultar as opiniões de outras instituições importantes. Reportando-se, ainda a essa visita afirmou categoricamente ao representante do «D. L.»: «O P. S. pensa que o povo do Norte tem uma palavra a dizer em tudo isto».

Dando ainda conta da sequência de (quase) todo o seu programa após os encontros de hoje e amanhã com os partidos representados na Assembleia da República, e dos sindicatos (amanhã), o Primeiro-Ministro indigitado salientou estar o «Governo constituído» há

Continua na pág. 20



As duas delegações quando hoje se avistavam com Mário Soares: em cima a da U. D. P., em baixo a do P. C. P.

Nacional

Política de A a Z

INDEPENDÊNCIA NACIONAL

A Imprensa italiana noticiou, em muitos casos com compreensível indignação, as pressões estrangeiras tendentes a evitar a presença de representantes do Partido Comunista Italiano no próximo Governo da Itália. Um país europeu — a República Federal Alemã — teria, segundo fontes de informação fidedignas, tomado a liderança da ameaça de cessação de auxílios à Itália se ministros comunistas tivessem assento no Governo italiano. Estas pressões e estas diligências não podem deixar de ser consideradas como uma abusiva intromissão na vida política italiana. Um telegrama distribuído pela France Presse e publicado nos jornais desta manhã, informa: «Os Estados Unidos, a Alemanha Federal, a França e a Inglaterra decidiram, de comum acordo, na Cimeira de Porto Rico, deixar de conceder ajuda económica à Itália no caso de os comunistas participarem na governação do país.» Esta decisão foi divulgada a partir de declarações feitas aos jornalistas pelo chanceler oeste-alemão, sr. Helmut Schmidt, em Washington.

O sr. Schmidt esclareceu que este assunto não fora abordado na presença do então primeiro-ministro italiano, sr. Aldo Moro. Esta nota, este pormenor, merece ser fixado. As reuniões internacionais, a certos níveis e em certas circunstâncias, são dobradas por outras reuniões, por outras conversações, por outras combinações. A existência de organizações internacionais abertas não conseguiu eliminar a velha diplomacia secreta. Continuamos a ocultar a política internacional dos Estados e a falar de democracia, como se fossem compatíveis uma «vida nacional de soberania democrática» e uma «sociedade internacional» a praticar o «ocultismo político». E o presente caso italiano aí está, clamorosamente significativo, a mostrar-nos os limites verdadeiros da «independência nacional» quando uma nação carece de ajuda externa; aí está, esta escandalosa intromissão na vida política italiana, a mostrar-nos como a vontade popular é desrespeitada à mesa das conversações internacionais.

Estava disposto a falar o sr. Helmut Schmidt, e, em Washington, aos jornalistas ávidos de informação, de revelações, de sensacionalismo, não teve a mínima inibição para precisar que a ausência de ministros comunistas no Governo italiano era «uma condição política» (sic) para «todo o esforço internacional com vista a ajudar a economia italiana». Não se poderá ser mais claro. Daí que o sr. Giulio Andreotti tenha feito um comentário débil, suspirante, quase resignado: «Sejam quais forem as ideias que os outros governos tenham acerca da situação política na Itália, é importante que se assinala que estão a ser expressas de forma inadequada.» Não é só a «forma», é, também, o «fundo». O que é inadequado é o abuso das grandes potências capitalistas interferindo no exercício da soberania democrática das nações. E mais: é inadequada a orientação política que faz depender a recuperação de uma situação crítica, ou o esforço de reconstrução nacional, de uma ajuda externa condicional e condicionante.

Insistimos: o «caso italiano» impõe-nos que meditemos no «caso português». Impõe-nos que meditemos nas pressões que foram exercidas, e estão sendo exercidas, para passar além, ou ficar aquém da vontade popular expressa nas eleições de 25 de Abril de 1976. Também em relação a Portugal há quem, nesses países poderosos, faça contas políticas à ajuda económica. Estamos face à necessidade de defendermos a nossa jovem democracia, defendendo, ao mesmo passo, a verdadeira «independência nacional», a verdadeira «soberania popular». Os conceitos confundem-se no seu significado profundo. O problema da «independência nacional» não se limita a termos uma fronteira, um hino, uma bandeira; implica o direito de nos governarmos pela nossa cabeça portuguesa e segundo a nossa vontade portuguesa.

COIMBRA DESCOBRIU O BRASIL

A repressão no Brasil, insaciável, tem atingido indiscriminadamente, independentemente das ideologias, das filiações partidárias, da prática religiosa, sem deixar de ser selectiva por critérios de classe, um tão grande número de irmãos nossos pela língua que é a de Camões e Castro Alves, pela verticalidade cívica e pela esperança que, no Brasil, que, com os brasileiros nossos companheiros, é a nossa própria carne que sangra e o nosso próprio espírito que vibra de raiva e de dor. Não surpreende, portanto, que «preocupados com a situação político-social do Brasil» e «solidários com o povo irmão», docentes da Universidade de Coimbra, representantes dos estudantes e da organização sindical dos trabalhadores do distrito, tenham constituído, num concorrido acto público, o Comité de Coimbra pela Amnistia Geral no Brasil. Pede-se uma «amnistia geral e irrestrita para todos os prisioneiros, condenados e perseguidos políticos do Brasil, com a reintegração dos amnistiados nos seus trabalhos e estudos». É justo. Mas será igualmente justo que o nosso futuro Governo — o primeiro que governará no quadro constitucional — adopte medidas a favor dos exilados latino-americanos. Não se trata de oferecer cátedras a falhados «professores-de-revolução», mas de cumprirmos o pagamento daquela dívida que contraímos pelas sete partidas do Mundo, nós, os portugueses que, por militância ou coerência antifascista, conhecemos as prisões, as deportações, o exílio. Essa actuação solidária é ainda uma forma de nos respeitarmos, e, não o esqueçamos, de defender a nossa Revolução.

As tradições de ligação com o Brasil da Universidade de Coimbra não precisam ser recordadas. Em Coimbra se formaram, para a Liberdade e para a Independência, muitos brasileiros ilustres. E ilustra-se a Universidade, com o seu digno reitor, abrindo-se a esta solicitação do tempo histórico que é dar ao intercâmbio luso-brasileiro essa nobre forma cultural que é a luta por uma amnistia no Brasil. Oxalá o próximo Governo saiba entender essa lição da Universidade de Coimbra.

Conselho da Revolução não sofre alterações importantes

Com a tomada de posse hoje no cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, o general Rocha Vieira, passa igualmente a fazer parte, nos termos constitucionais, do Conselho da Revolução, cuja composição é agora a seguinte:

General Ramalho Eanes (presidente do Conselho da Revolução, Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas), vice-almirante Souto Cruz (chefe do Estado-Maior da Armada), general Rocha Vieira (chefe do Estado-Maior do Exército), general Moraes da Silva (chefe do Estado-Maior da Força Aérea), general Pinho Freire (comandante da primeira Região Aérea e representante da Força Aérea), brigadeiro Pires Veloso (comandante da Região Militar do Norte e representante do Exército), brigadeiro

Franco Charais (comandante da Região Militar do Centro e representante do Exército), brigadeiro Vasco Lourenço (comandante da Região Militar de Lisboa e representante do Exército), brigadeiro Pizarat Correia (comandante da Região Militar do Sul e representante do Exército), capitão-de-fragata Almeida e Costa (representante da Armada), capitão-de-fragata Vitor Crespo (representante da Armada), capitão-tenente Martins Guerreiro (representante da Armada), tenente-coronel Costa Neves (representante da Força Aérea), major-piloto-aviador Canto e Castro (representante da Força Aérea), major Melo Antunes (presidente da Comissão Constitucional e representante do Exército), major Vitor Alves (representante do Exército), capitão Sousa e Castro (porta-voz do Conselho da Revolução e representante do Exército), capitão Marques Júnior (representante do Exército).

Abandonam o Conselho da Revolução o general Costa Gomes e o almirante Pinheiro de Azevedo.

Segundo a Constituição da República Portuguesa o Conselho da Revolução tem funções de Conselho do Presidente da República e de garante do regular funcionamento das instituições democráticas, de garante do cumprimento da Constituição e da fidelidade ao espírito da Revolução portuguesa de 25 de Abril, e de órgão político e legislativo em matéria militar.

Na qualidade de Conselho do Presidente da República e de garante do regular funcionamento das instituições democráticas compete ao Conselho da Revolução aconselhar o Presidente da República no exercício das suas funções, autorizá-lo a declarar a guerra e a fazer a paz, a declarar o estado de sítio ou o estado de emergência em todo ou em parte do território nacional, a ausentar-se do País e declarar a impossibilidade física e permanente do Presidente da República e verificar os impedimentos temporários do exercício das suas funções.

Como garante do cumprimento da Constituição, compete ao Conselho da Revolução pronunciar-se, por iniciativa própria ou a solicitação do Presidente da República, sobre a constitucionalidade de quais-

quer diplomas e declarar a impromulgados ou assinados, velar pela emissão das medidas necessárias ao cumprimento das normas constitucionais, podendo para o efeito formular recomendações e apreciar a constitucionalidade de quaisquer diplomas e declarar a inconstitucionalidade com força obrigatória geral.

Como garante da fidelidade ao espírito da Revolução Portuguesa, compete ao Conselho da Revolução pronunciar-se junto do Presidente da República sobre a nomeação e a exoneração do Primeiro-Ministro e sobre o exercício do direito de veto suspensivo.

Finalmente, na qualidade de órgão político e legislativo em matéria militar, compete ao Conselho da Revolução fazer leis e regulamentos sobre a organização, o funcionamento e a disciplina das Forças Armadas (matéria da sua exclusiva competência) e aprovar os tratados ou acordos internacionais que repetem a assuntos militares.

Os actos legislativos ou regulamentares do Conselho da Revolução revestem a forma de decreto-lei (com valor idêntico ao das leis da Assembleia da República ou decretos-leis do Governo) ou de decreto regulamentar (com valor idêntico aos decretos regulamentares do Governo). Todos os demais actos revestem a forma de resolução e são publicados independentemente de promulgação pelo Presidente da República.

Povo da Ribeira Seca içou bandeira de luto pelo afastamento do pároco

FUNCHAL, 19 — O povo da Ribeira Seca içou duas bandeiras — uma negra e outra vermelha — num mastro defronte da igreja, após o padre Martins, pároco da localidade, ter anunciado que se iria «afastar para meditar».

O padre José Martins Júnior, conforme noticiámos, está a ser novamente pressionado pelo bispo do Funchal para abandonar a paróquia, onde se encontra há seis anos.

Com o içar das bandeiras, os paroquianos quiseram demonstrar luto pelo afastamento do padre, e decisão de continuar a luta.

Aliás, o afastamento do pároco, desde sempre em desacordo com o bispo da diocese, não significa, necessariamente, o acatamento das or-

dens de D. Francisco Santana, que nomeou outro sacerdote para tomar conta da paróquia. Aos seus paroquianos, o padre Martins disse que se iria «afastar para meditar».

Entretanto, o povo de Ribeira Seca não transige: enquanto o seu pároco se decide pelo recolhimento, algures, os paroquianos vigiam a pequena igreja e afirmam-se dispostos a não consentir que outro sacerdote venha ocupar o lugar do padre Martins. Uma certa ansiedade a poucas horas da sessão inaugural da Assembleia Regional da Madeira: o bispo pretende que o padre Martins (eleito deputado «independente» pela U. D. P.) não desenvolva actividade política e não compareça, portanto, no hemisfério. A Assembleia abre às 18 horas (locais).

COM VINHO, MUSICA E FOGUETES

C.D.S. comemorou segundo aniversário

O CDS comemorou em Mangualde, terra natal de Galvão de Melo, o segundo aniversário da sua fundação como partido. Além de Basílio Horta, Amaro do Costa e Galvão de Melo, estiveram presentes diversos dirigentes e representações distritais.

Depois da missa no Santuário da Senhora do Castelo, os políticos do CDS tomaram parte num arraial e assistiram à exibição de ranchos folclóricos e a um baile que se prolongou até de madrugada.

Em confidência com alguns amigos, o general Galvão de Melo declarou que aquele era o seu último acto político, pois precisava de retirar-se da cena política. A declaração deixou perplexos alguns convidados. Pouco depois Galvão de Melo, confirmando que «realmente precisava de descansar», disse que punha à frente dessa afirmação reticências, pois ainda não o deixam passar à reforma. Uma grande salva de foguetes precedeu o apagar das velas de um bolo gigante, oportu-

nidade que Amaro da Costa aproveitou para dirigir «palavras de estímulo ao público presente, para que este não desanimasse na luta de vencer todos os obstáculos para rapidamente atingirem a meta final, meta que afinal seria a vitória de todo o Povo português».

Foi lida depois uma mensagem do prof. Freitas do Amaral que, por motivos de saúde, não esteve presente mas se associou em espírito à comemoração dos dois anos oficiais do CDS.

NOMEAÇÕES PARA O CONSELHO NACIONAL

Na sua última reunião o Conselho Nacional do CDS elegeu para seu presidente, Pedro de Vasconcelos, membro do secretariado da Comissão Política; para vice-presidente, Emídio Leitão Paulo, deputado pelo distrito da Guarda e Leal Loureiro, para presidente da Comissão Executiva Distrital de Viseu.

GRANDE EXPOSIÇÃO A JUVENTUDE SOVIETICA

Lisboa
SNBA - Soc. Nacional de Belas Artes
de 1 a 18 de Julho
Porto
Palácio Cristal
de 23 de Julho a 8 de Agosto
Faro
Escola Industrial e Comercial
de 13 a 28 de Agosto



QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário de estilo, estatuas, bibelets e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL.
Av. da República, 12
(junto estação metro Saldanha).

MAPLES FABRICANTE

tem em exposição e fabrica todos os modelos

REQUINTE

Av. Almirante Reis, 110
(Perto Pr. do Chile)

post-scriptum

Uma exilada espanhola e as execuções de Luanda

Quero expressar nesta carta a dor, a indignação que produziu em todos os antifascistas espanhóis o tratamento dado na imprensa portuguesa à execução dos mercenários em Luanda.

Salvo honrosas excepções, quase todos os jornais colocaram no mesmo plano estas execuções e as decretadas em Espanha o ano passado. Poderíamos compreender um protesto baseado em considerações humanitárias, em favor da abolição universal da pena de morte.

Digo poderíamos, porque também me parecem dignas de respeito as razões do Governo de Luanda, que sacrificando os seus interesses imediatos — pois esta decisão vai trazer-lhe represálias como já anunciou o departamento de Estado norte-americano — fez prevalecer considerações de solidariedade internacional com os Movimentos de Libertação e povos do mundo inteiro contra os quais o imperialismo utiliza e utilizará os mesmos mercenários, como vem sendo prática constante nos últimos anos (ver Iemen, Biafra, Zaire, etc.).

O que nos parece monstruoso é colocar ao mesmo nível espanhóis que sacrificaram a sua vida, sem esperança de qualquer vantagem pessoal, em favor de uns ideais compartilhados pela maioria do povo e que apenas recorreram à violência — admitindo a veracidade das teses do regime de Franco, muito contestada por sectores de opinião insuspeitos na simpatia para com as vítimas — por não terem outra solução, com uns indivíduos que foram vender-se em país estrangeiro e que confessaram ter como únicos motivos — o dinheiro.

Esperávamos de um país que pagou com sangue, dor, torturas a causa da liberdade, da democracia, do antifascismo, mais compreensão para outros combatentes menos afortunados e mais respeito pelo luto das suas famílias. Indigna-nos, «a posteriori», esta justificação dos crimes do franquismo que, na altura das execuções, encontraram um repúdio unânime na opinião portuguesa. Quanto aos mercenários, parece-me que os apelos humanitários em seu favor se devia acompanhar da condenação inequívoca da instituição do mercenarismo, ressurgida da Idade Média, que não faz mais do que aprofundar o abismo que separa a prática de certos regimes e de sistemas que aspiram a paz universal.

Mercenários, exércitos profissionais, forças repressivas especializadas, são tudo manifestações da impossibilidade de mover certas acções bélicas em nome de motivações idealistas. No caso dos Estados Unidos é muito significativo que este país não seja capaz já de mobilizar manifestações de massas em apoio às suas intervenções externas e de ingerência na vida interna de outros países como ainda foi possível quando da sua intervenção na Coreia. O próprio povo norte-americano tem já muitas reservas em acreditar que os seus jovens são enviados a morrer longe da sua pátria, em defesa exclusiva da liberdade, da democracia e até mesmo das atitudes agressivas para com os EUA dos «comunistas». No caso concreto de Angola, estou convencida que a ter-se realizado nem que fosse uma única manifestação popular, mais ou menos espontânea, a favor dos mercenários, ou mesmo contra a intervenção cubana, as agências norte-americanas não teriam resistido ao desejo das dar a conhecer a todo o mundo.

Se a imprensa portuguesa quer estabelecer paralelos, como é que não lhe ocorre sublinhar que se não existe em toda a África Austral um clima favorável à clemência há que atribuir a responsabilidade primeira aos poderes estabelecidos no subcontinente? Como é que não se assinala o pouco eco merecido pelas campanhas movidas por autoridades religiosas, intelectuais, etc., contra as centenas de execuções levadas a cabo pelo Governo de Vorster? Se devemos encaminhar-nos para a abolição da pena de morte, como é que não se exige o exemplo das nações que se orgulham de ser as mais «antigas» e, segundo elas, defensoras da civilização europeia contra os «bárbaros»? Caso os jovens Estados africanos se decidissem a dar provas de clemência, seria isto interpretado como um exemplo a seguir ou como um novo êxito da política de intimidação e chantagem a que estão submetidos estes governos?

Peço-lhe desculpa por este «desabafo» movido pela indignação. Afortunadamente, posso assegurar-lhe que o povo espanhol não se sente ofendido, pois conhece por experiência os copartidos políticos que tantas vezes se conseguem impor à mais elementar verdade, a mais humana justiça. Estamos convencidos que a História já julgou o franquismo e que estas torpes manobras não alteram o seu veredicto.

N.D.

(A autora desta carta é uma antifascista espanhola que passou alguns anos nas cadeias franquistas).

Que moral e que civilização?

É deveras surpreendente a tomada de posição dos EUA e da Inglaterra pela sorte dos mercenários que actuaram em Angola.

Pergunta-se:

Que fizeram e que têm feito pela sorte de milhares de chilenos mortos impiedosamente por Pinochet?

Que fizeram pela morte dos esquerdistas em Espanha?

E no Vietnam, no Brasil, na América Latina em geral, em África?

Na morte impiedosa na cadeia eléctrica nos EUA?

Que fizeram para evitar a morte e sofrimento no célebre campo do Tarrafal, no tempo do fascismo?

E vêm agora tomar posição com ameaças, umas declaradas, outras veladas, contra o Estado angolano.

Qual é a moral e a civilização dos EUA para se imporem e darem lições a outros Estados que lutam pelo fim da miséria, do colonialismo, enfim, da exploração do homem pelo homem?

António Gomes Costa — PORTO

O QUEBEC AGITA-SE

Philippe de Saint-Robert

A rainha de Inglaterra, protegida por dez mil polícias e soldados, inaugura a 17 de Julho os Jogos Olímpicos de Montreal. Falará em francês, o que não será uma grande consolidação para os quebequeses, ainda chocados por Giscard d'Estaing ter falado inglês, mesmo na Louisiana.

De facto, pode dizer-se que a situação política é explosiva no Quebec e muito pouco segura em Ottawa. Nada está muito seguro no Canadá. As relações entre aquilo a que se convencionou chamar as duas «nações fundadoras» são mais tensas do que nunca. Pode dizer-se que isso é uma constante há já dois séculos. Mas parece-me que se está a entrar numa fase aguda que pode prolongar-se durante alguns anos, fase essa finda a qual o Quebec ascenderá à soberania internacional e obterá os verdadeiros meios de independência cultural, ou então será reduzido, tal como outras comunidades francófonas da América a uma lamentável sobrevivência folclórica. Ora, de todas essas comunidades, o Quebec é, sem dúvida, a única a ter, devido à sua força de vontade e às suas dimensões, meios para superar tal ameaça.

O desenvolvimento apressado que Trudeau pôde operar nos primeiros tempos, à volta de um pseudonacionalismo federal, perdeu a força porque Trudeau fracassou, como era de esperar, na parte principal do seu programa, que era impor o bilinguismo a todo o Ca-

adá. Na verdade não se compreende por que razão as pessoas de Toronto ou de Vancouver (tão afastadas de Montreal como o estáo do Havre), iriam aprender o francês, que não utilizariam. Mesmo ao nível das estruturas federais, o facto de os anglofonos de Air Canada se recusarem a aplicar o bilinguismo, sob falsos pretextos de segurança (recusa esta cuja intolerância chega a pontos de proibir aos aviadores francófonos que falem francês entre si na cabina de pilotagem, assim como aos pilotos francófonos de falar francês com a torre de controlo de Montreal, «a segunda cidade francesa do Mundo»), mostra que o espírito dos canadianos anglofonos está bloqueado e não pode conceber a igualdade real entre duas culturas, cuja equivalência não vamos aqui demonstrar.

Trudeau fracassou não só devido à natureza das coisas mas devido à sua própria natureza. Ele quis introduzir nesse sistema federal que só poderia manter-se com grande maleabilidade, uma ponta de jacobinismo bem francês. Foi como se serrasse o ramo onde tinha feito sentar o seu aliado Robert Bourassa, actual primeiro-ministro do Quebec. Ora, de Maurice Duplessis a Daniel Johnson, passando por Jean Lesage, os primeiros-ministros do Quebec só puderam existir face ao poder federal, obtendo «qualquer coisa» de Ottawa. Com Bourassa, pelo contrário, o Quebec não deixa de perder

em autonomia sem nada ganhar em igualdade, o que nos traz à memória a alternativa posta por Daniel Johnson em 1966: «Igualdade ou independência». Com o seu fracasso, a equipa Trudeau começa a ser conhecida por **French power** pelo anglofonos, enquanto que os naturais do Quebec responsáveis dizem que seria preferível ter à testa do governo federal um anglofófono com quem pudessem discutir claramente.

Bourassa, pública e por vezes grosseiramente criticado por Trudeau, está pois cada vez mais desacreditado. Em todo o caso tem duas coisas no seu activo — contra a sua vontade, dizem os inimigos: a recusa do Quebec ver repatriar a Constituição, cujos instrumentos continuam em Westminster, e a famosa lei 22, que faz do francês a língua oficial e privilegiada do Quebec. Mas as batalhas estão longe de estar ganhas. Mesmo em Montreal, a anglomanía prospera, e a grande maioria da migração deixa-se assimilar. Trudeau ameaça por fim repatriar a Constituição sem pedir a opinião das províncias: seria um golpe de força, mas ele já fez outros.

O tempo corre portanto, e todos o sentem ou o sabem. É por isso que os últimos votos e as últimas sondagens indicam, tendo em vista a importante minoria anglo-quebequense (20 por cento), que a grande maioria dos francófonos já penderam para o lado

dos partidários da independência. Estes só eram 8 por cento nas eleições de 1966; em 1970 o partido quebequense reuniu 24 por cento dos sufrágios, e 30 por cento nas de 1973.

Bourassa falava de «soberania cultural» e fizera a sua campanha à volta disso. A sua experiência infeliz demonstrou que não havia soberania cultural possível sem independência política. Acrescente-se a isto o descontentamento geral devido a uma crise económica que afecta mais particularmente o Quebec, o desemprego que daí resulta, a acção permanente dos sindicatos, dos professores, dos estudantes e das camadas mais jovens da função pública, por fim o bilião de dólares de défice, inteiramente à custa do Quebec, devido à operação de prestígio querida pelo **maire** Jean Drapeau, por altura dos Jogos Olímpicos.

Os dirigentes do partido quebequense (René Lévesque, o chefe «carismático» e Jacques-Yvan Morin, o chefe parlamentar) sabem perfeitamente que se arriscam a ser levados ao Poder muito mais devido ao descontentamento a que acabo de me referir, do que por ideologia «separatista». De resto, recusam o termo de separatismo, visto que a independência que pretendem instaurar não implica ruptura com o resto do Canadá, na medida em que o Quebec quer constituir com ele um mercado comum económico.

Continua na pág. 4

KHARTUM MAIS PERTO DO CAIRO

Michel Pinot

ARGEL — (IPS) — O corte de relações entre a Líbia e o Sudão e a violação da troca de acusações entre os dois países a partir do falhado golpe de Estado contra o presidente sudanês Jafar El Numeiry, constituem um sintoma importante da deterioração das relações líbio-egípcias e evidenciam as dificuldades crónicas dos países árabes em avançar para uma unidade de acção mais efectiva no plano internacional.

A decisão do Sudão de cortar relações com a Líbia foi anunciada precisamente quando culminavam em Port Louis os debates da Cimeira Africana. O chefe de Estado do Sudão veio pessoalmente à reunião de Port Louis denunciar, perante os outros dirigentes africanos, o Governo líbio pela sua alegada participação na intenção que visava derrubá-lo. Pouco depois tornou-se conhecida a decisão de expulsar do país um numeroso grupo de técnicos líbios que tinham sido contratados pelo Ministério da Agricultura do Sudão e pela Comissão Líbio-Sudanesa para Problemas Agrícolas.

No entanto, e sendo já conhecidas a dureza das acusações formuladas por Numeiry perante a assembleia africana, a medida não causou espanto especial. O dirigente do Sudão responsabilizou a Líbia pela «organização» da invasão contra o meu país», referindo-se ao golpe falhado, e exigiu que os países membros da OUA «tomassem as medidas consideradas apropriadas para fazer voltar a Líbia à razão».

Segundo Numeiry, os que tomaram parte na alegada inva-

são contavam com morteiros pesados, canhões antiaéreos e mísseis antitanques, além de cinquenta camiões pesados especialmente equipados para a travessia do deserto.

Afirmou ter em seu poder provas de que a Líbia «recrutou mais de dois mil mercenários na Etiópia, Mali, Chad, Zanzibar e Sudão, os treinou no seu território, equipou-os com armas automáticas e introduziu-os no Sudão numa operação que se prolongou por todo um dia». A denúncia de Numeiry foi ainda mais além, declarando que o golpe tinha como objectivo substituir a sua figura por Sadik Al Mahdi, sobrinho de Imman Al Mahdi, um dirigente muçulmano sudanês, que tem participado na oposição a Numeiry desde que este ascendeu ao poder.

No entanto, numerosas interrogações sobre os acontecimentos desse dia ficaram sem resposta. Na opinião dos observadores e dirigentes que ouviram, à porta fechada, a denúncia de Numeiry, este facto explica que, apesar do esforço pessoal do dirigente sudanês, a Assembleia Cimeira dos Países Africanos tenha acabado por não se pronunciar sobre a questão e Numeiry regressasse a Khartum com as mãos vazias.

Em qualquer caso, o principal êxito diplomático que obtivera já quase parte do programa: fora do recinto das sessões, entrevistou-se durante duas horas e meia com o vice-presidente egípcio Sayd Husni Musarak, que ratificou o apoio à solidariedade do seu país para com o Governo sudanês. De acordo com a informação procedente de Port

Louis, Numeiry mostrou ao vice-presidente egípcio e aos jornalistas desse país numerosas fotografias testemunhando cenas da invasão líbia, enquanto o alto funcionário do Cairo manifestava a sua tristeza ao ter conhecimento das notícias da invasão, tal como mais tarde sentira satisfação ao saber que a tentativa tinha fracassado.

Por seu lado, os delegados da Líbia na Cimeira Africana repetiram os termos da declaração difundida um dia antes pelo Governo de Abdu Salam Jalloud, frente às primeiras acusações oficiais do Sudão, apresentadas na Liga Árabe e no Conselho de Segurança da ONU.

O conteúdo desta declaração não era mais amistoso: «A República Árabe Líbia afirma-se — salvou o presidente Numeiry e os seus colegas da prisão, em 1971, e reinstalou-os no poder, mas os governantes sudaneses demonstraram a sua «gratidão» com repetidas acusações contra a Líbia. O que sucedeu no Sudão — continua — não foi um golpe, mas uma insurreição popular, como foi admitido pela emissora desse país ao dizer que partes do Sudão ainda estavam sobre o controlo das massas populares que se lançaram na rebelião».

O Governo líbio qualificou de «ridícula» a acusação do Sudão e desafiou Khartum a «apresentar qualquer soldado ou indivíduo líbio que tivesse participado na insurreição». Por último, insinuou a classificação de «fascistas» para o regime de Numeiry e advertiu de que «a qualquer regime árabe que se oponha às massas espere a revolução».

E provável que ambos os governos continuem a trocar acusações, tal como é também provável que o sangue não chegue ao rio. Na opinião dos observadores locais mais familiarizados com os problemas políticos da área, a confrontação entre a Líbia e o Sudão faz parte, na realidade, da velha disputa entre a Líbia e o Egipto, uma disputa que se estende ao terreno das relações com os vizinhos comuns. Alguns recordam que, precisamente em 1971, o Governo do coronel Nuamir Gheddafi apoiou activamente Jafar El Numeiry, que estava a ponto de ser derrubado numa revolta interna que — segundo foi então denunciado — contava com a simpatia do Cairo. Agora, os tempos invertiram-se.

No contexto global do mapa árabe, outros factores contribuem para esclarecer o significado destes episódios. Há cinco anos, quando o Egipto mantinha relações cordiais com a União Soviética, a revolta contra Numeiry também contava com a adesão do Partido Comunista Sudanês. Mas foi a profunda mudança que ocorreu nas relações entre o Egipto e a União Soviética e a notória aproximação daquele em relação aos Estados Unidos o que permitiu ao Governo líbio classificar o apoio egípcio a Numeiry como «uma manobra do imperialismo».

O certo é que, nos últimos tempos, a influência egípcia no Sudão voltara a crescer. O corte com a Líbia reforça esta influência e aproxima ainda mais o país da estratégia política do Egipto na região.

SINDICATO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA DO DISTRITO DO PORTO

Os Delegados Sindicais reunidos em 14/7/76 no Círculo Católico, por unanimidade e aclamação, aprovaram a seguinte MOÇÃO:

- 1 — Considerando que o problema energético existente no nosso País, reflectido actualmente nos cortes de energia eléctrica, não é mais nem menos que o fruto de uma situação criada por uma política baseada em total falta de planificação relativa às carências concretas;
- 2 — Considerando que em várias empresas se verifica divisão entre trabalhadores porque as entidades patronais obrigam a mudanças profundas de horários de trabalho, criando dificuldades familiares quase inultrapassáveis, principalmente às mulheres trabalhadoras;
- 3 — Considerando que estas situações são totalmente alheias às responsabilidades e vontade dos trabalhadores;
- 4 — Considerando que se processa neste País uma política de gabinetes em que os trabalhadores são informados das deliberações sem serem consultados para dar opiniões;
- 5 — Considerando que a aprovação pelo VI Governo dos Dec.-Leis 422/76, 530/76 e outros que, além de inconstitucionais, pois violam o disposto no Art.º 58.º al. a) da Constituição da República, são medidas anti-populares e anti-operárias, contra os trabalhadores e a favor da recuperação capitalista;
- 6 — Considerando que a construção da projectada Central Nuclear prejudicará as indústrias portuguesas — dado que não existe qualquer equipamento nas empresas nacionais que permitam a recepção de energia nuclear (atómica) e até porque a construção de tais equipamentos levaria dezenas de anos a construir — e porá em perigo a Independência Nacional, bem como terá como consequências a destruição de animais e plantas e provocará graves doenças de carácter físico e psíquico às populações;
- 7 — Considerando que estas medidas se inserem na tentativa das forças de direita no sentido de esmagar as conquistas dos trabalhadores após o 25 de Abril;
- 8 — Considerando que abdicar de uma luta imediata de resistência à recuperação capitalista é abrir as portas ao regresso ao fascismo, EXIGIMOS:
 - 1.º Que os tempos de paralização sejam pagos integralmente pelas entidades patronais saindo nota oficiosa a demarcar esta obrigação evitando assim interpretações ambíguas, tal como a última nota oficiosa emitida pelo Ministério do Trabalho.
 - 2.º Que sejam proibidas as alterações dos horários de trabalho na medida em que se entra em contradição (ou há falta de energia e pára-se, ou há energia e não é necessário parar, pois as horas extraordinárias resultam em consumo igual ou maior de energia).
 - 3.º Que a Secretaria de Estado da Energia e Minas promova uma discussão sectorial imediata para estudo dos problemas, graves, possibilitando assim uma informação que permita algumas medidas de austeridade que sejam efectivamente imprescindíveis.
 - 4.º Revogação ou declaração de inconstitucionalidade dos Dec.-Leis citados e participação dos organismos sindicais na discussão de todas as medidas de carácter económico e do trabalho, não na perspectiva da recuperação capitalista, mas sim na perspectiva do Socialismo, conforme a Constituição.
 - 5.º Que se ponha de lado a hipótese da construção da Central Nuclear — aliás reprovada pela população de Peniche — como contrária aos interesses nacionais.

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA CONVOCATÓRIA

A FIM DE DAR CONTINUAÇÃO À ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA INICIADA EM 14/7/76 CONVOCAM-SE TODOS OS ASSOCIADOS A COMPARECER NO PRÓXIMO DIA 21 DE JULHO DE 1976 (QUARTA-FEIRA), PELAS 21 HORAS, NO TEATRO MARIA MATOS, PARA CONCLUSÃO DOS PONTOS DA ORDEM DE TRABALHOS AINDA POR DEBATER E QUE SÃO OS SEGUINTE:

- 3 — GITUS
 - a) Informações
 - b) Medidas a tomar
- 4 — A Luta dos AGENTES DE NAVEGAÇÃO TRANSITÁRIOS E TRÁFEGO
 - a) Suspensão de 4 associados
 - b) Baianço da greve
 - c) «Fura greves»
- 5 — INTERSINDICAL Nacional
 - a) Informações
 - b) Sobre a reentrada ou não para a Intersindical
 - c) Medidas a tomar

**Por Um Sindicato Democrático!
Pelo Poder das Assembleias!
Luta! Unidade! Vitória!**

Lisboa, 15 de Julho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
J. Carreira

Geral O QUEBEC AGITA-SE

Continuação da pág. 3

co. Na preocupação de tranquilizar os hesitantes, o partido quebequense, afirma não proclamar unilateralmente a independência: a sua intenção é negociar com Ottawa, e só se essas negociações se revelarem impossíveis ou infrutíferas é que o Governo procederá através de um referendo à proclamação da independência. Ottawa teria então a responsabilidade do facto. Duvido de que os fanáticos de um federalismo cada vez mais impossível ainda possam, nesta altura, fazer passar os dirigentes quebequenses por extremistas que, na verdade, não são.

O federalismo canadiano é impossível porque a nação francesa o vê como colonialismo. Se o sistema tivesse federado, em pé de igualdade, a nação canadiana inglesa e a nação canadiana francesa, teria sido diferente. Em lugar disso a nação federa de dez províncias, a principal das quais, o Quebec, com os seus seis milhões de habitantes, é minoritária em relação a um conjunto de nove províncias anglófonas, algumas das quais são tão irreais como o Novo Brunswick, com os seus quinhentos mil habitantes (40 por cento dos quais francófonos prometidos à assimilação) e a ilha do príncipe Eduardo, que tem cem mil.

Como sempre, a colonização económica está a par da colonização cultural, de que é, de resto, o instrumento mais eficaz. Mas, desde 1960 — data da «revolução tranquila» do Governo Lesage, o Quebec entrou, por sua vez, na era industrial. Ele descobriu a riqueza dos seus recursos naturais e a latência dos seus recursos humanos. O Quebec sabe que poderia determinar os investimentos estrangeiros a reinvestir tudo o que convém ao desenvolvimento do país, e pôr fim aos comportamentos abusivos

a que está actualmente exposto.

Que vai então passar-se? O governo Bourassa é livre de escolher o momento das próximas eleições, à maneira anglo-saxónica. A sua cotação é tão baixa que teria interesse em afastar este momento. Mas, a partir do próximo ano, a entrada em vigor de uma nova carta eleitoral aumentará o perigo em que se encontra. É portanto possível que ele tente, no próximo Outono, guardar a todo o preço uma maioria frágil. O partido quebequense conta ser, de qualquer modo, bastante forte, tanto para determinar novas eleições, que venceria, como para levar os liberais a fazer, de certo modo, a sua própria política. Quanto às reacções de Ottawa, todos se interrogam. Alguns não excluem, como durante os acontecimentos de Novembro de 1970, uma ocupação militar do Quebec pelas tropas federais. Mas se uma tal intervenção pode ter uma aparente justificação num ou em dois actos de terrorismo, como poderia ela ser admitida contra a vontade livre e democraticamente expressa de todo um povo? Outros pensam que os princípios nos quais repousam os sistemas anglo-saxónicos, não poderiam ser tão renegados, e pensam mesmo que a Inglaterra, preocupada com a sua imagem de marca de «descolonizador modelo», teria um papel moderador, ao passo que os Estados Unidos, que, no fim de contas, não podem orgulhar-se muito com Ottawa, ficariam neutros.

Aconteça o que acontecer às probabilidades que aqui apresentamos, é evidente que a França — dadas as responsabilidades históricas, tanto negativas como positivas que tem no destino da Nouvelle France — não pode permitir-se não ter política. Se se perguntasse aos

quebequenses o que esperam da França, veríamos que uma longa experiência os ensinou a ser discretos. No entanto, o «maire» de Montreal, que não pertence a uma geração muito dada ao «independentismo» respondeu-me há dias a essa pergunta, com algumas palavras edificantes:

«Não esperamos da França mais do que o resto do Mundo espera. Esperamos que seja forte e que exista. Porque se a França existe temos uma justificação para continuarmos a ser o que somos. Sabemos que não somos uma espécie de tribu irredentista como por vezes aqui nos querem fazer crer, mas que pertencemos a uma civilização que tem a sua própria universalidade.»

E a França não precisa que o Quebec exista? O seu exemplo lembra-nos que não há civilização nem cultura que se mantenham, desde que não haja liberdade e portanto independência e logo soberania política. Em Março de 1839, Alfred de Vigny assistia em Londres, na Câmara dos Lordes, à discussão acerca do famoso relatório de «Lord» Durham sobre a «necessidade absoluta de abafar uma nação francesa de 450 000 almas». «Era pois dessa nacionalidade moribunda que se tratava nesse dia, no Parlamento. Falava-se friamente de lhe dar o golpe final, diante de mim, francês desconhecido...», escreve Vigny. «Oh atenienses de Paris, compatriotas meus, oh atenienses sem aticismo, quantas vezes vos contei esta história para vos ensinar o que é o Canadá e a vida dos seus habitantes e o seu futuro infortunio. Por que não me perguntam o que fizeram e o que fez Philippe?».

Mas nós próprios talvez desejemos tornar-nos macedónios.

© LE MONDE

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

C. C. T. RAMO AUTOMÓVEL
Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios
FÉRIAS E SUBSÍDIO DE FÉRIAS

De acordo com o C. C. T. acordado, entra em vigor já no ano de 1976 o novo esquema: «A todos os trabalhadores serão concedidos anualmente e sem prejuízo da sua retribuição por inteiro, um período de 30 dias de férias de calendário».

Antes do início das férias, os trabalhadores receberão da entidade patronal um subsídio igual a 100% da retribuição, correspondente ao respectivo período de férias.

TABELA SALARIAL

A tabela salarial produz efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1976, entrando imediatamente em vigor.

Outras informações serão fornecidas no Sindicato

Lisboa, 16 de Julho de 1976

PELA DIRECÇÃO
Joaquim de Luz

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infante 16, 55-C — LISBOA

Rádio Marconi em Angola

Durante o próximo mês de Setembro a Companhia Portuguesa Rádio Marconi apresentará ao Governo da República Popular de Angola, os primeiros projectos de apoio técnico e de contratos de cooperação no campo das telecomunicações.

A última fase das conversações entre os representantes da RPA e da CPRM terminou no passado dia 2 em Luanda. Das conversações saiu um documento, que será estudado pelos governos angolano e português, onde estão descritas as formas de serviço a serem prestados pela Marconi.

Além dos planos relativos à cooperação a curto e amédio prazo, o documento apresenta o estudo das modalidades de apoio técnico sobre comunicações domésticas angolanas e a hipótese de um acordo referente a tarifas preferenciais, que poderá ser estabelecido.

CURSOS DE VERÃO INSCRIÇÕES ABERTAS

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

FRANCÊS — INGLÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS
PARA ESTRANGEIROS
AV. DA REPÚBLICA, 14
— TEL. 53 37 33

Militantes do P.C.P. analisaram a evolução da Reforma Agrária

Com a presença de Álvaro Cunhal, António Gervásio, Dinis Miranda, Dias Lourenço, e Américo Leal, decorreu durante todo o dia de ontem, na Junta Nacional dos Produtos Pecuários da Horta do Bispo, em Évora, uma reunião de trabalhadores e técnicos agrícolas, militantes do Partido Comunista Português.

Na reunião, que teve por fim debater e analisar os problemas respeitantes à evolução da Reforma Agrária, participaram ainda o eng.º Vítor Louro, secretário de Estado da Estruturação Agrária, militantes comunistas dos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas dos distritos de Beja, Évora, Faro, Portalegre, Setúbal, Lisboa e Castelo Branco, e quadros das Ligas dos Pequenos e Médios Agricultores dos três distritos alentejanos. Na qualidade de convidados estiveram presen-

tes no encontro elementos dos Centros Regionais da Reforma Agrária, do Movimento de Rendeiros do Norte e da Intersindical.

Os trabalhos começaram com uma intervenção de António Gervásio, membro do Comité Central do PCP, que fez o ponto da situação em que se encontra a Reforma Agrária. Em seguida houve outras intervenções canalizadas para temas relacionados com a organização partidária e ainda para outras questões de carácter geral. Um dos pontos abordados foi a necessidade de se manter a organização unitária das cooperativas agrícolas, para se evitar o isolamento de qualquer unidade colectiva de produção. Também foi analisada a situação do trabalhador agrícola perante a UPC em que participa relativamente à política de salários e regalias sociais.

Lopes Cardoso foi ao Alentejo

O eng. Lopes Cardoso esteve ontem na herdade da «Defesa de Cima», em Torre dos Coelhos, acompanhando militantes da Juventude Socialista que ali organizaram uma jornada de convívio.

Ao mesmo tempo o ministro da Agricultura visitou as instalações daquele complexo agro-pecuário e inteirou-se dos trabalhos agrícolas em curso.

Militantes da J.S. da Amado-

ra, dos Anjos e de Arroios conviveram com os trabalhadores rurais, discutindo com eles questões relacionadas com a Reforma Agrária.

Lembramos que a Herdade de «Defesa de Cima» considera-se como do Partido Socialista, tendo recebido, depois das eleições presidenciais a visita do general Ramalho Eanes, que ali almoçou a convite dos trabalhadores.

Seminário P.S. sobre condição da mulher

A concretização prática da igualdade de direitos em relação ao homem, que a Constituição consagra, esteve na base de um seminário que o Núcleo da Condição Feminina do Partido Socialista organizou durante o fim-de-semana.

«O problema da libertação da mulher é eminentemente político, afirmou uma das participantes no seminário, «pelo que a libertação não pode surgir de um movimento feminista isolado e não integrado numa ideologia».

A sessão de abertura, na manhã de sábado, que contou com a intervenção de Maria Barroso, abordou as condições do estabelecimento de uma comissão a nível governamental, que possa dar um contributo para o problema da condição feminina. A propósito da existência de departamentos governamentais, a nível de Secretarias de Estado para a Condição Feminina, como se observa em diversos países, as responsáveis do seminário salientaram que as estruturas ca-

pitalistas «têm tendência para recuperar a libertação da mulher para o sistema», através de medidas que não conduzem à «verdadeira participação da mulher na transformação da sociedade».

Amanhã, na sede do P.S., terá lugar uma conferência de Imprensa sobre «A Situação da Mulher no Tempo Presente», no decurso da qual serão tornadas públicas as conclusões do seminário.

Governador civil de Faro pede demissão

Pediu a demissão do cargo que ocupava o governador civil de Faro, dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato, militante do Partido Socialista.

Almeida Carrapato, que já em Maio passado manifestava a sua intenção de abandonar o cargo, que ocupava desde Outubro de 1975, foi o primeiro presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro depois do 25 de Abril.

Finanças da Carris em má situação

Apesar dos aumentos nas tarifas e da entrada em serviço de novos autocarros, a situação financeira da Carris ainda não está equilibrada.

De acordo com informações do último boletim interno da empresa, essas duas componentes provocaram um acréscimo nas receitas superior a 40 por cento mas, mesmo assim as despesas da exploração a pagar ultrapassaram as recei-

tas em 120 mil contos, no período de Janeiro a Maio do corrente ano. A diferença foi coberta em parte, por um subsídio não reembolsável no valor de 50 mil contos, proveniente do Fundo Especial de Transportes. Os encargos restantes estão ligados aos atrasos no pagamento aos fornecedores e à contribuição patronal à Caixa de Previdência.

Para o segundo semestre de 1976 os encargos com o pes-

soal estão calculados em mais de 600 mil contos, mas as receitas deverão atingir um total de 60 mil contos inferior a esta quantia e o défice será agravado ainda pelos encargos representados pela compra de combustível e materiais, pagamen-

to de serviços, impostos e outras despesas. O défice total previsto é de 243 mil contos.

Esta situação financeira não tem em conta possíveis revisões salariais incluídas no Contrato Colectivo de Trabalho em negociação.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Uma alternativa à pedagogia escolástica

A ligação da Universidade à realidade social e aos problemas e lutas das classes trabalhadoras, a transformação radical da pedagogia tradicional são alguns dos objectivos prioritários definidos no I Encontro Nacional de Extensão Universitária que se realizou durante o último fim-de-semana, no Instituto Superior Técnico.

Promovido por grupos de trabalho do IST, ISE e ISCSP, o encontro apresenta a extensão universitária como uma alternativa à «prática pedagógica escolástica» que, segundo elementos do comité organizativo do Encontro, continua a dominar na maior parte das nossas escolas.

Ainda no âmbito das conclusões, embora sem carácter vinculativo, foram constituídas bases de trabalho para as diversas faculdades e definidas como tarefas prioritárias a institucionalização das actividades de extensão nas escolas e a criação de secretariados regio-

nais nas zonas Norte, Centro e Sul.

ACESSO AO PRIMÁRIO CONTESTADO POR PAIS

PORTO, 19 — Um grupo de pais de alunos que só completam os seis anos a partir do dia sete de Outubro, apoiados por associações e comissões de moradores, anda a recolher assinaturas no sentido de ser solicitada ao MEIC a revogação de uma circular da Direcção-Geral do Ensino Básico. O grupo de pais pretende que, em síntese, as crianças que completem seis anos até Dezembro possam matricular-se no ensino primário no próximo ano lectivo.



Carris deficitária: que futuro?

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

Rua Joaquim António Aguiar, 66, 3.º, Esq. — LISBOA - 1

ENCONTRO NACIONAL DAS MULHERES TRABALHADORAS

A REALIZAR NO DIA 24 DE JULHO NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

ORDEM DE TRABALHOS

10H00 — Sessão de Abertura (Plenário).

11H00 — Início da discussão dos temas em debate:

- I Secção — A mulher trabalhadora na Indústria, agricultura e serviços.
- II Secção — A mulher trabalhadora na saúde e assistência.
- III Secção — A mulher trabalhadora na 3.ª idade.
- IV Secção — A participação da mulher trabalhadora na vida sindical.

13H00 — Interrupção para almoço.

14H30 — Recomeço dos trabalhos.

17H00 — Fim da discussão nas secções

18H00 — Aprovação das conclusões finais e sessão de encerramento do plenário.

Podem participar no Encontro as Uniões, Federações, Sindicatos, Comissões de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores (Art.º 1 do Regulamento).

A representação das associações sindicais, comissões de delegados sindicais e comissões de trabalhadores será constituída por trabalhadores devidamente credenciados por estas organizações, no limite máximo de 10 delegados por cada uma (Art.º 2 do Regulamento).

A participação no Encontro far-se-á mediante inscrição ATÉ AO DIA 21 DE JULHO DE 1976 (Art.º 6 do Regulamento).

DISCUSSÃO DAS TESES EM REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS
A REALIZAR AMANHÃ DIA 20 DE JULHO, PELAS 21 HORAS,
NA SEDE DO SINDICATO

Pel' A Direcção
(ilegível)

Pel' A Comissão de Mulheres
(ilegível)

ANÚNCIO ESCOLA NAVAL

ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval, aprovado por decreto n.º 454/70, de 1 de Outubro de 1970, anuncia-se a abertura, de 15 de Julho, às 16.00 horas, de 13 de Agosto, do concurso para a admissão dos seguintes cadetes:

Curso de Marinha	60
Curso de Engenheiros Maquinistas Navais	15
Curso de Administração Naval	4

As condições de admissão e as provas a prestar pelos candidatos constam de editais afixados na Escola Naval (Alfeite), Capitánias e Delegações Marítimas, Liceus e outros estabelecimentos de ensino.

ESCOLA NAVAL, Alfeite, em 7 de Julho de 1976.

O SECRETÁRIO,

Carlos Alberto Nunes Marques
Cap. ton. AN

PUB



SINDICATO DOS PROFESSORES

Rua das Gaivotas, 6 — Telef. 60 66 97
Rua do Conde Redondo, 22, 1.º — Telef. 55 65 30
— LISBOA —

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo presente Contrato Colectivo de Trabalho Vertical para um plenário a realizar na 2.ª feira, dia 19 de Julho de 1976 pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Esclarecimentos sobre a proposta vertical de revisão ao CCT.

NOTA: Este plenário realizar-se-á seja qual for o quorum alcançado.

OS SINDICATOS OUTORGANTES:

SINDICATO DOS TÊXTEIS
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS SERVIÇOS DE PORTARIA E VIGILÂNCIA E LIMPEZA
FEDERAÇÃO DO SUL DOS SINDICATOS DE INDÚSTRIA HOTELEIRA
FEDERAÇÃO REGIONAL DO SUL DO SINDICATO EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

PUB

SINDICATO DAS GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES

E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

Tendo-se realizado no dia 13 de Julho de 1976, uma reunião de Delegados deste Sindicato para se discutir a integração deste Sindicato nos Sindicatos Rodoviários foi presente à mesa que presidia aos trabalhos um abaixo assinado de trabalhadores que apóiam a integração. Mais foi presente uma proposta a qual foi aprovada por unanimidade e que abaixo se transcreve.

PROPOSTA

Os Delegados Sindicais deste Sindicato presentes no plenário de 13/7/76 pronunciam-se a favor do avanço do processo de integração e verticalização do nosso Sindicato, tendo em vista a unidade e força dos Trabalhadores delegando na actual Direcção todos os poderes para prosseguir com a maior rapidez com as negociações, contactando todos os Sindicatos a serem incluídos na Verticalização.

Lisboa, 13 de Julho de 1976

FOI APROVADA POR UNANIMIDADE

POR SINDICATOS VERTICAIS FORTES E OPERANTES
PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES
UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO — José Eduardo Marques Borges

Nacional

Otelo recebido na Curraleira como "presidente" dos explorados

Otelo juntou ontem no Bairro da Curraleira, a convite do G. D. U. P. local que, para receber o que foi «o candidato do 25 de Abril», organizou uma sardinhada e uma festa popular.

Logo a seguir à sua chegada, o major Otelo subiu para um estrado improvisado, sendo entusiasticamente aplaudido pelos presentes. Dali ouviu a saudação dos moradores do bairro, lida por um porta-voz membro do G. D. U. P., que afirmou: «Apesar de não ter sido eleito, o camarada Otelo continua a ser para nós, explorados e oprimidos, o nosso Presidente!»

A seguir ouviram-se fados, cantados por moradores pobres do bairro da lata e poesias de José Fanha. Otelo, impedido de usar da palavra em cerimónias públicas, manteve-se em silêncio, respondendo apenas àqueles que se lhe dirigiram pessoalmente.

FESTA EM SETÚBAL

Os G. D. U. P.'s de Setúbal também organizaram uma festa popular, na noite de sábado, que contou com a participação de José Afonso e do Grupo de Acção Cultural (G. A. C.) e que foi subordinada ao tema «Pelo direito à habitação».

Um membro da comissão concelhia de Setúbal dos G. D. U. P.'s, referindo-se aos objectivos da realização e ao movimento popular que se verifica em todo o País desde as eleições, afirmou: «Dezenas e dezenas de greves, paralisações parciais e manifestações, puseram já o povo em marcha. São as lutas pelos contratos colectivos, contra o desemprego, pelo Direito à Habitação, pela sindicalização e contra o fascismo. E mais adiante afirmou: «Cada um de nós deve inserir-se nesse grande movimento, pois é tarefa de todos os trabalhadores, independentemente da sua filiação partidária, o levantamento da

grande frente de massas populares e a luta pela realização, a curto-prazo, do Congresso dos GDUP's.

Entretanto, no Norte do País, perto de trezentos representantes de cerca de 50 GDUP's reuniram-se no Porto e em Matosinhos em plenários, para discutir a actual situação política e formas organizativas e de coordenação dos grupos.

Lutar por uma cada vez maior unidade, contra a escadaria reaccionária e fascista e na defesa das conquistas revolucionárias foram as principais conclusões de ambos os plenários.

25 DE NOVEMBRO

Advogados de vários militares detidos depois dos acontecimentos do 25 de Novembro darão amanhã uma conferência de imprensa, para troca de impressões com os meios de comunicação social sobre os anexos recentemente tornados públicos ao relatório oficial do 25 de Novembro.

Na reunião que se realizará na Casa da Imprensa, às 8 e 30, para além de juristas democráticos estarão também presentes alguns dos militares acusados de implicação naqueles acontecimentos.

PUB

EMPREGADOS DAS CONFECÇÕES PLANETA, LDA., (MAIDENFORM),

HOMENAGEIAM PATRÕES

EM FESTA DE ANIVERSÁRIO

A conhecida firma CONFECÇÕES PLANETA, LDA., com sede na Praça da Corujeira, 305, nesta cidade, acaba de festejar o 10.º aniversário da sua fundação.

Data marcante, que uma centena de empregados da empresa quis aproveitar para prestar homenagem aos respectivos patrões, em quem reconhecem raras qualidades de trabalho e organização.

Levando a ideia à prática, os funcionários das Confecções Planeta (que confecciona os produtos da Maidenform — Cintas e soutiens) realizaram ontem nas instala-

ções da firma, um beiberete seguido de baile e acto de variedades.

Presentes todos os empregados da empresa e familiares seus.

Como sinal perene de homenagem, foi descerrada uma placa comemorativa do 10.º aniversário da firma, placa que, como a festa em geral, foi produto da quotização dos empregados.

Por seu turno, a entidade patronal, que viu com muito apreço a homenagem, ofereceu a cada empregado uma medalha comemorativa do aniversário.

F.M.I. financia Portugal com dois milhões

O Fundo Monetário Internacional (F. M. I.) acaba de aprovar a concessão de um financiamento a Portugal da ordem de dois milhões de contos.

A respectiva soma destina-se a compensar as quebras das exportações portuguesas

Portugal utilizará assim metade da quota fixada, para o ano em curso, pelo F. M. I., como facilidade para debelar os problemas de pagamentos dos países essencialmente exportadores de matérias-primas mas que, no entanto, pode ser accionada por qualquer Estado desde que o se registre uma quebra de exportações por razões fora do seu controlo. Portugal encontra-se nestas condições, pois as exportações baixaram em volume cerca de 6 por cento, entre 1973 e 1974, e 20 por cento, de 1974 para 1975, e o principal motivo foi a perda dos mercados africanos com a ascensão das ex-colónias à independência.



Um serviço a que a STAR responde rapidamente e com eficiência.



PALMA DE MAIORCA AGORA VOOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP

1 SEMANA

PARTIDAS:
Julho 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22

Preços excepcionais desde *

* a vantagem dos voos especiais

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

FÉRIAS NA PRAIA TORREMOLINOS

1 SEMANA

PARTIDAS:
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5 e 12

Preços excepcionais desde *

* a vantagem dos voos especiais

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LIGAÇÃO FERROVIÁRIA AO ALGARVE

Dada a afluência de público aos fins de semana, particularmente nesta época do ano, a C. P. decidiu efectuar um desdobramento ao comboio n.º 8013 com partida do Barreiro e que segue pela Linha do Sul por Beja.

O desdobramento em questão seguirá pela linha do Sado com partida daquela estação pelas 19.05 horas.

A referida circulação servirá as estações de Pinhal Novo, Setúbal, Funcheira, Tunes, Algez, Alcantarilha, Poço Barreto, Silves, Estombar (Lagoa), Portimão, Mexilhoeira Grande e Lagos, onde chegará pelas 0.35 horas.

AS LEIS EM RESUMO

Foi posto à venda um "Guia Jurídico"

Lançado no mercado há pouco, está a merecer intensa procura por parte do público o «Guia Jurídico do Trabalhador», obra de cinco advogados, Albertino Antunes, Amadeu Lopes Sabino, Duarte Teives, Monteiro Matias e Norberto Severino. Trata-se, como o próprio título indica e o subtítulo explica, de um trabalho de síntese explicativa sobre o principal da legislação em vigor a que o trabalhador se encontra submetido. Não se trata apenas da legislação respeitante ao trabalho: é a generalidade da legislação em vigor para a vida corrente do cidadão português.

O livro — formato de bolso, dimensões 8x12, duzentas e cinquenta páginas — divide-se em três partes: a primeira, e mais longa, expõe o fundamental do que se encontra legislado sobre matérias respeitantes ao trabalhador no seu trabalho (sindicatos, comissões de trabalhadores, férias, horário de trabalho, salários, cooperativas, greve e «lock-out», reforma agrária, segurança social, tribunais de trabalho, e outros assuntos). A segunda trata da legislação que diz respeito ao trabalhador enquanto cidadão (obrigações e direitos deste perante o poder e as instituições). A terceira parte intitula-se «o dia-a-dia» e resume o actual legislado sobre matérias como, por exemplo, acidentes de viação, arrendamen-

tos, contratos, família, divórcio, impostos, taxas, responsabilidade civil, entre outras matérias subdiscriminadas. No índice refere-se códigos e diplomas para uma eventual consulta mais minuciosa.

Trata-se certamente de uma iniciativa de largo alcance, e cremos que, nas proporções do seu lançamento, sem precedentes entre nós. Segundo os autores, o «Guia» terá edições sucessivas, revistas e aumentadas segundo as alterações que a legislação em vigor for sofrendo.

Da primeira edição foram tirados vinte mil exemplares. Pensa-se (dizem-no-lo os autores) que não é muito, tendo em conta as necessidades de informação, neste campo, da generalidade dos trabalhadores portugueses, que pouco ou menos sabem das leis que a um tempo os oprimem e defendem. O livro está a vender-se bem — garantem-nos —, apesar do seu elevado preço: 75 escudos. «Mas não podia ser mais barato, dados os custos da produção — diz-nos um dos advogados responsáveis pelo texto. — Tencionamos, aliás, ainda para esta ou para uma próxima edição, explicar com uma relação completa das despesas de produção efectuadas, os motivos por que o «Guia» é assim aparentemente tão caro. Aliás, não é mais caro do que o livro comum hoje em dia entre nós.»

DIRIGENTES ANGOLANOS EM VIAGEM

Neto em Cuba, Lopo na Jugoslávia

HAVANA, 19 (FP e R.) — O presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, virá a Cuba na próxima semana para assistir aos festejos de 26 de Julho.

A notícia oficial, dada no domingo, não revela mais pormenores sobre essa visita. A cerimónia principal, comemorativa do vigésimo terceiro aniversário do ataque ao Quartel Moncada comandado por Fidel Castro em 1953, realiza-se este ano em Pinar del Rio, província do Extremo Ocidental da Ilha.

A viagem a Cuba do primeiro mandatário angolano e presidente do Movimento Popular

de Libertação de Angola (M.P.L.A.), é o sinal evidente, assinalam alguns observadores, da solidez actual do seu Governo.

Entretanto, o Primeiro-Ministro Lopo de Nascimento chegou hoje a Belgrado para uma visita de quatro dias destinada a formalizar os existentes laços políticos, económicos e culturais entre os dois países.

Fontes oficiais informaram que o dirigente angolano debaterá com o seu anfitrião jugoslavo, o primeiro-ministro Dzemal Bijedic, a cooperação bilateral e problemas internacio-

nais.

Lopo de Nascimento declarou à agência noticiosa oficial jugoslava Tanjug que o objectivo da sua visita é «dar âmbito legal» aos actuais laços entre Angola e a Jugoslávia.

O Primeiro-Ministro angolano procedia de Arce, onde fez curta escala na viagem de Luanda.

DISCUTIDA EM LISBOA A NORMALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES COM PORTUGAL

Já regressou a Luanda a delegação angolana que durante alguns dias travou conversações em Lisboa com as autoridades portuguesas no sentido da solução de três questões: repatriamento dos angolanos residentes em Portugal, regresso de certo número de

retornados portugueses a Angola e normalização das relações bilaterais entre os dois países.

A delegação era chefiada por Paulo Jorge, funcionário superior do Ministério das Relações Exteriores, e regressou na tarde de sexta-feira, no mais absoluto secretismo. Como resultado do encontro apenas se conhece, oficialmente, a constituição de uma comissão mista luso-angolana que orientarão recenseamento dos angolanos residentes em Portugal de modo a apurar-se o seu número exacto e saber quem pretende regressar a Angola com despesas de transporte totalmente cobertas pelo Governo angolano.

Paulo Jorge fará parte da delegação que acompanha o Presidente Agostinho Neto na sua deslocação a Cuba no próximo dia 26 de Julho.

P.A.I.G.C. não faz congresso este ano

BISSAU, 19 (Especial para o «DL») — O III Congresso do P.A.I.G.C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) já não deverá realizar-se este ano declarou o Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e membro da Comissão Organizadora do Congresso, Vasco Cabral, ao regressar de reuniões de trabalho partidário em Cabo Verde.

Em declarações ao jornal «NÔ PINTCHA», de Bissau, aquele membro do Comité Executivo da Luta do Partido esclareceu que o Congresso deve reunir-se só após uma demorada e sólida preparação a todos os níveis das instâncias

partidárias. «Por isso não deverá realizar-se este ano», afirmou, «pois não há tempo para o preparar como pretendemos. Pensamos que não deveremos precipitar a sua realização porque é necessária uma preparação segura. Os princípios devem estar bem implantados entre as massas populares contribuindo para o esforço do trabalho político e ideológico».

A data, a agenda e o local da reunião do III Congresso vão ser fixados pelo Conselho Superior da Luta (Comité Central) em reunião marcada para o fim do mês de Agosto. Os anteriores Congressos realizaram-se em Cassacá (Março de 64) e no Boé em Agosto de 73.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS

DO DISTRITO DO PORTO

COMUNICADO

A todos os Trabalhadores

Informamos que, hoje dia 17-7-76 se procedeu ao pagamento de salários em atraso às trabalhadoras da «Coronado Manufaturas Têxteis, S.A.R.L.», na presença de um representante do Ministério do Trabalho e deste Sindicato.

Este pagamento foi possível devido ao empréstimo ordenado pelo Ministério do Trabalho através do despacho de 29-5-76 e concretizado pelo (Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra) e a reembolsar pelos mesmos trabalhadores, no momento em que for pago por via Judicial ou extra-Judicial.

Está assim satisfeito, parte do despacho do Sr. Ministro, falta agora a outra parte, a sua reintegração.

Ontem dia 16, ainda com as portas da fábrica seladas, realizou-se em Lisboa uma reunião com o Sr. Ministro, o patrão conselheiro e a comissão de «trabalhadores». O Sindicato não foi convidado a estar presente em tão importante reunião.

Na sequência do esforço para a resolução do problema, o Sindicato enviou um Telex ao Sr. Ministro Tomás Rosa e seu secretário de Estado Dr. Marcelo Curto do seguinte teor:

AO SR. MINISTRO DO TRABALHO
AO SR. SECRETÁRIO DE ESTADO DO TRABALHO

Excelências:

Insistimos junto do Ministério do Trabalho defesa intransigente do direito ao trabalho das 36 trabalhadoras. Reabertura rápida da fábrica quanto possível para a totalidade das trabalhadoras.

Lembrámos a exposição n.º 495/C de 25-6-76. «Intervenção Governamental no sentido do não cumprimento do despacho de 29-5-76.»

Aguardamos determinação, firmeza, garantia salvaguarda direitos 260 trabalhadores «Coronado Manufaturas Têxteis.»

A Direcção

a) DEOLINDA MOREIRA FERREIRA



Cesário Verde morreu há 90 anos

Cesário Verde morreu há 90 anos.

José Joaquim Cesário Verde fez a sua estreia literária no «Diário de Notícias» em 1873, com a publicação do poema «Esplêndida» que causou escândalo nos meios intelectuais portugueses.

Apostado como um dos iniciadores da moderna poesia portuguesa, não chegou a ver os seus versos reunidos em livro. Somente no ano imediato à sua morte, 1887, foi publicada uma edição de «O Livro de Cesário Verde».



na compra de um gravador ou um radiogravador PHILIPS ou de um dos vários aparelhos PHILIPS com gravador de cassettes incorporado

a PHILIPS oferece-lhe uma musicassette

com os êxitos do momento

HEI, HEI, WICKIE - SOMOS CEM - A GRANDE FESTA - PIPPI DAS MEIAS ALTAS - MINHA BICICLETA - AVOZINHO - OLHA O SOL - LEMBRANÇAS (Green Windows) - EU, E TU (Francisco José) - MY ONLY ONE (Sergio & Madi) - SOLDADO PORTUGUES (Ruy Moura Guedes) - QUEM TE MANDA SAPATEIRO (Green Windows).

e mais duas cassettes de 60 minutos, com o novo sistema de segurança "FLOATING FOIL"

oferta limitada



PHILIPS - faz parte da sua vida



Nacional

AINDA A EQUIMETAL

Controlo operário não é trabalhadores vigiam-se uns aos outros

DECLARAÇÕES RECOLHIDAS POR J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

A Equimetal emprega cerca de oitocentos trabalhadores no conjunto dos três sectores em que está geograficamente dividida: a caldeiraria, no Lavradio, a mecânica, logo a seguir à caldeiraria, no Barreiro, e a fundição, no prolongamento da mecânica. Dentro em breve, haverá um novo sector, em Sines, onde serão construídos wagons para a C.P., já que esta deverá alargar a sua rede de transporte em função das necessidades da refinaria de Sines.

Os escritórios e o departamento de pessoal, ficam fora de muros, mas também no Barreiro.

Empresa que até recentemente fez parte do grupo CUF, em cuja área de resto está instalada, a Equimetal é uma destas unidades da zona industrial de Lisboa, e do Barreiro e Lavradio em particular, onde os trabalhadores têm uma longa tradição de luta contra a exploração capitalista e as diversas formas de opressão política das camadas trabalhadoras do País, nomeadamente a fascista.

Aproveitamos a oportunidade de uma visita que fizemos a esta unidade industrial, onde assistimos ao pôr a flutuar da torre processual de cem toneladas que foi depois rebocada por mar para a refinaria de Sines, o que foi tentado com sucesso pela primeira vez no nosso país, para ouvirmos alguns trabalhadores sobre o modo como está a ser feito o controlo operário nesta empresa, sobre a própria lei de controlo operário que o VI Governo pretende impor aos trabalhadores e ainda sobre as repercussões ao nível da empresa de alguns aspectos relevantes da situação política actual.

Mas a questão que naturalmente procuramos averiguar antes de mais nada foi a relativa à existência da Comissão de Trabalhadores, questão à qual Arão Marques, membro dessa comissão, começou por nos responder: «A Comissão de Trabalhadores da Equimetal tem 49 membros a nível dos diversos sectores da empresa, são os chamados representantes; para tratar dos assuntos em primeira mão existe uma Comissão Coordenadora composta por doze elementos; além disso, há um Secretariado de dois elementos a funcionar a tempo inteiro, dos quais eu sou um deles.

«A C. T. foi eleita pelo conjunto dos trabalhadores há cerca de mês e meio, substituindo uma outra que também havia

sido eleita. Antigamente, antes do 25 de Abril, existia uma Comissão Interna a nível da CUF, da qual então a Equimetal fazia parte, mas que não interessava aos trabalhadores. Por altura do 25 de Abril deixou de haver Comissão Interna, sendo substituída por uma Comissão de Unidade. Esta seria mais tarde substituída pela primeira Comissão de Trabalhadores, tal como existe actualmente.»

O CONTROLO OPERÁRIO AQUI É AINDA BASTANTE JOVEM

No que diz respeito ao controlo operário na Equimetal, Arão Marques esclarece-nos: «Em termos de controlo operário, podemos dizer que este é ainda bastante jovem na Equimetal. Nós não temos a pretensão de conseguir controlar de um momento para o outro uma empresa como a Equimetal, que ainda por cima só muito recentemente saiu do grupo CUF, existindo ainda no entanto algumas ramificações que levantam um certo número de problemas.

Pensamos é que é possível avançar aos poucos, e que se torna necessário primeiro responsabilizar a hierarquia, e não substituí-la. Este tem sido o nosso lema. Independentemente, é claro, de participarmos na vida da empresa com

a nossa opinião, em todos os sectores onde é possível termos uma opinião em condições, e não tentar adivinhar».

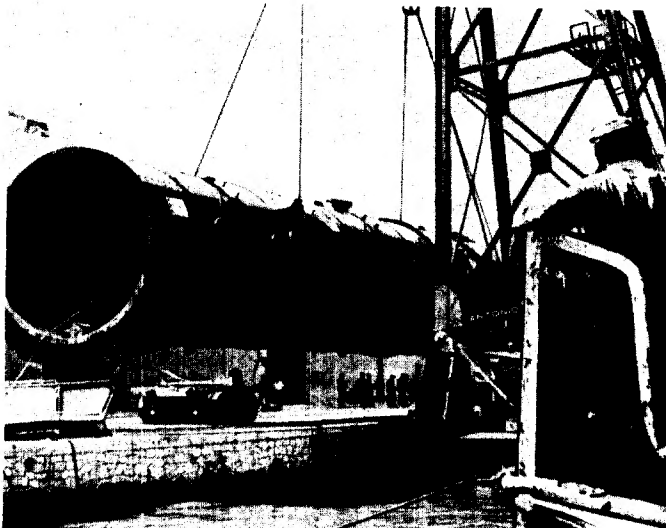
CONTROLO OPERÁRIO NÃO É OS TRABALHADORES VIGIAREM-SE UNS AOS OUTROS

Mas afinal o que é que os trabalhadores entendem por controlo operário?

Este é o meu conceito de controlo operário».

NÃO ESTAMOS AINDA VERDADEIRAMENTE PREPARADOS

Para João Manuel Torrão, da C.T., o controlo operário na sua empresa também não está ainda muito bem definido: «Foi a primeira vez que fui eleito para a Comissão de Trabalhadores, e até à data reconheço que não temos tido grandes entraves por parte da Adminis-



As cem toneladas de ferro momentos antes de serem postas a flutuar

Bento Gonçalves, também membro do Secretariado da C.T. responde: «Euentendo que o controlo operário, no fundamental, deve permitir que os trabalhadores participem na vida da empresa. O controlo operário tem sido objecto de muita especulação no sentido de que os trabalhadores se devem vigiar uns aos outros. É claro que o controlo operário não é nada disso. Isso não é controlo operário nem é uma via correcta para se chegar a ele. O controlo operário deve ser feito através da participação de todos os trabalhadores nos sectores-chave da empresa. Dos trabalhadores e da hierarquia.

tracção no que diz respeito ao controlo operário. É verdade que a Administração ainda é a mesma de antigamente, mas isso não tem posto grandes problemas. Há um camarada valente que costuma dizer: primeiro vamos responsabilizar os quadros, e se eles não estiverem interessados na Revolução então corre-se com eles. Como os administradores até à data têm sido abertos, não houve pois saneamentos.

Isto não quer dizer que não haja coisas que a gente desconhece. Mas só com um controlo operário devidamente estruturado é que poderemos ter acesso a esses dados, e só então é que poderemos garantir que a Administração está a lidar seriamente com os trabalhadores».

«D.L.» — Mas então neste momento ainda não têm acesso a todas as informações necessárias para julgar convenientemente da situação da vossa empresa?

J. M. Torrão — Verdadeiramente, não.

«D. L.» — Mas é a Administração que vos impede o acesso a essas informações?

J. M. Torrão — Não, somos nós que não estamos ainda verdadeiramente preparados, quer dizer que ainda não temos os conhecimentos suficientes para dizer: vamos ali buscar aquele documento que nos interessa».

É isso mesmo, intervém Arão Marques, que continua a nosso lado. «Nós temos acesso aquilo que precisamos: simplesmente há campos em que nos é difícil pedir seja o que for. É aí que naturalmente nós não tomamos a iniciativa de pedir documentos só por pedir. A verdade é que não temos



Arão Marques: o controlo operário é ainda bastante jovem na Equimetal

ainda uma noção muito grande das necessidades. De qualquer modo, quando precisarmos de qualquer informação, seja ela de que âmbito for, os serviços e a administração nunca põem problemas, e tudo o que tem sido pedido tem sido fornecido sem qualquer entrave. Inclusivamente, às vezes sem que nós o solicitemos são as próprias hierarquias da empresa que quando entendem que é de interesse para os trabalhadores que tomam a iniciativa de nos fornecer elementos».

A LEI DE CONTROLO OPERÁRIO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO É CONTESTADA PELOS TRABALHADORES

Depois de falarmos durante largo tempo sobre o controlo operário na Equimetal, a nossa conversa acabou por chegar naturalmente ao problema da lei do controlo operário que o VI Governo pretendia que tivesse força de lei, o que ainda não aconteceu. E aqui as críticas são várias, embora haja uma que podemos considerar fundamental: trata-se do facto dos trabalhadores, através das suas organizações sindicais, nomeadamente, não haverem sido chamados a discutir aquele diploma. E os trabalhadores não compreendem muito bem as explicações de Marcelo Curto, que afirma a um semanário de direita que isso se deve à impossibilidade de consultar os trabalhadores, dada a grande divisão existente entre as organizações de trabalhadores, já que haveria não só os sindicatos filiados na Intersindical, como aqueles que dela têm ficado de fora (embora estejam todos de acordo para fazerem brevemente um congresso do qual deverá resultar uma Central Única dos Trabalhadores). Os trabalhadores dizem-nos que o M. do Trabalho, se houvesse escutado pelo menos a Inter e a corrente que se lhe tem oposto de modo organizado, teria já uma ideia muito concreta do que pensam os trabalhadores. Quanto a outras eventuais organizações sindicais, que desconhecem, trabalhadores interrogam-se sobre se Marcelo Curto não estará a confundir dois ou três grupúsculos de outros tantos membros da AOC organizados à volta dos acoques que têm exercido ultimamente uma influência determinante no Ministério do Trabalho, com as autênticas organizações de trabalhadores.

Bento Gonçalves, do Secretariado da C.T. da Equimetal, diz-nos no entanto que «se ainda é cedo para falar definitivamente sobre essa lei, já que se estão a realizar reuniões entre representantes de diversas empresas para se chegar a um consenso sobre ela, podemos contudo afirmar ser opinião generalizada dos trabalhadores, pelo menos ao nível da Equimetal, que a lei do VI Governo

não é de modo nenhum uma lei de verdadeiro controlo operário. É uma lei de controlo dos patrões quanto muito, porque nem sequer se dignaram consultar as organizações de trabalhadores, conforme está escrito na Constituição; tentaram antes fazer uma lei mais fictícia do que outra coisa através do defundo D.R.O.T.»

Arão Marques, subscrive igualmente esta opinião: «É verdade que nós não consideramos que isso seja uma verdadeira lei de controlo operário. Ela quando existir terá que ter a aceitação dos trabalhadores. O VI Governo fez muitas coisas à pressa, e raramente acertou. Nesta não acertou de modo nenhum. Aliás se os trabalhadores se manifestam contra essa lei, e se a Constituição diz que qualquer legislação que respeite aos trabalhadores tem que ter a sua participação, não se compreende que não haja sido solicitada qualquer participação às organizações dos trabalhadores. Procurou-se fazer uma lei de controlo operário à pressa, para tapar os olhos não sei a quem».

O AMBIENTE POLÍTICO NÃO É LÁ MUITO AGRAVÁVEL

Numa empresa de oitocentos trabalhadores, situada numa zona fabril como o Barreiro, a política não costuma estar ausente, o que só é de louvar. Qual é o ambiente político na Equimetal? A esta pergunta respondeu-nos João da Silva, a trabalhar na soldadura eléctrica:

«Neste momento o ambiente político na Equimetal não é assim muito agradável porque houve há pouco eleições para a presidência da República e ao redor delas criou-se uma certa divisão entre os trabalhadores. Antes destas eleições parecia que tínhamos uma certa organização dentro da caldeiraria, por exemplo, mas depois, com o lançamento da candidatura do major Otelo houve trabalhadores que apoiaram esta candidatura, enquanto outros apoiavam a do camarada Pato. Enfim, houve umas certas divergências que ainda não desapareceram.

«D.L.» — Mas não há propriamente uma divisão entre os trabalhadores no sentido de alguns trabalhadores apoiarem partidos de direita, não é?

João da Silva — Não, longe disso. Nesse aspecto a malta continua muito unida, mas o que surgiu foi essa desinteligência.

«D. L.» — Mas a malta conversa, discute, procura entender-se, não?

João da Silva — A malta não conversa muito, porque também isso não é propício. Está a ver, a gente tem que trabalhar. Isto não quer dizer que não tenhamos uma conversa ou outra sobre esse aspecto, às vezes sempre se fala, quando vamos para o refeitório ou quando regressamos à oficina.

COMUNICADO

MÓVEIS I. T. M. — (FEIRA DO MÓVEL)

Participa aos seus estimados Clientes e Amigos que o seu STAND DE VENDAS, praticará de futuro o seguinte horário :

De 2.ª a SEXTA-FEIRA — das 10 às 20 horas
(encerrando no período de Almoço)

SÁBADOS — das 9.30 às 13 horas

Av. Padre Cruz — Lumiar (VIA RÁPIDA P/Loures)

Trabalho

Bancários contra mercado negro

Os Sindicatos dos Bancários do Norte, Centro, Sul e Ilhas alertam a opinião pública, bem como todos os trabalhadores para o atentado à nossa já débil economia que constitui o mercado negro de divisas, exigido, por outro lado, das autoridades a maior vigilância e pesadas sanções para os prevaricadores.

Segundo o comunicado daquelas organizações, o contrabando de divisas tem vindo a acentuar-se com a entrada dos emigrantes portugueses que vêm passar férias ao país, processando-se a sua prática «descaradamente à luz do dia e à vista das autoridades que nada fazem para deter quem, aproveitando-se de expedientes ilícitos, mais não faz que empobrecer a já tão débil economia nacional».

Aponta-se em seguida os locais onde de preferência se faz a traficância, indicando-se em Lisboa, a zona que vai do Rossio à rua do Ouro (a «Central da Baixa é um ninho de falsos cambistas»), no Porto, desde a estação de Campanhã à rua Sampaio Bruno e desde a fronteira de Vila Real de Santo António à fronteira de Valença, atingindo «o seu máximo» em Vilar Formoso, por onde passam a maioria dos emigrantes portugueses. Adianta o comunicado que todos os trabalhadores bancários daquela vila alertaram já o ministro das Finanças e as autoridades locais para o que se passa e exigiram a necessária vigilância sobre o caso.

Os três sindicatos bancários signatários do comunicado também chamaram várias vezes a atenção do secretário de Estado do Tesouro mas, acrescentam, «isso de nada parece servir tanto mais que é a própria Polícia Judiciária que afirma pouco poder fazer, por falta de efectivos».

“Regionalização do ensino da Saúde”

— PRINCÍPIO DEFENDIDO NO ENCONTRO DE TRABALHADORES DOS HOSPITAIS

Com a defesa da regionalização do ensino da saúde e da necessidade de reclassificação dos actuais hospitais, terminou ontem, em Faro, o III Encontro Nacional dos Hospitais que durante três dias congregou os debates de trezentos representantes dos hospitais distritais e concelhios de todo o País.

Os três temas, cuja discussão foi moderada pelos drs. Rui Araújo, do Hospital de Aveiro, e Orlando Leitão, do Hospital dos Capuchos, conduziram a conclusões das quais se salienta entre outras «a necessidade urgente de definição pelo Governo das linhas mestras de uma política nacional de saúde e do papel dos hospitais» nes-

se serviço. Para tanto, concluiu-se neste tema («Regulamento hospitalar e órgãos de gestão democrática dos hospitais»), será necessária, da parte do Governo, «a elaboração de um regulamento hospitalar que institucionalize os órgãos de gestão democrática criados pelos trabalhadores hospitalares e pelo seu movimento nacional dos hospitais — Secretariado Nacional dos Hospitais».

Da discussão do segundo tema («O Movimento Nacional dos Hospitais, a sua oficialização e Estatutos»), concluiu-se que deverá ser constituída até 30 de Novembro uma Comissão que diligencie para aprovação dos respectivos Estatutos já aprovados em ple-

nário e que assentem na «independência em relação ao aparelho de Estado, no carácter democrático da sua estrutura interna, no carácter voluntário da filiação dos seus membros e na aceitação exclusiva dos hospitais representados por estruturas democráticas ou respectivos delegados».

Quanto ao terceiro tema («Hospital e Serviço Nacional de Saúde») além de se defender a regionalização do ensino da saúde, defende-se a reclassificação dos actuais hospitais concelhios, transformando-se em Centros Comunitários de Saúde, embora se defendam, a todos os níveis, a prestação de cuidados integrados de saúde e a abertura à comunidade.

É impossível travar cooperação entre trabalhadores

— DECLAROU À TASS UM SINDICALISTA SOVIÉTICO

«As ligações com as centrais sindicais dos países capitalistas e dos países libertados traduzem a tendência para a procura de posições comuns perante os problemas mais importantes de desenvolvimento social, principalmente da luta pela paz e da solução das questões sociais», declarou o secretário do Conselho Central dos Sindicatos da União Soviética, Piotr Pimenov, ao correspondente da agência noticiosa Tass.

Desenvolvendo esta ideia, prosseguiu o sindicalista soviético: «Os esforços comuns para lutar contra a política exploradora dos monopólios, a defesa dos direitos dos traba-

lhadores dos ataques do capital e do terrorismo fascista, contribuem para melhorar a compreensão e cooperação entre os trabalhadores».

Em 75, visitaram a URSS cerca de 600 delegações sindicais dos países capitalistas e dos países em desenvolvimento. Os países socialistas enviaram à União Soviética 400 delegações e receberam 350 das congéneres soviéticas.

«Num período em que o desanuvio internacional está na ordem do dia e a coexistência pacífica entre os Estados é cada vez mais defendida, é necessário que os sindicatos soviéticos deem ainda mais atenção às acções unitárias e à cooperação construtiva»,

prosseguiu Piotr Pimenov. «A direcção do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos verifica a necessidade das acções unitárias com todos os sectores do movimento sindical internacional. No momento presente, os sindicatos mantêm contactos e colaboram com as uniões sindicais de trabalhadores de 128 países. O Conselho dos Sindicatos Soviéticos dá uma importância primordial ao reforço das ligações fraternas com os sindicatos dos países socialistas. Formas eficazes de cooperação, como as visitas das delegações operárias, contactos directos entre os sindicatos e trocas de experiências, estão amplamente desenvolvidas».

Nota oficiosa

Do Ministério do Trabalho, recebemos a seguinte nota oficiosa:

«1. Após a entrada em funções do VI Governo Provisório, vieram a lume graves irregularidades praticadas no âmbito da Secretaria de Estado do Trabalho e serviços dela dependentes, designadamente a Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho, Direcção-Geral do Trabalho, Inspeção-Geral do Trabalho e delegações distritais da Secretaria de Estado do Trabalho».

«1. Em face disso, sua excelência, o ministro do Trabalho determinou a instauração de uma sindicância à Secretaria de Estado do Trabalho, presidida por um juiz togado, e cujos trabalhos se prolongaram até fins de Maio de 1976».

«1.2 Tal sindicância tinha por fim apurar a existência de factos anómalos ou irregularidades no funcionamento dos serviços e, bem assim, propor medidas adequadas ao aperfeiçoamento dos mesmos e, correlativamente à averiguação e punição dos responsáveis pelos abusos verificados».

«1.3 O propósito da presente nota oficiosa é dar a conhecer, em traços forçosamente gerais, os resultados da aludida sindicância».

«2. Genericamente, apurou-se que alguns dos serviços em causa foram utilizados para a prossecução de finalidades partidárias e que, no seu funcionamento, veiculavam determinada orientação política em detrimento do interesse geral».

«2.1 É, por exemplo, o caso da Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho, onde, numa primeira fase, após o 25 de Abril se curou de sanear, afastar e coagir os quadros técnicos, substituindo a sua maioria por outros, recrutados, não em função da sua competência e capacidades técnicas, mas com base em garantias de obediência e fidelidade à linha política então dominante».

«2.2 Acresce que os funcionários e análogos passaram a beneficiar, desde logo, de remunerações excessivas e gratificações que lesavam legítimas expectativas dos funcionários que já prestavam serviço».

«3. Detectaram-se ainda autori-

zações para uso dos telexes das delegações da Secretaria de Estado do Trabalho por organizações estranhas, mais concretamente organizações sindicais, a expensas do Estado».

«3.1 Ainda nesta sede se constatou o uso frequente e indevido dos telefones dos serviços por sindicalistas, à custa do erário público, bem como a utilização de veículos oficiais pelas mesmas pessoas e nas mesmas condições».

«4. Resultou ainda provado que o congelamento de contas bancárias e interdição de saída do território nacional foram por diversas vezes solicitados por serviços dependentes da Secretaria de Estado do Trabalho, sem que se descorresse justificação para tal procedimento».

«5. No tocante à Inspeção-Geral do Trabalho, verificou-se que um dos funcionários nela integrados dissipou, em seu próprio proveito, cerca de esc. 500 000\$00, de dinheiro pertencentes a trabalhadores e depositados na Caixa Geral de Depósitos».

«5.1 Por outro lado, descobriu-se que, mediante autorização verbal, foram adquiridas armas e munições utilizadas na protecção pessoal de um alto funcionário».

«6. Resta acrescentar que está abundantemente documentada a interferência do COPCON na resolução de conflitos de trabalho afectos a este Ministério, com a colaboração activa de alguns funcionários, que se traduziu, as mais das vezes, em coacção exercida sobre entidades patronais».

«7. Perante os factos apurados na sindicância, sua excelência o ministro do Trabalho determinou a remessa à Polícia Judiciária dos elementos indiciantes de crimes e a instauração de procedimento disciplinar contra os funcionários responsáveis pelas irregularidades detectadas».

«7.1 Foram ainda implementadas as medidas preconizadas pelo juiz sindicante para um melhor funcionamento dos serviços».

«8. A peritagem às contas respeitante à verba «Um Dia de Salário para a Nação» foi efectuado fora do âmbito da presente sindicância, prevendo-se para breve a divulgação das suas principais conclusões».

na terça

«SIM» DOS PADEIROS
AO PÃO GRATUITO

Reunidos em assembleias, os trabalhadores da panificação dos distritos de Beja, Évora, Santarém, Aveiro, Leiria e Madeira pronunciaram-se no sábado, favoravelmente no que respeita à distribuição gratuita de pão, no próximo dia 27. A medida tinha sido proposta pela Federação dos Sindicatos da Panificação como medida de pressão para levar o patronato a sentar-se à mesa das negociações, para aprovação do novo C.C.T. De manhã, ainda não eram conhecidos os resultados de vários distritos do Norte, entre os quais Viana do Castelo e Braga.

No que respeita à assembleia dos profissionais do distrito de Aveiro, a assembleia reunida em Espinho deliberou enviar ao Conselho da Revolução e ao Governo, telegramas em que se exige uma tomada de posição.

Em contacto com a Federação dos Sindicatos da Panificação, fomos informados que ainda se verificam algumas tentativas da parte de representantes do Ministério do Trabalho para evitar a aquedização da luta que poderá levar à falta de pão nos dias subseqüente ao da distribuição de pão preconizada pelos sindicatos.

LANIFÍCIOS CONTRA CORTES

Os trabalhadores de lanifícios de Castanheira de Pera não permitirão alterações no seu regime de laboração, devidas a anomalias que se verifiquem nas empresas em consequência dos cortes de energia eléctrica, e que certos sectores do patronato pretendem fazer recair sobre o pessoal.

Em plenário recentemente realizado, decidiram os operários de Castanheira de Pera não «recuperar horas» nem permitir alterações de horários, e exigir o cumprimento integral das tabelas salariais. Responsabilizaram também o Governo pelas «graves consequências provenientes dos cortes de energia, uma vez que não foram tomadas as precauções necessárias para a resolução do grave problema da economia nacional».

TRABALHADORES AGRÍCOLAS
DE COIMBRA
JÁ TÊM SINDICATO

Ficou ontem constituído — aguardando legalização — o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura, Silvicultura, Pecuária, Actividades Auxiliares e Trabalhadores Resineiros do Distrito de Coimbra, no decurso de uma assembleia geral em que estiveram presentes cerca de duzentos trabalhadores do sector, já inscritos. Por voto secreto, foram também aprovados os estatutos do Sindicato, a adesão à Intersindical e um projecto de portaria a apresentar ao Governo com vista à regulamentação do trabalho.

CRIAÇÃO DO SINDICATO DE ADIDOS
DA FUNÇÃO PÚBLICA

Em plenário realizado anteontem, funcionários das ex-colónias aprovaram os estatutos do Sindicato de Adidos da Função Pública do Distrito do Porto. Este é o primeiro Sindicato de Adidos que se forma no País, e conta com cerca de 700 inscritos neste distrito. O seu âmbito vai ser alargado aos adidos radicados nos distritos a norte de Aveiro.

CONIMBRIGA FECHA MAIS CEDO

Durante dois meses, e desde a passada quinta-feira, os trabalhadores do Museu Monográfico de Conimbriga encerram as ruínas ao público a partir das 17 horas. A decisão fundamenta-se no não pagamento de horas extraordinárias aos guardas, apesar das diligências efectuadas junto do Ministério da Comunicação Social.

VINHOS: CONTRATO ARRASTA-SE

Os trabalhadores do sector dos vinhos atribuíram às direcções sindicais interessadas no C.C.T. vertical em negociação «margem de acção suficiente para poderem coordenar as formas de luta a adoptar», a fim de alcançarem a satisfação das suas pretensões. As negociações arrastam-se desde Abril, devido a desacordo quanto a alguns pontos do projecto de C.C.T., designadamente no que respeita à tabela salarial, retroactividade, exercício da actividade sindical nas empresas, despedimentos, creches, cantinas, subsídios, de doença e acidentes de trabalho. O novo contrato abrangerá cerca de 35 mil trabalhadores do sector.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

Delegados sindicais dos trabalhadores de escritório, do sector metalúrgico, reunidos em 15 de Julho de 1976, na sede do Sindicato em Setúbal, exigem que a actual direcção torne pública na imprensa diária, e na da Cidade, o seguinte comunicado:

- 1 — Tendo a actual direcção declarado em Março de 1976, no INATEL — SETÚBAL, que convocaria uma Assembleia para tratar do caso específico da integração dos trabalhadores de escritório, no Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal, não o fez.
- 2 — Estando em tribunal o processo de integração, e apesar do conteúdo do Sindicato afirmar aos sócios que o processo está correcto e legal, e sabendo a actual direcção que o prazo termina em 20 de Julho de 1976, é de lamentar que toda a direcção tenha escondido o processo, não o divulgando aos trabalhadores, como é seu dever.
- 3 — Mais se declara, que trabalhadores de escritório da Lisnave, Setenav, Gaslimpo e Construtora Moderna, entre outras empresas, já entregaram à direcção listas com dezenas de assinaturas, reclamando à direcção que proceda à efectivação do processo de integração.
- 4 — Que a mesma direcção se reúne no próximo dia 19 de Julho de 1976, às 21 H e 30 M, na sede do Sindicato em Setúbal, com os delegados sindicais e sócios do sector metalúrgico de escritório.

APROVADA POR MAIORIA COM UMA ABSTENÇÃO

Setúbal, 15/7/76

Estrangeiro

ARGENTINA: DIFÍCIL ENCRUZILHADA

A guerrilha comanda a

Ao serviço de um sistema que tem como mais altos mandatários os representantes das multinacionais e da oligarquia agropecuária, as Forças Armadas da Argentina voltaram a tomar o poder abertamente.

Repete-se, assim, uma acção que já havia sido desenvolvida neste país nos anos de 1930, 1955, 1962 e 1966; ao mesmo tempo continua a sina que pesa sobre os povos da América Latina: a da imposição, pela força, de regimes militares de direita, mais preocupados com a obediência aos interesses do capital estrangeiro, fundamentalmente norte-americano, do que aos Direitos Humanos.

O golpe do passado dia 24 de Março, que colocou na presidência da república o «duro» e «austero» general Jorge Rafael Videla, desencadeou imediatamente uma vastíssima operação de condicionamento da opinião pública, nacional e mundial, no sentido de «despinochetizar» a nova ordem estabelecida e de induzir toda a gente na crença de que tudo era um produto de «movimentos progressistas» desenvolvi-

numa entrevista, concedida a um jornal brasileiro, disse que a tarefa das Forças Armadas somente estaria concluída quando a «subversão» estivesse totalmente aniquilada. E acrescentou significativamente: «Serão usados os meios legais e, se for preciso, serão criados outros para aperfeiçoar a actividade das forças de segurança».

Ao referir a possível «criatividade» das forças repressi-

Domingo Perón, no poder a partir de 1943. A calma e a aparente harmonia conseguida pelo peronismo foi baseada, fundamentalmente, na ilusão de que a luta de classes era uma coisa inexistente, que todos os interesses podiam ser conciliados e na manutenção de uma posição pretensamente anti-imperialista. «Evita» Perón, mulher do «caudillo», dominava multidões de «descamisados». Entretanto, nada disso

tentativa de implantação da guerrilha rural, que foi logo esmagada. As tentativas de estabilização ensaiadas por Arturo Frondizi sofreram o golpe de misericórdia por ocasião das eleições para os postos de governador, em 1926. E Buenos Aires, capital do país, o governador eleito pelo povo foi um operário, facto que gerou o pânico entre os grande capitalistas e a aristocracia rural. Foi o fim de Frondizi. Substi-

Assustado pela escalada dos trabalhadores e pelos progressos que se registavam a nível de consciencialização e de organização popular, o Partido Militar suprimiu as chamadas liberdades, promulgou leis das mais severas e lançou uma violenta repressão contra todas as mobilizações operárias e populares. Essas medidas fizeram com que os anos de 1967 e 1968 passassem em relativa acalmia. O assassinato de um estudante em Corrientes, no ano de 1969, foi o detonador do ressurgimento do movimento de massas, que assumiu proporções até então desconhecidas na Argentina. Buenos Aires, as províncias de Córdoba, Tucumán, Salta e todas as principais cidades do país, levantaram-se. Era o começo do fim de Onganía. Em 1970 foi substituído por Levingston, sob a intensificação da mobilização popular e do rompimento impetuoso da guerrilha urbana. Levingstone não chegou a aquecer o lugar na Presidência da República. Envolvido rapidamente, não tinha mais nada a fazer.

Diante da nova, e até certo ponto surpreendente situação, o Partido Militar optou pelo abandono da cena política, não sem antes queimar o último cartucho: a condução à Presidência da República do melhor homem com quem contava na altura, Alejandro Augustin Lanusse. A sua estratégia foi cautelosa, defensiva e virada para os aspectos legais, servindo como preparação do caminho para a sua retirada e, através dela, o abandono do governo pelos militares. Isso foi o que se chamou o «Grande Acordo Nacional», em 1971, de particular interesse para a burguesia.

Desde então, o regresso de Perón, que por diversas razões ainda era um mito, passou a ser esperado. De Espanha, onde se encontrava exilado, após uma rápida passagem pela América Central, onde viria a conhecer Maria Estela Martínez, bailarina profissional e auxiliado por Jose Lopez Rega, secretário particular, passou a negociar, com sucesso os termos do seu regresso. Hector

Campora, um mero ajudante de Perón, sucedeu a Lanusse através de eleições livres, em 1973. A sua presença na Casa Rosada, palácio oficial do presidente da República, foi rápida e superficial. Durou apenas o tempo necessário para ultimar os preparativos que rodearam o regresso do «caudillo». Dezoito anos depois da sua deposição, fazendo um grande esforço para demonstrar a mesma jovialidade de outrora, Juan Domingo Perón voltava apoteoticamente à Argentina recebendo o poder das mãos de Campora. Mas Perón voltou velho demais. O tempo, a evolução política, as situações concretas surgidas e resolvidas pela classe trabalhadora, exterminaram os efeitos criados pelas ilusões dos anos 50 e reduziram a pó a velha ordem «da-casa-para-o-trabalho-e-do-trabalho-para-casa». Os entusiastas seguidores dos tempos idos não gostaram da tentativa de Perón para fazer Maria Estela assumir o lugar de «Evita» e, muito menos, a sua nomeação como vice-presidente da República. Muito longe da política empregada na sua primeira fase, Juan Domingo Perón cedo deixou transparecer ao que ia, pagando o preço da permissão para voltar. A sua morte piorou a situação. Maria Estela, indecisa, comprometida, cercada por «staff» incapaz e corrupto, liderado por Lopes Rega, a «eminência parda» do regime, não poderia subsistir muito tempo. Os interesses monopolistas e agrários e a estratégia que o Pentágono havia traçado para a América Latina, com especial atenção após as derrotas na Ásia e na África, não podiam esperar mais tempo. A mobilização popular e a guerrilha ameaçavam o «equilíbrio». Então, após um «balão de ensaio» lançado pela Força Aérea, Jorge Rafael Videla, general, tomou o poder em Março deste ano.

A ACTUAL ECONOMIA E O SEU MINISTRO

A economia da Argentina enfrenta a sua maior crise do pós-guerra. A fragilidade do



A luta de massas contra a ditadura mudou qualitativamente: das grandes manifestações que dominaram o período do «governo Isabelita» passou-se à intensificação de guerrilha nos campos e nas cidades

dos no seio das próprias Forças Armadas dispostos a reconduzir o país ao «bom caminho». Entretanto, pouca diferença há entre os regimes actualmente vigentes no Brasil, Chile, Uruguai, Bolívia e Paraguai, aos quais se junta, agora, o da Argentina. As pequenas alterações existentes devem-se apenas às necessidades de adaptação ao país onde são exercidos. Tal como nos casos congêneres, o regime de Videla não vai conseguir resolver os problemas de ordem política, económica e social, gerados pelo peronismo, pelas sucessivas ditaduras militares e novamente pelo peronismo, numa segunda fase mais decadente e corrupta, que teve a sua última página virada com a deposição de Maria Estela Perón.

A Argentina é, indiscutivelmente, a nação mais politizada da América Latina e tem um trunfo com que os seus vizinhos que vivem sob ditaduras não puderam contar quando caíram: uma grande e bem articulada mobilização popular, a todos os níveis, disposta a não deixar que o país seja submetido aos caprichos, interesses e expansionismo do Pentágono. Contra esta mobilização, a Polícia, as Forças Armadas e os grupos paramilitares de direita lançam uma onda repressiva igual à que passou a assolar o Chile após o golpe de Pinochet, em Setembro de 1973. O terror policial e a violência oficial tiveram confirmação pela própria boca de Videla, há poucos dias, quando

vas, Videla talvez estivesse a pensar nas recentes resoluções tomadas na última reunião dos exércitos latino-americanos, realizada em Montevideo, capital do Uruguai. Neste encontro, onde o esmagamento dos movimentos guerrilheiros e de resistência aos regimes de força ocupou uma parte importante dos trabalhos, foram adoptadas grandes linhas, à escala continental, constantes de um plano preparado pelos Estados Unidos de acordo com as classes dominantes em cada país. Conforme ficou estabelecido, estão previstas intervenções de forças interamericanas «de paz» ou mesmo de contingentes militares dos Estados Unidos, de acordo com a quantidade, a qualidade e a forma de luta empregada pelas forças que são contrárias a estes planos.

Considerada como um «ponto quente» na América do Sul e país onde a luta de classe já atingiu características de guerra civil, a Argentina tem o povo diante de uma encruzilhada: a libertação nacional, com a implantação do socialismo ou o adiamento por muitos anos, de um projecto que, de qualquer maneira, é historicamente irreversível.

OS ÚLTIMOS 30 ANOS

Graças à situação económica criada pela Segunda Guerra Mundial, o sistema capitalista argentino teve, até 1952, dez anos que foram considerados estáveis. Esta, foi a época áurea de um regime do tipo bonapartista criado por Juan

conseguiu fazer com que, em 1952, o plano de desenvolvimento do chamado «capitalismo independente» de Perón iniciasse a caminhada para o fracasso. As greves sucessivas, a perda do poder aquisitivo, a deterioração a todos os níveis, deixavam o peronismo — também chamado de justicialismo — sem recursos e sem margem para manobras. A crise socioeconómica obrigou a que as classes dominantes buscassem o governo a eliminar as concessões que fizeram então. Importantes sectores das Forças Armadas começaram a ficar impacientes. Cada vez mais fraco e incapaz, o peronismo caiu, através de um golpe de Estado, em 1955.

Entretanto, até 1957, os militares que governaram a Argentina tiveram que enfrentar greves operárias de grande envergadura, contestações generalizadas e as primeiras acções armadas de carácter urbano e massivo. Sem meios para superar as dificuldades, a solução encontrada pelos militares foi o regresso ao parlamentarismo. Arturo Frondizi assume a presidência, apresentando um programa de governo progressista que, antecipadamente, sabia que não poderia cumprir. E como consequência, novamente a pressão popular se fez sentir. O país assiste a outra intensificação das lutas reivindicativas e políticas que enfrentavam, em pé de igualdade, os planos de superexploração capitalista. Continuaram as acções armadas nas principais cidades e deu-se a primeira

tuido por José Maria Guido, novamente é jogada a carta do bonapartismo. Mas o projecto já estava derrotado à partida, em razão da total ausência de dirigentes e de organizações entre as Forças Armadas. Esta fraqueza fez com que os militares dessem passagem ao parlamentarismo e, em 1963 as eleições presidenciais levaram ao poder o candidato da União Cívica Radical do Povo, Arturo Humberto Illia, com 25 por cento dos votos expressos. Desejoso de fazer algumas concessões e de tomar uma ou outra atitude progressista, Illia não conseguiu mais do que irritar novamente as classes «favorecidas». Remetido a uma posição crítica e pressionado pelos militares, decidiu-se pela repressão que, entretanto, não foi considerada satisfatória. Novo golpe bonapartista, em 1966, faz surgir Juan Carlos Onganía, com um programa «revolucionário» ambicioso no qual constavam pontos importantes como o «restabelecimento da ordem», o esmagamento das lutas operárias, a segurança aos monopólios de maiores margens de lucro e a modernização das estruturas capitalistas, sem as quais não seria possível «estabilizar» e «desenvolver» o país.

Nesta altura, as lutas dos trabalhadores argentinos já haviam chegado a um alto grau, manifestadas por greves gerais, ocupações de fábricas e grandes manifestações de rua. Houve ainda uma nova tentativa de guerrilha rural, rapidamente travada.



resistência

Carlos Osório

projecto peronista ficou clara ainda no final de 1974 quando, no meio de uma aparente euforia, era evidente o que aconteceria a seguir. A partir de Junho de 1975 a crise económica argentina alcançou índices desconhecidos.

A gravidade da situação é caracterizada por alguns dados bastante elucidativos: queda da actividade económica; grande queda nos investimentos; aumento do desemprego, que atinge mais de 600 000 pessoas; défices fiscais cujas grandezas eram desconhecidas até à data; défice de 520 milhões de dólares na balança comercial; défice da balança de pagamentos na ordem dos 900 milhões de dólares; reservas monetárias quase esgotadas; dívida externa de 10 000 milhões de dólares, número equivalente a três anos de boas exportações; aumento dos preços, que supera amplamente qualquer valor anterior, calculado em 138 por cento nos últimos quatro meses com uma previsão de alcance dos 350 por cento até ao fim deste ano; subida na cotação do dólar em quase 15 vezes sobre o seu preço considerado normal.

O que se pode esperar do actual projecto? Nada.

Esparilhado numa grave crise, a enfrentar uma resistência que não dá mostras de poder ser quebrada com facilidade o sistema económico argentino está mais próximo da bancarrota do que da recuperação.

As importações estão mais caras e a sua influência sobre sectores da indústria traz reflexos desagradáveis. Os créditos desapareceram. A elevação da taxa de juro faz com que os empresários fiquem inquietos. Como consequência directa de tudo isso, as vendas baixam. As pequenas indústrias alimentares, têxteis e de construção debatem-se com dificuldades. Na Renault, Fiat e Ford as encomendas decresceram vertikalmente, ao mesmo tempo que começou a limitação da produção e aparece o fantasma dos despedimentos em massa. No ano passado, apesar de tudo, vendeu-se o dobro

dos electrodomésticos vendidos este ano, em igual período. O pequeno comércio atravessa uma fase de pesadelos.

Sob o ponto de vista do poder aquisitivo dos trabalhadores, os salários são os mais baixos desde 1940, apesar do pequeno aumento de 15 por cento recentemente concedido. Este aumento foi decretado com base num poder aquisitivo fictício já que em Abril de 1976 o salário médio valia menos da metade do que em Junho de 1975. Por outro lado, enquanto dura a situação inflacionária — e tudo faz crer que ela continuará, agravada — e levando-se em conta a flexibilidade dos preços e a rigidez dos salários, o poder aquisitivo da classe trabalhadora em vez de aumentar, diminuirá a cada reajuste.

Por outro lado, a experiência demonstra que a produtividade cresceu mais do que o salário real nas grandes empresas, ao longo dos últimos 25 anos. O empresário mais poderoso não teve muitas preocupações em manter a paridade entre ambos os valores. E, se em 1975 a produtividade caiu, uma simples visão das estatísticas demonstra que a queda dos salários foi muito maior.

O modelo da análise preconizado pelo F.M.I. — Fundo Monetário Internacional — actualmente em voga na Argentina, diz que as crises nas balanças de pagamentos são devidas a pressões inflacionárias. Para resolvê-las, aponta-se, como, solução um programa recessivo que, aliado à desvalorização da moeda, permitirá incrementar as exportações e diminuir as importações. A balança de pagamentos será consolidada através de medidas de protecção.

Entretanto, no caso argentino, existem contradições insoluíveis, para a aplicação deste plano «made in U.S.A.». Pelas características estruturais da sua economia, uma melhora na sua balança de pagamentos não será fruto da aplicação deste esquema. O que será conseguido é o reforço da dependência externa e o maior controlo por parte do capital

estrangeiro, sem que nenhum dos problemas existentes seja solucionado. Aliás, o projecto peronista mostrou claramente a impossibilidade de um capitalismo independente, mais improvável à medida que aumenta o domínio estrangeiro na economia nacional.

Dado o estado da crise e a situação social existente, não existe possibilidade alguma de estabilização a curto, médio ou longo prazo, seja qual for o plano aplicado. E a primeira e mais importante consequência desta aplicação será, fatalmente, a redistribuição a favor da alta burguesia, com prejuízo para os assalariados, ao mesmo tempo em que, por «selecção natural», reforça o capital monopolista em detrimento da pequena e média empresa industrial e agrícola.

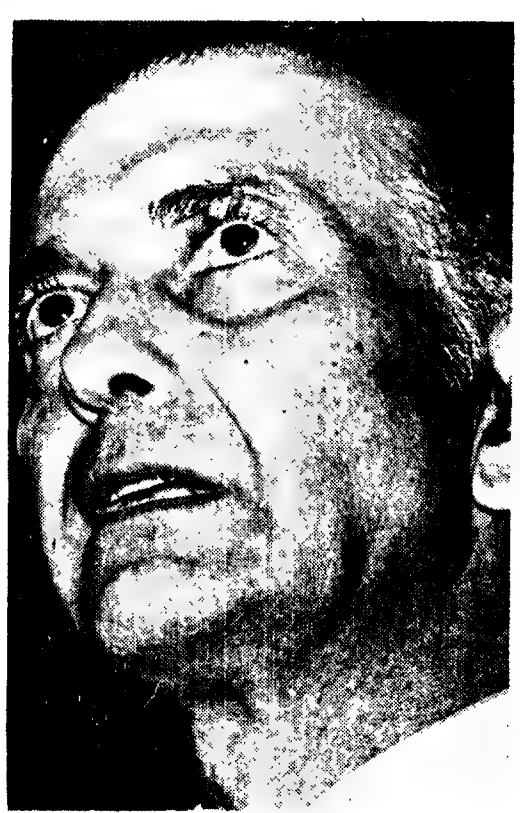
O responsável por este quadro é um senhor chamado José Alfredo Martinez de Hoz que, recentemente esteve em Paris, apesar dos protestos do Partido Socialista Francês, para pedir facilidades financeiras e créditos de investimento.

Nascido em 1924, Martinez de Hoz faz parte de uma família que possui 300 000 hectares de terra útil. Já desempenhou, ou ainda ocupa, os seguintes cargos: director da The Western Telegraph C. Ltd.; director da Companhia Italoargentina de Electricidade; presidente da Pterosur; director da Motor Coumbus; director da Pan American World Airways; director da Buenos Aires Cia. de seguros; director da Edificadora Saficid; presidente da Rosafin Saficid; director da Fademac; director do grupo Roberts; presidente do Centro Açucareiro do Norte Arg.; presidente do conselho consultivo do Centro Internacional de Informações Económicas — CIDIE; vice-presidente da Fundação de Investigações Económicas Latino-americanas — FIEL; membro da Junta Empresarial Acssora da Organização dos Estados Americanos; titular da Comissão Interamericana de Arbitragem Comercial e da Seção Argentina do Conselho Interamericano de Comércio e Produção, entidade semelhante ao Conselho das Américas, dos Estados Unidos; presidente do Conselho Empresarial da Argentina. Também se encontra vinculado directamente às seguintes empresas: San Antonio SAICI (agro-pecuária e financeira), Três Monjones Exportações Florestais e Colonização (do mesmo grupo), Tata Sulamericana SACIFI, Alcalis Argentinos (exploração de plantas que contém carbonato de sódio) e Eternit Argentina (exploração de cimento e amianto).

Por absoluta falta de espaço, porque já é suficiente para o que se queira demonstrar e para que a relação não se torne demasiado exaustiva, uma explicação detalhada sobre as empresas que contam com a



Videla, o chefe da Junta e da repressão



Martinez de Hoz, o mentor económico do «Vidélazo»

presença do sr. Martinez de Hoz é desnecessária. Basta apenas lembrar que algumas delas são dependentes directas de grupos como a ITT, Morgan e Brown Boveri.

E natural que o regime de Videla, imposto num país da América Latina, tivesse como mentor económico alguém com as «capacidades» do sr. José Alfredo e Martinez de Hoz...

O Pentágono sabe escolher as pessoas.

A MÁSCARA CAÍDA

O esforço publicitário para demarcar Jorge Rafael Videla de Augusto Pinochet foi incapaz de desmentir a realidade. Os jornais, as rádios e as televisões de todo o mundo demonstram, diariamente, os métodos empregados pelo novo regime para suplantar a resistência do povo argentino, farto de exploração e de militares direitistas.

Na provincia de Tucuman, a noroeste de Buenos Aires, já foi utilizado o «napalm» para reprimir lutas camponesas e acções guerrilheiras.

Em Salta, no norte da Argentina, há muito tempo funciona um destacamento de «boinas verdes» e uma base de treino militar assistida pelos conhecidos «especialistas» norte-americanos.

De um modo geral, os oficiais com patente acima de capitão já foram pelo menos uma vez aos Estados Unidos ou ao centro especial de instrução na zona do Canal do Panamá para uma «viagem de estudos».

Os dezoito anos de governo militar que sucederam à primeira fase do peronismo não fizeram brotar tanto sangue como os três meses e meio do regime de Videla: mais de 600 mortos.

É difícil acreditar na campanha publicitária quando logo após o golpe de 24 de Março são decretadas medidas e executadas acções como estas: suspensão das actividades políticas e ilegalização de vários partidos de esquerda; intervenção militar na Confederação Geral do Trabalho e nos principais sindicatos; proibição do direito de greve; anulação das regalias e conquistas dos trabalhadores após décadas de luta; despedimentos massivos nas empresas estatais e em alguns ramos da indústria; perseguição de trabalhadores com actividade política e sindical, quer pelas forças policiais, quer pelos grupos paramilitares como a «Triple A» — Aliança Anticomunista Argentina, muitas vezes seguidos de tortura e morte em plena rua; agravamento do estado de sítio, com a instauração de tribunais de guerra, promulgação da pena de morte e prisões arbitrárias como as que são levadas a cabo contra inocentes, apenas por mera suspeita.

Enquanto isso, a guerrilha urbana e rural, desenvolvida pelo ERP — Exército Revolucionário do Povo — e pelos Montoneros, desde há algum tempo actuando em conjunto, continuam a ser o grande obstáculo para a concretização dos planos capitalistas num futuro próximo e os maiores catalizadores da resistência contra o sistema.

Mas a cada acção revolucionária, corresponde a reacção militar, policial ou paramilitar. Por exemplo: a bomba colocada no Quartel General da Polícia Federal, em Buenos Aires, no passado dia 3 de Julho, desencadeou um fim-de-semana sangrento, do qual não escaparam três padres e dois sacerdotes, entre os 20 assassinatos efectuados.

Em contrapartida, a cada investida policial, militar ou dos grupos paramilitares direitistas, corresponde uma acção da guerrilha que, antes de demonstrar preocupações com os aspectos espectaculares, procura a eficácia, como a colocação de uma bomba sob a cama do chefe da Polícia Federal, que cumpriu os objectivos para os quais era destinada.

Logo após o atentado contra

o Q.G. da Polícia Federal, o general Corbetta, comandante da força, apresentou a sua demissão. Para o seu lugar, foi indicado outro militar com a mesma patente: Edmundo Ojeda, tido como um homem de «linha dura». Ao mesmo tempo, comentou-se que havia a determinação de exterminar 40 000 opositores, numa acção que visava o termo definitivo de qualquer movimento contestatário.

É praticamente impossível saber se esta medida de repressão será concretizada. Em todo o caso, os 37 presos políticos que estavam nos calabouços da Superintendência de Coordenação Federal, desapareceram após o atentado de 3 de Julho, sem deixar rasto.

Execuções sumárias com cargas de dinamite para evitar a identificação do cadáver; acções de grupos paramilitares com métodos iguais aos utilizados pelos brasileiros esquadrões da morte; afogamentos no rio Paraná com os cadáveres a aparecerem em território uruguaio; ausência de segurança para os exilados políticos de outros países latino-americanos; mesmo para os mais destacados, como o ex-presidente boliviano Juan José Torres e os ex-deputados uruguaios Zelmar Michelini e Gutierrez Ruiz; sequestro dos familiares de revolucionários, como o ocorrido na semana passada com Manuela e Cristina Santucho, respectivamente irmã e cunhada de Mario Roberto Santucho, secretário-geral do PRT/ERP, certamente submetidas à tortura e com grave risco de vida; tudo isso torna impossível a distanciação de Videla em relação a Pinochet a não resolve a crise do capitalismo argentino.

Graças à repressão e às «cartas-aviso» da «Triple A», os argentinos passaram a fazer parte da grande diáspora latino-americana. Operários, professores, cientistas, técnicos, estudantes e trabalhadores em geral são obrigados a deixar o país para não serem uruguaios, brasileiros e argentinos, ou paramilitares direitistas, clandestinos em sobreviver no seu país.

Mas, ao mesmo tempo, a Argentina está a ser olhada com atenção e no momento é, talvez a última esperança para quem quer ver a América Latina começar a deixar de ser definitivamente, um quintal dos Estados Unidos.



Estrangeiro

Os não-alinhados e a Informação

A conferência ministerial dos países não alinhados decidiu, a 13 de Julho em Nova Delhi, a constituição de um pool das agências de Imprensa dos países membros do movimento. O projecto será examinado e decerto aprovado no mês de Agosto, em Colombo, durante a «cimeira» dos não alinhados. Restará então ao comité de coordenação de quinze membros presidido pela Índia, pôr de pé o pool que não será uma agência de Imprensa supranacional.

O Terceiro Mundo enuncia com razão o domínio do Ocidente sobre a informação. Domínio financeiro, político, cultural. A escolha da notícia, mesmo quando raramente é executada por ordem do poder, quase nunca é neutral: ela é feita pelos ocidentais em função do seu próprio sistema de valores e constitui uma forma subtil, mesmo que incons-

ciente, de colonização, que envia para o Terceiro Mundo a imagem que dele tem o Ocidente, tem por isso informar realmente esse Ocidente dos movimentos em gestação nos continentes pobres.

Era portanto lógico que a descolonização começasse um dia a ser feita nesse domínio, como o foi no domínio político e, mais dificilmente, no plano económico e financeiro. O verdadeiro diálogo «Norte-Sul» também passa por um reequilíbrio das correntes da informação, por uma tomada em consideração pelo Ocidente de modos de pensar e portanto de visões da realidade diferentes das suas.

Muitos dirigentes do Terceiro Mundo não estão bem colocados para desenhar os contornos de uma nova deontologia da informação. A conferência ministerial que deu luz verde à criação do novo pool das

agências, realizou-se na Índia, país onde a Imprensa está, há mais de um ano, às ordens do poder. As notícias que futuramente serão difundidas acerca deste grande país, graças ao pool, terão sido seleccionadas pelos censores de Nova Delhi. As intenções políticas do Governo e os seus projectos de reformas serão decerto melhor conhecidos do que dantes, mas aspectos da realidade indiana chegarão todos eles às massas media?

Estas palavras são válidas para a maioria das nações do Terceiro Mundo. É essa a razão por que o pool não terá nenhuma autoridade supranacional. Trata-se simplesmente de uma justaposição de agências nacionais. Cada Estado, cada grupo ou partido não poder filtrar a informação. Quem poderia, de resto, afirmar, que mesmo essas versões oficiais dos acontecimentos

são aceites e difundidas por todos os membros do grupo dos não alinhados? Logo que surja um conflito entre dois países deste movimento é quase certo que as clivagens nacionalistas dominarão o que é exposto pelas teses em presença.

Mas o Ocidente não pode dar lições neste domínio aos países não alinhados. Ele tratou demasiado mal as liberdades que agora apregoa. Os franceses, por exemplo. O verdadeiro monopólio da informação em províncias inteiras, a concentração dos órgãos de Imprensa nas mãos de poucos homens e de alguns bancos, não podem, de modo algum, ver considerados métodos de libertação da população nem factores que nos permitam conhecer melhor a nossa sociedade e as sociedades dos outros continentes.

© Le Monde

África Austral: um novo Vietname?

Agrava-se a situação na África Austral onde a pressão imperialista se acentua acumulando os riscos de deflagrar uma situação de dia para dia mais explosiva.

A par das agressões permanentes do exército sul-africano e rodesiano contra território moçambicano, angolano e zambiano, a deslocação da sétima esquadra dos Estados Unidos para a zona do Índico, navegando muito próximo da costa, aumenta as justas apreensões dos dirigentes africanos.

Em Maputo, as autoridades multiplicam contactos com Lusaka, Dar-es-Salam, Luanda e mesmo Campala, já que as acções dos exércitos racistas, a par das provocações quenianas contra o Uganda, se devem entender como inserindo-se numa ampla ofensiva imperialista contra um bloco de nações que resiste aos seus designios e põe em causa o seu principal bastião: a África do Sul.

Depois dos recentes bombardeamentos levados a cabo pela aviação sul-africana contra aldeamentos civis indefesos na Zâmbia e no sul de Angola, assiste-se agora a incursões do exército racista em território angolano e zambiano, a partir do sudoeste africano.

«Trata-se de uma acção concertada, mas não nos apanham desprevenidos», comentava recentemente um funcionário governamental moçambicano citado num artigo do «Times of Zambia».

Na realidade, em Maputo como noutros pontos «mais vulneráveis» de Moçambique, tomam-se medidas para enfrentar qualquer emergência. Nos terraços de alguns prédios de Maputo podem ver-se metralhadoras antiaéreas com guardas 24 horas de serviço. Nos quartéis da capital e das zonas vizinhas, mantém-se um estado de alerta parcial e o movimento de tropas na cidade e periferia é acima do normal.

Nas ruas de Maputo, apesar de tudo, a vida mantém-se sem alteração, decorrendo em perfeita normalidade. Apenas as estruturas partidárias da Frelimo intensificam as tarefas de esclarecimento político e explicação da situação. «Há um inimigo permanente que não desiste de minar a nossa unidade, tentando destruir-nos. Esse inimigo é o racismo de Vorster e Smith, «5.ª coluna» do imperialismo em África», assim resumem o pensamento de Samora Machel, expresso nos árdus tempos da luta anticolonial.

Mas não é apenas com a acção assassina dos seus bombardeamentos e dos seus exércitos que rodesianos e sul-africanos atentam contra as jovens nações. A subversão é fomentada e subsidiada a partir de Pretória e Salisbury. Desde os grupelhos pseudo-«democráticos» que vão encontrando em alguns jornais portugueses e estrangeiros um destaque que transcende largamente a sua importância, até a acções internas de puro banditismo visando desestabilizar a situação e criar uma onda de pânico, tudo é válido.

Em Angola, tenta-se insuflar vida a movimentos moribundos como a FNLA e a UNITA, pretendendo manter viva uma oposição fantoche ao MPLA, sem considerar a rejeição categórica de que o povo angolano já deu provas face a tais manobras. Em Moçambique, reinventam-se movimentos oposicionistas, nascidos da acção spinofista pós-25 de Abril, e

que nunca lograram qualquer representatividade. No Uganda, exploram-se as contradições de um regime liderado por um Idi Amin confuso e imprevisível, mas que ocupa posição estratégica numa África Austral em convulsão. Na Zâmbia, o saneamento da função pública (sobretudo ao nível dos aparelhos partidário e governamental) tentados sob influência moçambicana, arredou do primeiro plano alguns peões importantes do jogo imperialista e isolou a State House da sua influência directa.

Como na América Latina ou no Extremo Oriente, o imperialismo também em África não olha a meios para atingir os seus fins.

Em Moçambique e em Angola, especialmente nas zonas urbanas, assassinatos, violações, actos de vandalismo sem qualquer móbil justificativo ocorrem em simultâneo com as agressões militares estrangeiras a populações indefesas. A Frelimo e o MPLA dizem que se trata de actos de conteúdo político, e demonstram-no: criar o pânico entre as populações, alimentar ódios raciais, incrementar o êxodo de quadros por forma a afectar todas as actividades produtivas, desorganizar o sector público, desacreditar as autoridades e paralisar toda a actividade económica duramente atingida pelas inevitáveis convulsões que rodeiam normalmente o acto de descolonização.

Mas trata-se também, para Vorster e Smith de remeterem para o «exterior» as suas próprias dificuldades internas, que ameaçam os alicerces do «apartheid» em que assentam dois dos regimes mais desumanos da actualidade e os últimos vestígios da opressão racial branca em África.

Para Vorster, as contradições de uma estrutura capitalista desenvolvida, aliadas aos conflitos raciais de que os recentes massacres cometidos pela polícia racista nos subúrbios de grandes centros urbanos são expressão, atingem o ponto de ruptura, percussor de necessárias transformações políticas, económicas e sociais que o seu Governo e o seu partido não estão em condições de vencer. Sintoma alarmante — e que Vorster regista — encontra-se no êxodo de emigrantes europeus do «paraíso» sul-africano e a fuga de capitais para a Europa, na qual se envolvem significativamente sectores populacionais considerados como pilares do regime — os «boers».

Para Smith, acossado pela acção dos exércitos nacionalistas do ANC e estrangulado pelo boicote económico decretado por Moçambique, reduzido, politicamente, à trágica posição de não poder contar com o apoio directo dos seus «patroões» de Washington e Pretória, é o desespero, a alternativa da fera que, encurralada, escolhe o ataque suicida.

Mas os governos progressistas da África Austral estão atentos à jogada. Sabem que os pretendem destruir. E precisamente porque conhecem as regras do inimigo, defendem-se e preparam a sua resposta, cientes de que, a haver um novo Vietname, em África, o desenlace será igual: a vitória dos povos em luta pela liberdade e pela independência.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

O Secretariado Nacional do SNTCT leva a efeito nos locais e dias abaixo designados, reuniões gerais de trabalhadores — para discussão final do Acordo Colectivo de Trabalho.

Em cada reunião estarão presentes 3 elementos do Grupo Coordenador do A.C.T.

COMPARECE, NÃO DEIXES OS OUTROS DISCUTIREM POR TI

ACORDO COLECTIVO DE TRABALHO MAPA DAS REUNIÕES A EFECTUAR E DIAS DA VOTAÇÃO

DISTRITOS	DIA DA REUNIÃO	HORA	LOCAL	DIA DA VOTAÇÃO DO ACT NOS LOCAIS DE TRABALHO
AVEIRO	26 Julho	21.30 h	Local a designar	27 Julho
BRAGA	20 Julho	21.00 h	CDCR	21 Julho
BRAGANÇA	21 Julho	21.00 h	Edifício dos CTT-Sector Postal-Sala dos Carteiros	22 Julho
COIMBRA	24 Julho	15.00 h	Auditório do Liceu José Falcão	26 Julho
FARO	26 Julho	21.00 h	Salão de Reuniões da Junta da Província de Faro	27 Julho
GUARDA	21 Julho	21.00 h	Sede Sindicato	22 Julho
LEIRIA	25 Julho	21.30 h	Local a designar	26 Julho
LISBOA	23 Julho	20.30 h	Instituto Superior Técnico	26 Julho
PORTO	23 Julho	21.00 h	Circulo Católico dos Operários do Porto	26 Julho
	21 Julho	21.30 h	-R. Duque Loulé 202	
PORTALEGRE	20 Julho	20.30 h	Bar dos CTT	21 Julho
SETÚBAL	22 Julho	21.30 h	Local a designar	23 Julho
SANTARÉM	26 Julho	21.00 h	Secretaria da CCP	27 Julho
VILA REAL	22 Julho	20.30 h	Edifício dos CTT e Sector da CCT	23 Julho
VEISEU	22 Julho	21.00 h	CDCR	23 Julho
VIANA DO CASTELO	22 Julho	21.30 h	Local a designar	25 Julho
CASTELO BRANCO	20 Julho	21.30 h	CDCR	21 Julho
BEJA	25 Julho	21.30 h	Edifício dos CTT	26 Julho

Estrangeiro

A sonda americana Viking desce amanhã em Marte

PASADENA (Califórnia), 19 — (ANOP) — Os cientistas prepararam-se ontem para «despertar» o módulo de aterragem da Viking-1, com vista à descida em Marte e à primeira pesquisa de vida no planeta vermelho.

Os técnicos passaram o dia a verificar o equipamento experimental do compacto laboratório da nave e a preparar as suas máquinas fotográficas.

O dr. Thomas Mutch, chefe da equipa que interpreta as imagens enviadas pelo aparelho, afirmou que as câmaras seriam ligadas pela primeira vez desde Setembro último.

O demorado processo de activar as câmaras não ficaria terminado antes do fim desta madrugada.

Talvez o mais importante dos equipamentos transportados no módulo de aterragem, seja o laboratório biológico — uma caixa do tamanho de uma bateria de automóvel, contendo laboratórios miniaturizados destinados a conduzir três experiências para detectar a existência de vida.

O dr. Harold Kleine, chefe

da equipa de biólogos, declarou que alguns cientistas consideram o laboratório automático, mais complexo que muitas naves espaciais.

Durante o processo de reactivação, as inúmeras válvulas do laboratório serão isoladas para evitar a penetração de poeira e outras matérias levantadas pela aterragem que poderiam obstruir alguma das partes móveis.

As mais recentes fotografias mostram o local onde o módulo de aterragem deverá pousar às primeiras horas de 20 de Julho, demonstrando que é uma área relativamente plana, nas faldas de uma gigantesca bacia hidrográfica, chamada Planície Chryse.

Os peritos acreditam que alguns valiosos materiais dos altiplanos marcianos poderão estar aqui depositados.

Áreas idênticas, na Terra, são frequentemente ricas em minerais, ouro, platina e diamantes e alguns cientistas admitiram que o mesmo ocorra ali.

As máquinas fotográficas do módulo de aterragem —

semelhantes a olhos de lagosta, sobressaindo de cada um dos lados do artefacto — serão verificadas e preparadas para transmitir imagens de Marte, as quais deverão começar a serem enviadas, 25 segundos após a descida.

As transmissões de Marte para a Terra, efectuam-se através da nave-mãe e demoram cerca de 20 minutos a atingirem o nosso planeta.

Os terrestres observarão amanhã, pela primeira vez, grandes planos da superfície marciana.

A primeira imagem será a de uma das «sapatas» do tripé de suporte do módulo e do terreno que a rodeia, após o que lentamente aumentarão o ângulo de inclinação, até focarem uma panorâmica da área de aterragem.

Os cientistas não sabem realmente o que as primeiras fotografias mostrarão, mas há um consenso praticamente unânime entre a equipa Viking, de que a área de aterragem é muito semelhante aos desertos do Norte de África.

Três quintos do Líbano controlados pela Síria

BEIRUTE, 19 — (R.) — A perspectiva de uma nova série de lutas no Líbano aumentou com a chegada de reforços sírios à região da montanha de Sofar, a Leste de Beirute.

A concentração de tropas fez ruir todas as esperanças de que uma delegação palestina iria a Damasco para discutir a reconciliação.

Os palestinos tinham condicionado tal iniciativa a uma prévia retirada síria de Sofar e da área de Sidon, no Sul do Líbano.

Um informador palestino pôs de parte a hipótese de enviados da Liga Árabe, esperados esta semana em Beirute, conseguirem ajudar a mediar entre as duas partes em conflito após o apelo de ministros dos Negócios Estrangeiros árabes reunidos a semana passada no Cairo para as reconciliar.

«A Liga Árabe é um cavalo morto», declarou à Reuter o informador palestino. «Não vai ajudar ninguém».

O informador anunciara ontem que novas tropas sírias haviam entrado no Vale de Bekaa, no Líbano Oriental. A emissora falangista direitista anunciou também a presença de reforços sírios na região de

Sofar, mas dizia que a iniciativa surgiu depois da aliança palestino-esquerdistas libaneses ter bombardeado posições sírias na área.

As tentativas de mediação, contudo, não foram abandonadas.

O primeiro-ministro da Síria, Mahmoud Al-Ayoubi, teve ontem conversações em Damasco com o primeiro-ministro libanês, Abdel Salam Jalloud, sobre os últimos acontecimentos no Líbano.

O major Jalloud tem estado a viajar repetidamente entre Damasco e Beirute durante os últimos cinco dias numa tentativa para organizar um diálogo entre a Síria e os palestinos.

O conselheiro político da Liga Árabe, Hassan Sabri Al-Kholi, partiu a noite passada do Cairo para conversações, primeiro, em Damasco, e depois em Beirute.

Disse que conferenciaria com todas as partes envolvidas no conflito e discutiria a melhor maneira de pôr em prática as resoluções da Liga Árabe, incluindo propostas para a reconciliação sírio-palestina.

De acordo com um alto funcionário sírio que falou ontem com os jornalistas no Sul do Líbano, as forças sírias controlam três quintos do Líbano. Desmentiu afirmações dos comandos palestinos e da esquerda libanesa de que a Síria estava a combater ao lado dos seus inimigos das direitas.

Ontem, com o colapso das perspectivas de mediação, a actividade militar foi intensificada em vários lugares. Houve alguns bombardeamentos na área de Alep, a Sudeste de Beirute, onde o dirigente esquerdista libanês, Kamal Jumblatt, tem o seu quartel-general.

Ambas as partes anunciaram a ocorrência de combates no campo de refugiados palestinos de Tel Al-Zaatar, que

se encontra sob ataque directista há quase quatro semanas. Os palestinos afirmaram ter repellido três ataques directistas contra o acampamento sitiado.

Um informador palestino disse que tinha havido reconcontros no acampamento de refugiados palestinos de Nahr El-Bared entre tropas sírias e os defensores do acampamento. Afirmou que os sírios haviam bombardeado a vizinha cidade de Tripoli, no Norte do Líbano.

CONVERSACOES TRIPARTIDAS SOBRE A GUERRA

CAIRO, 19 — (R.) — Os chefes de Estado do Egipto, da Arábia Saudita e do Sudão concluíram conversações sobre a guerra civil libanesa e outros problemas árabes, e esperam-se que emitam hoje um comunicado conjunto.

O presidente Anwar Sadat, do Egipto, o presidente Gaafar Nimeiry, do Sudão, e o rei Khalid, da Arábia Saudita, chegaram a acordo na sua cimeira de Jeddah sobre uma estratégia unificada para enfrentar os problemas com que se defronta o mundo árabe, de acordo com o jornal «Al-Akhar», do Cairo.

Foi dado passos importantes para uma coordenação militar e política entre os três países — acrescentava o jornal.

O presidente Nimeiry falou aos outros dois chefes de Estado sobre a recente tentativa frustrada de golpe de Estado no Sudão pela qual acusou a Líbia — uma acusação que os libios negam.

O presidente Sadat deverá regressar hoje ao Egipto e o presidente Nimeiry parte para Cartum, dizia a agência noticiosa Médio Oriente (MENA).

Refugiados na Argentina cessam greve da fome

BUENOS AIRES, 19 (R) — Cerca de 600 refugiados latino-americanos cessaram ontem uma greve de fome em Buenos Aires depois de receberem garantias de que seriam instalados noutros países o mais cedo possível, declarou um informador dos refugiados.

O informador disse que a garantia foi dada por Roberto Muller, representante regional em Buenos Aires do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (U. H. C. R.), durante uma reunião com os grevistas, mas Muller, um suíço, negou que tivesse dado quaisquer garantias.

«Disse-lhes simplesmente que o U. H. C. R. tinha recebido indicações positivas de vários Governos que talvez desejassem receber os refugiados», declarou Muller à Reuter.

Um grupo inicial de 57 refugiados, na sua maioria exilados chilenos, iniciou a greve de fome em Buenos Aires em 6 de Julho para apoiar exi-

gências no sentido de serem instalados em outros países. Afirmaram que as suas vidas corriam perigo, se continuassem na Argentina. O seu número aumentou posteriormente com a adesão de outros refugiados políticos.

Cerca de 10 000 refugiados latino-americanos estão oficialmente registados nos escritórios do U. H. C. R., na Argentina, mas fontes dignas de crédito disseram que o verdadeiro número é provavelmente de cerca de 25 000.

Entretanto, 15 refugiados chilenos continuavam ainda na Embaixada canadiana em Buenos Aires aguardando o seu embarque para o Canadá. Ocuparam a Embaixada pacificamente com outros 12 refugiados em 2 de Julho afirmando que as suas vidas corriam perigo se não fossem instalados noutro país.

Os 12 refugiados partiram de avião para o Canadá na quinta-feira.

Caleidoscópio

■ CHOWCHILLA (Califórnia), 19 (R) — A Polícia divulgou a descrição de três brancos que raptaram 26 crianças e as sequestraram durante 16 horas numa pedreira a leste de São Francisco.

O dirigente do trio fugitivo, procurado em toda a Califórnia, seria um norte-americano de voz profunda, com uma águia tatuada no braço direito. A Polícia colheu as descrições entre as crianças e o motorista do seu autocarro escolar, que estão ainda a refazer-se do pesadelo que viveram na sua masmorra subterrânea, improvisada com um velho camião enterrado num poço da pedreira. Os cativos conseguiram, por fim, abrir um túnel e escapar à sua prisão, dois metros abaixo do solo.

As autoridades ainda não descobriram o motivo do rapto em massa.

■ TEGUCIGALPA, 19 (ANOP) — Os altos comandos militares das Honduras e do Salvador ordenaram o imediato cessar das hostilidades fronteiriças entre os dois exércitos.

A decisão foi tomada ontem, depois de várias reuniões de urgência entre os chefes do estado-maior das Forças Armadas dos dois países, que investigaram o recente encontro de Zazalapa — zona ocidental das Honduras —, que deu início às escaramuças.

■ DENPASAR (Bali), 19 (ANOP) — O sismo que na passada quarta-feira abalou a ilha de Bali, causou mais de 500 mortos e 3400 feridos — anunciou um hoje um porta-voz do Palácio do Governo.

O informador afirmou ser necessário mais auxílio, para solucionar os problemas dos feridos e dos mortos.

O Quênia responde a Amin prendendo ugandeses

■ NAIROBI, 19 — (ANOP e R.) — O Quênia decidiu ignorar as provocações do presidente ugandês Idi Amin, afirmando que só atacaria o Uganda em legítima defesa.

A declaração foi emitida pela televisão de Nairobi após as autoridades quenianas terem

■ NICE, 19 (FP) — Com 98 anos de idade, faleceu ontem em Nice o antigo sultão marroquino Sidi Mohammed Ben Arafa, que governou Marrocos entre Agosto de 1953 e Outubro de 1955, com o nome de Mohammed VI.

O extinto levava uma vida muito retirada em Nice, desde que substituiu no Poder Mohammed V, pai do actual soberano Hassan II.

■ VIEDMA (Argentina), 19 (ANOP) — Dois objectos foram vistos na zona de La Cuchilla, a uns quinze quilómetros do aeroporto de Viedma, capital da província argentina de Rio Negro, a mil quilómetros de Buenos Aires.

Os discos voadores deslocavam-se em ziguezague sobre o aeroporto local e lançavam uma intensa luminosidade alaranjada.

Um empregado do aeroporto afirmou que os objectos, cujas evoluções puderam ser observadas durante duas horas, realizaram manobras a uma distância que permitiu obter «centenas de fotos».

■ BUENOS AIRES, 19 (ANOP) — Cento e cinquenta membros do Partido Comunista do Paraguai e entre eles o seu secretário, Miguel Sotergn, estão presos — segundo foi oficialmente informado.

■ TOQUIO, 19 (ANOP) — O Ministério do Interior nipónico anunciou hoje que, durante o ano fiscal de 1975, a população do país aumentou 1,1 por cento — o menor aumento registado no pós-guerra —, cifrando-se agora em 112,145 milhões.

"Kiev" no Mediterrâneo preocupa a N.A.T.O.

■ ANCARA, 19 (FP e R) — O «Kiev», de 40 000 toneladas, considerado no Ocidente o primeiro porta-aviões da União Soviética, passou ontem o Bósforo para a sua primeira aparição no mediterrâneo.

A União Soviética avisou com antecedência a Turquia, descrevendo o barco como o cruzador anti-submarino número 860. Um comunicado do Governo turco declara que a passagem não violou o Acordo de Montreux de 1936, que governa os movimentos navais no Bósforo e nos Dardanelos.

Embora fontes diplomáticas afirmem que o «Kiev» não é operacional actualmente, não tendo aviões a bordo, acham que a sua entrada no Mediterrâneo poderá significar, a longo termo, uma mudança significativa no equilíbrio do poder naval na região. As autoridades portuárias de Istambul declararam que um segundo navio soviético, o cruzador lança-mísseis «Almirante Usha-

kov», de 15 450 toneladas, entrou anteriormente no Mediterrâneo, procedente do mar Negro.

A entrada do «Kiev» no Mediterrâneo inspira inquietação nos círculos da N.A.T.O., dado que o «Kiev» poderá reforçar consideravelmente a esquadra soviética do Mediterrâneo e eventualmente as forças no oceano indico.

A forma do «Kiev» lembra a de um navio de linha que apresenta, contudo, uma ponte de voo, na qual se encontrava, com efeito, um helicóptero, à sua passagem pelo Bósforo. Ora, segundo a Convenção de Montreux, que concede à Turquia a soberania sobre os estreitos do Bósforo e dos Dardanelos, um navio com ponte de voo pode não ser considerado como um porta-aviões, se a função aeronaval não for primordial. Tal convenção presta-se, aliás, a interpretações divergentes quanto à passagem deste tipo de navios.

Atentados em Espanha no 18 de Julho

MADRID, 19 — (ANOP) — A Polícia não pronunciou quaisquer acusações contra os autores de uma vaga de atentados bombistas que ontem atingiram a Espanha. Contudo, membros do Governo responsabilizaram a extrema-esquerda ou as facções anárquicas.

Por outro lado, nenhum grupo reivindicou a autoria dos atentados.

Entretanto, fontes políticas afirmaram que esperavam uma reacção violenta das direitas, as quais já são contrárias aos planos de democratização do rei Juan Carlos e do seu recém-formado novo Governo.

A série de deflagrações atingiu o país no 40.º aniversário do levantamento militar de 18 de Julho, que originou a guerra civil espanhola, que estabeleceu o regime do generalíssimo Francisco Franco.

Pelo menos 14 potentes engenhos explodiram ao

princípio da madrugada de ontem em edifícios do Governo e monumentos, de Madrid, Barcelona, Bilbao, Segovia e El Ferrol, além de vários atentados com bombas incendiárias.

Segundo as autoridades, as deflagrações causaram sete feridos, e os agentes da lei abateram em Madrid, Carlos Hernandez Posito, de 29 anos, que se recusou a obedecer a uma ordem de alto.

Entretanto, a escritora francesa Simone de Beauvoir chegou ontem a Corunha em viagem de turismo.

Simone de Beauvoir assistirá à Semana de Solidariedade dos Estudantes Europeus com a Universidade Espanhola, que se realizará brevemente em Santander. A escritora não fez declarações à chegada.

Naquela semana de solidariedade, o filósofo francês Jean Paul Sartre será representado por Simone de Beauvoir.

raide ao aeroporto ugandês de Entebbe.

A televisão queniana disse ainda que «a Líbia confirmou o envio de jactos caça-bombardeiros ao Uganda, a fim de substituir os que foram destruídos durante o ataque israelita».

Espectáculos



Evasões Célebres

I PROGRAMA

1.º Período

12.30 Abertura e Eurovisão — Jogos Olímpicos de Verão (Montreal-Canadá). Resumo das provas realizadas no dia anterior.
15.00 Fecho.

2.º Período

19.00 Abertura e «Paulo e Virginia» — série filmada.
19.25 Teledeporto — Rubrica dedicada às actividades desportivas do fim-de-semana.
19.55 A Bela Moleira — De Schubert (3.ª parte) pelo barítono Alcino Soares, em que se conta a história do idílio de dois jovens moleiros. Realização de Correia Alves. Transmissão dos estúdios do Porto.
20.30 Telejornal (1.ª edição)
21.05 Teatro. «O Capote» de Gogol. Produção da Central Globo do Brasil.
22.30 Eurovisão — Jogos Olímpicos de Verão. Transmissão directa de Montreal-Canadá das provas: Ginástica, Boxe, Futebol, Voleibol e Natação.
01.00 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e «O Sobrinho da América» — Série filmada.
20.25 O Bobongo — Documentário da série «O Homem e a Arte», que preencherá a rubrica «Encontro com o Passado».
20.55 Evasões Célebres — Série filmada.
21.55 Telejornal
22.30 TV Jazz
23.30 Fecho.

Festival de Teatro de Setúbal

A convite do TAS — Teatro Animação de Setúbal — o Grupo de Teatro de C. M. L. L. estará presente no próximo dia 22 no Festival de Teatro de Setúbal, com a peça «O Grande Cidadão».

«O Grande Cidadão» estreou em Lisboa em Março deste ano em encenação de Joaquim Benite, responsável tam-

bém por outro espectáculo a apresentar neste festival: «O Santo Inquirido», encenado no Porto a 20 de Junho último, pelo grupo da Serva Trupe.

O público de Setúbal terá assim a oportunidade de ver e comparar dois trabalhos de Joaquim Benite, realizados por duas equipas.



O DIREITO AO TEATRO

Acabemos com os parasitas

CARLOS PORTO

O teatro é em Portugal um jogo complicado, cheio de meandros esquisitos e de nós gordos que urge cortar sem hesitação. Não foi ainda possível desbravar o terreno em que a actividade mergulha as suas raízes nem clarificar as relações horizontais e verticais que estão na sua base. Sendo o teatro (referindo-nos ao teatro empresarial) uma actividade industrial e comercial de intenções lucrativas e logicamente vítima dos interesses dos tubarões que vivem à sua custa, situação agravada pelo carácter monopolista do sector.

Para além disso, as carências de ordem cultural, a todos os níveis, a falta de preparação técnica, sob o ponto de vista especificamente teatral e mais latamente profissional, que caracterizam os nossos poucos empresários, contribuem para manter o teatro neste estado crónico de crise de que há tantos anos se fala. Ora essa crise não é mais do que o resultado da falta de organização, da pobreza de estruturas, da incapacidade dos empresários — e da ganância de alguns que vivem parasitariamente à custa do teatro — como se o teatro se pudesse dar ao luxo de alimentar parasitas.

Vejam os casos de teatro do Parque Mayer ou do Teatro da Rua do Carmo, que não vêm a afirmar. Não é o nome do teatro que é o problema, mas não se pode deixar de sublinhar que, nestes casos, não se defende o emprego em questão, como aliás se defende pelo que atrás escrevi.

Paga esse empresário seguintes verbas:
(1) Renda mensal do teatro: 50 mil esc.
— É claro que não se pode, não se justifica, nem comercialmente viável que a actividade como esta pague semelhante renda.

(2) Aos autores — 12,5 de percentagem sobre a receita bruta do espectáculo no primeiro mês de representações, e 10 por cento nos meses seguintes.

— Não queremos chamar parasitas aos autores de revistas, ou outros, que trabalham para estes empresários. Contudo, não nos parece aceitável que cobrem direitos que podem atingir médios, para o nosso meio, fabulosos. Se uma revista, por exemplo, vender uma média diária de cinquenta mil escudos, ou seja mil e quinhentos contos mensais, a parceria cobrará no primeiro mês 187 500\$00, e nos meses seguintes, 150 contos. Devemos concordar que é imoral.

(3) A Sociedade Avenida Parque — 5 por cento sobre a receita bruta até atingir os 3 000 000\$00 de receita, e depois, 2,5 por cento sobre a receita bruta.

(4) A Sociedade Avenida Parque — mais 2,5 por cento sobre a receita bruta.
(5) A Sociedade Avenida Parque — cerca de nove mil escudos mensais pela renda do teatro (paga, portanto, duas rendas!).

(6) A Sociedade Avenida Parque — cerca de 25 000\$00 (vinte e cinco mil escudos) de luz por mês (ou seja, os gastos?) da electricidade são cobrados por um dos senhores e não pela respectiva entidade oficial).

É um autêntico escândalo. A existência desta entidade mis-

teriosa que dá pelo nome de Sociedade Avenida Parque e que tem o monopólio dos recintos teatrais do Parque é uma afronta ao teatro, à actividade empresarial privada, à Revolução do 25 de Abril, ao País. Não é possível fazer nada de sério pelo teatro português sem pôr termo a este tipo de negócio. Tornar o teatro acessível às massas, tornar o teatro uma actividade viável, passa pela destruição implacável deste parasitismo. Como? O anteprojecto da lei de teatro proposto pela Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais contém a resposta para resolver o problema.

Assim, o art.º 42.º, intitulado exploração de recintos, determina o seguinte:

1 — A exploração comercial dos teatros ou de quaisquer outros recintos onde possam realizar-se espectáculos de teatro, só poderá ser levada a cabo em relação a este tipo de espectáculos pelos respectivos proprietários, arrendatários ou beneficiários de aquisição, passando a ser proibida, a partir da entrada em vigor desta lei, qualquer forma de sublocação ou cessão de exploração dos mesmos locais para esse efeito.

2 — Até 31 de Dezembro de 197... deverão ser rescindidos todos os contratos de sublocação e cessão de exploração actualmente existentes e relativos a recintos onde se possam realizar espectáculos de teatro, sem qualquer indemnização aos sublocadores, passando os últimos subloca-

tários, que futuramente explorarem comercialmente os espectáculos de teatro, a locatários directos pagando a renda estabelecida no contrato de locação.

Por sua vez, o art.º 43.º determina o seguinte:

1 — Nenhuma pessoa singular ou colectiva, com excepção das pessoas colectivas de direito público ou de utilidade pública, poderá possuir, como proprietária, arrendatária ou cessionária de exploração, mais de dois recintos onde seja possível realizar espectáculo de teatro.

2 — Para os efeitos da cumulação referida no número anterior, considerar-se-á a existência de identidade pessoal se ocorrer alguns dos seguintes factos:

a) — para as pessoas singulares, o casamento, parentesco ou afinidade até ao 3.º grau, e a participação, directa ou indirecta, no capital de sociedades comerciais;
b) — para as pessoas colectivas, a participação, directa ou indirecta, de uma ou mais pessoas comuns no capital ou na gerência de sociedades diferentes.

Se queremos viver num estado de direito, necessitamos de leis que o informem. Sem uma lei do teatro — o teatro em Portugal continuará a ser uma selva. Sem uma lei democrática de um regime interessado em lançar as bases de um Estado socialista.



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 12.30: Abertura e Jogos Olímpicos de Verão (Montreal-Canadá). Resumo das provas realizadas no dia anterior; 15.00: Fecho. 2.º Período: 19.00: Abertura e Os Homens, os Livros e as Coisas; 19.25: O Regador Mágico; 19.55: Ver; 20.30: Telejornal (1.ª edição); 21.05: Vinho e Pão — Série filmada; 22.10: Confronto — O que valem noventa minutos às escuros; 23.00: Telejornal (2.ª edição); 23.15: Eurovisão — Jogos Olímpicos de Verão — transmissão directa de Montreal-Canadá das provas de Ginástica e Natação; 01.00: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Vicki, o Vicking; 20.25: Os Goodies — O humor feito a sério; 20.55: Passatempo; 21.50: Telejornal; 22.30: Jogos Olímpicos de Verão — Transmissão directa de Montreal-Canadá das provas de Ciclismo, Voleibol e Futebol; 23.15: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

LAS PALMAS

A 1.ª VOOZAS DIRMOS

1 SEMANA

PARTIDAS:

Julho
Agosto 15.12
Setembro

Pacotes excepcionais desde 4.440\$

* a vantagem dos voos directos

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1846

LISBOA Av. da Liberdade 56 • Tel. 320021
PORTO Av. dos Aliados 207 • Tel. 37921
COIMBRA Rua da Santa Cruz 2 • Tel. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar 15 • Tel. 26035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

EXCURSÕES abreu

em autopullman

TRADIÇÃO NA QUALIDADE

Se está interessado nesta excursão de pequena duração (12 ou 3 semanas) peça nos 4 livros (gratuitos) "EUROPA 76"

EUROPA 76

ANDALUZIA — 10 dias
Partidas 19.6.10/7.7.21.3 • Esc. 6800\$

ESPAÑA ANDORRA E LOURDES — 11 dias
Partidas 16.6.21.7.4.11.12.13 • Esc. 7900\$

VERÃO AMENO — 21 dias
Espanha França Luxo Holanda Bélgica e Ilhas da Guadalupe
Partidas 5.8.9.9 • Esc. 22170\$

ESPAÑA E FRANÇA — 15 dias
Partidas 11.7.15.8.12.13 • Esc. 11400\$

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1846

LISBOA Av. da Liberdade 56 • Tel. 320021
PORTO Av. dos Aliados 207 • Tel. 37921
COIMBRA Rua da Santa Cruz 2 • Tel. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar 15 • Tel. 26035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ALBERTO

grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

bertolt brecht

JOÃO LOUREIRO

NOVO HORÁRIO:

DE 3.ª A 6.ª FEIRA AS 21 e 15 H.

SÁBADO AS 15.30 e 21.15

DOMINGO só às 16 h.

ADOOLE

AGRADE CEGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR

ÊXITO TOTAL!!!

Com:

ERMELINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES
FERN. DE OLIVEIRA

Um grande elenco faz um grande êxito!

Hoje às 20.30 e 22.30 h (Não acons. a men. 18 a.)

4.ª FEIRA, descanço da Companhia

O "TOUR" NO PAPO DOS VETERANOS

Martins: menino entre doutores

O «Tour» terminou com o triunfo, (esperado) do belga Lucien Van Impe. A etapaderradeira teve dois sectores: um contra-relógio de seis quilómetros, (Campos Eliseos, Praça da Concórdia, Cais das Tulherias, Avenida do General Le-monnier, Rua Rivoli e, novamente, Praça da Concórdia) e um segundo sector percorrido no mesmo circuito, mas com 15 voltas em linha, na distância de 90,700 km.

O belga Freddy Maertens como o holandês Gerben Kar-tens, vencedores dos dois troços da etapa, não conseguiram ganhar diferenças que motivassem mexidas na ordem classificativa. José Martins

realizou um final de prova dentro das suas possibilidades, tendo conseguido manter uma 12.ª posição de alto mérito.

Dos 130 ciclistas que iniciaram a prova, apenas 83 a concluíram, o que ainda realça mais a classificação final do nosso compatriota, que chegou a ocupar a 10.ª posição durante algumas etapas, e, em «certa» tirada, foi virtual possuidor da «camisola amarela»

CLASSIFICAÇÕES

1.º sector (c/ relógio); 1.º Freddy Maertens, 7m 46,74s; 2.º Joop Zoetmelk, 7.57,74; 3.º Raymond Poulidor 7.57,88; 4.º Michel Pollentier 7.57,88; 5.º

Lucien Van Impe, 8.04,25; 6.º Raymond Deslile 8.06,17; 7.º José Pesarrodona, 8.09,29; 19.º José Martins, 8.21,18.

2.º Sector (em linha): 1.º Gerben Karstens, 1h 58m 48s; 2.º Freddy Maertens; 3.º Pierino Gavazzi; 4.º Régis Delepine; 5.º Willy Teirlinck, tocos com o mesmo tempo do vencedor, assim como José Martins, que chegou englobado no grosso do pelotão.

Classificação Final Individual: 1.º Van Impe, 114h 15m 31s; 2.º Joop Zoetmelk, a 12.15; 3.º Raymond Poulidor, a 12.15; 4.º Raymond Deslile, a 12.15; 5.º Walter Ricconi, a 12.27; 6.º Francisco Galdos, a 14.33; 7.º Michel Pollentier, a 15.05; 8.º Freddy Maertens, a 16.24; 9.º Fausto Bertoglio, a 16.30; 10.º Lopez-Carril, a 19.14; 11.º José Pesarrodona, a 21.09; 12.º José Martins, a 21.28.

De realçar que os mais cotados são veteranos nestas andanças: Van Impe tem 29 anos, Zoetmelk conta 33, Poulidor é «quarentão» e Delisle conta 30 e meses. Onde se prova que a experiência, nestas coisas de ciclismo, pesa muito favoravelmente para o corredor que é inteligente.

PORTUGAL

ACTIVIDADES SUBMARINAS

Natalino Macedo (Benfica), Renato Jourdan (Paços de Arcos), Valente Garcia (Oriental), João Boavida e António Cadete (Paço de Arcos) foram os mergulhadores mais bem cotados no «Torneio de Técnica Subaquática», realizado em Sesimbra.

CICLISMO

Venceslau Fernandes (Sangalhos) e Marco Chagas (Costa do Sol) são campeões nacionais de ciclismo, respectivamente na categoria de «especiais» e seniores.

Para 24 do corrente, a Associação de Ciclismo de Lisboa marcou as provas «Amigos de

Continua na pág. 16

ANDEBOL

Académica de S. Mamede é um dos finalistas da «Raça de Portugal em Andebol», depois de ter eliminado o Desportivo de Portugal (16-21 e 20-13). Porto, e Almada terão de voltar a encontrar-se por contarem um êxito em cada «mão» da meia final.

ANIMAÇÃO

O Movimento «Alfa» (Brigadas estudantis de trabalho e alfabetização) começou hoje a realizar um curso de formação de animadores desportivos (futebol, ginástica e atletismo), no Estádio Universitário de Lisboa.

BASQUETEBOL

Prossegue a «Taça de Portugal», em basquetebol: o F. C. Porto eliminou o Algés (72-54) enquanto o Sporting arredou o Sangalhos (103-49). Agora, os «leões» terão de confrontar-se com o Barreirense para definir qual o último opositor dos portistas. A propósito: na 4.ª feira (na Marinha Grande) Sportig e Sangalhos voltam a jogar, desta feita na «decisiva» do nacional.

ANDEBOL

Curso de treinadores

Dando continuidade ao planeamento apresentado pela F. P. A., o Sector de Formação da D. G. D., com vista à formação de quadros desportivos, vai organizar o Curso de Treinadores de 3.º grau de andebol, decorrendo a referida acção em Lisboa, de 10 a 19 de Setembro próximo. Os interessados de todo o País, que desejarem frequentar o referido curso, deverão fazer a sua inscrição na Federação, até ao próximo dia 24, acompanhada de 150\$00 e quatro fotografias.

O curso terá a frequência máxima de 40 participantes, sendo a ordem de recolha a seguinte: 1.º — Técnicos com a licença da F. P. A., que nos

últimos 5 anos tenham desempenhado funções técnicas durante 3 anos; 2.º — Diplomados em Educação Física, com o desempenho de funções técnicas durante uma época nos últimos 3 anos; 3.º — Treinadores de 4.º grau, que tenham desempenhado funções técnicas pelo menos uma época; 4.º — Diplomados em Educação Física com passado desportivo (praticante) em andebol.

O curso que terá a duração de 80 horas, decorrerá em regime de internato completo, sendo as despesas de transporte, alojamento e alimentação suportadas pela D. G. D.

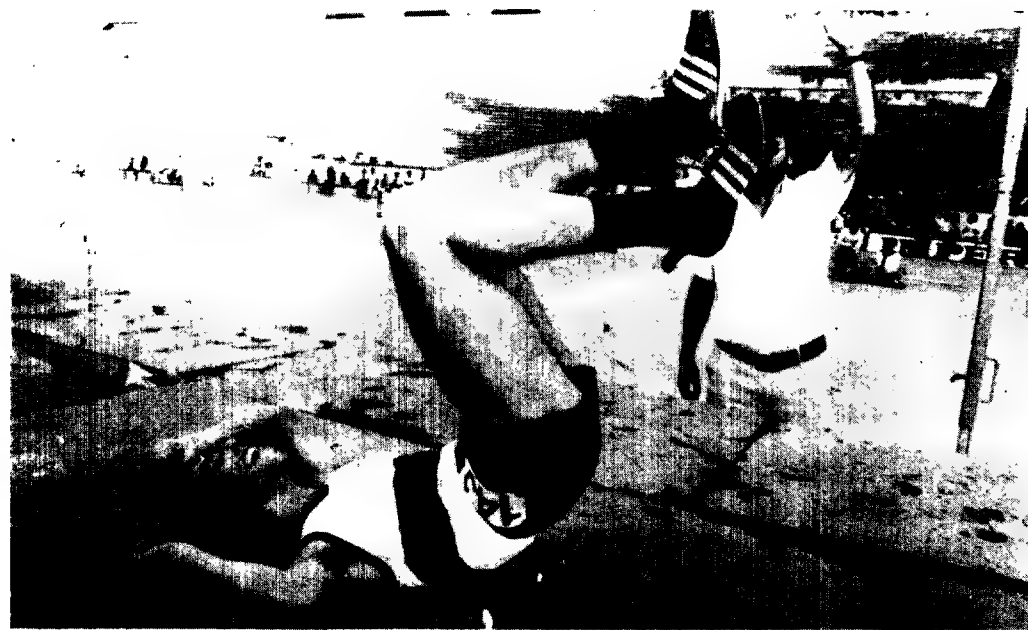
"Minho Desportivo"

Sob a direcção de Telmo Esteves, acaba de sair «Minho Desportivo», quinzenário que (consoante o seu editorial) procurará preencher uma lacuna na imprensa desportiva nacional, em especial nortenha, ou mais propriamente minhota,

dado que os jornais desportivos existentes se dedicam demasiado ao profissionalismo (futebol e outras modalidades) e, no campo amador, a certas zonas sulistas, em especial.

Telmo Esteves acrescenta: não posso aceitar que o resto seja paisagem em qualquer campo da vida nacional, por isso o desportivo merece certa atenção.

Desejamos longa vida a «Minho Desportivo».



António Vermelhudo, saltando em altura 2 metros e 10 cms., bateu «record» nacional e tornou-se a figura exponencial de uma selecção portuguesa que baqueou estrondosamente face a um conjunto de italianos com a idade máxima de 23 anos, num cotejo que teve lugar no Jamor. O resultado final é concludente: Portugal 78 pontos-Itália, 133. Os magros êxitos lusitanos pertenceram a António Cachola (400 metros), Carlos Cabral (800 e 1500), Luís Azevedo (triplo salto) e Tavares da Silva (3000 obstáculos). Na imagem: Vermelhudo aterra no colchão, após o maior pulo dado até hoje por atletas de Portugal

HÓQUEI

Sporting calçou patins ao Porto

Incontestável: o Sporting possui a melhor formação portuguesa em hóquei patinado, com excelentes valores, magnífica direcção técnica (Torcato Ferreira) e uma secção que tem o espelho na soma de triunfos arrecadados. O mais saboroso veio agora: a revalidação, quase à vontade, do título de campeão nacional da modalidade, após um brilhante espectáculo face ao F.C. Porto (10-2) na noite de sábado.

Rendeiro e Chana foram donos do «show». Uma espantosa velocidade leonina derrotou imediatamente os portistas, pouco preparados para tal galopada. Ao intervalo, o «placard» (4-1) já evidenciava a cor do triunfador.

António Quintela arbitrou o cortejo das seguintes for-

mações:

Sporting: Ramalhete, Rendeiro (1), Sobrinho (1), Chana (6), Salema (2), Carlos Alberto, Saraiva e Basílio.

Porto: Castro, Presas (1), José Fernandes (1), Carlos Chalupa, D. Reis, C. Reis e Júlio.

Politicamente notório ao acutilante Chalupa, quase reduziu a zero as possibilidades nortenhas. No entanto, observou-se a marcha do marcador: Sobrinho (1-0), José Fernandes (1-1), Chana (2-1, 3-1 e 4-1) e pausa para ida até aos balneários. Depois: Presas (2-4), e arranque final da turna verde-branca que, quando venceu por 8-2, fez três substituições (sairam Ramalhete, Sobrinho e

Salema, para dar oportunidade de exibição a Basílio, Saraiva e Carlos Alberto).

Uma sensacional actuação sportinguista, a vincar a nitida supremacia patenteada em todo o torneio. Outros resultados da dupla ronda (sábado-domingo): Oeiras, 5-Valongo, 5; Infante de Sagres, 4-Salesiana, 4; Oliveirense, 2-Benfica, 3; Infante de Sagres, 3-Benfica, 2; Oliveirense, 6-Salesiana, 7; Oeiras, 5-Porto, 1 e Sporting, 9-Valongo, 3.

Pontuação final do campeonato: Sporting, 41 pontos; Porto, 33; Salesiana, 31; Oeiras, 28; Valongo, 27; Infante de Sagres, 26; Benfica, 24; Oliveirense, 14.

TOTOBOLA

A chave com "13"

Saigueiros - Montijo	X
Beira-Mar - U. Tomar	X
Vilanovense - Paredes	2
A. Viseu - Vila Real	1
Odivelas - Alcochetense	1
Ostende - GUIMARÃES	1
Oesters - BELENENSES	1
Grasshopp. - Landakrona	1
Teplice - Offenbach	1
Insbruck - Eintracht Br.	1
Brno - Duisburg	1
Naestved - Pogan	X
Kosice - Lodi	2

«TRÁS-OS-MONTES»

5.ª SEMANA

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no cinema Satélite, de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19 horas.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Geral de Acção Cultural.

CURSOS DE VERÃO

EXAMES 3.ª EPOCA — SETEMBRO

INÍCIO EM JULHO

EXTERNATOS

Marquês de Pombal Alvares Cabral

Rua Morais Soares, 93
Tel. 820221 / 834858

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 706974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL

(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE

(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES MACHINES DE JOGO SALA DE JOGO

LORNE LESLEY

VEGETA INGLESA DO CINEMA E DACANÇAO

JOE WALDYS and Partner

ZELIA LOPES

"BLUEBELL GIRLS' SHOW"

THO BANDEIRA AND HIS GROUP "LATINO'S COMBO"

ORQ. CASINO ESTORIL dirigida por Ferrer Frindade

DIAMOND SISTER'S

"STRIP-SHOW-SHOWWONDER BAR"

SALÃO RESTAURANTE às 23,30 (não aconselhável a M./13)

WONDER BAR a 1,00 (interdito a M./18)

Consumo mínimo, Sábados 140\$00 Restantes dias 120\$00 (taxas e impostos incluídos)

MATINÉE aos DOMINGOS às 17 horas

Chá completo, 70\$00 (taxas e impostos incluídos)

Desporto



Salgueiros-Montijo: arrancadas feitas de nervos

O incrível futebol de Julho

Tudo embrulhado: empates a um golo, nas partidas da penúltima ronda da competição 1.ª/2.ª divisões (os jogos Salgueiros-Montijo e Beira Mar-Tomar) adiaram mesmo para o lavar dos cestos o balanço da vindima.

Otem, perante um calor tórrido, uma enchente viu, no Bessa, o duelo Salgueiros-Montijo. Arbitrou (bastante malzinho) o juiz comimbrense Manuel Veiga, apresentando-se assim as formações:

Salgueiros: Vitor Cabral; Celso, Braga, Valdir e Costa Almeida; Celestino, Wilson e Reis; António Luis, Vitor e Xavier (Nelinho).

Montijo: Luis Filipe; Patricio, Fernandes, Lázaro e Moreira; Belo, Loureiro (Porfírio), Evaristo e Rachão; Júlia (Rolo) e Pereira.

Golos de Pereira e António Luis. Cartão amarelo a Loureiro.

Por seu turno, em Aveiro, o Beira-Mar igualmente empatou a um solitário tento com os tomarense.

Os «teams»:
Beira Mar: Domingos; Inguila, Marques, Soares e Guedes; Cremildo, Zezinho e Rodrigo; Laurindo (Quim), Sousa e Manecas.

Tomar: Silva Morais; Kiki, Faustino, Zeca e Romão; Florival, Fernando (Pavão) e Barrinha; Caetano (Sarmento), Camolas e Bolota.

Arbitrou o lisboeta António

Ferreira que (incrivelmente) permitiu que o tomarense Kiki andasse sem botas nem meias, quando o jogo decorria...

Golos: Manecas e Florival. Cartões amarelos para Fernando e Romão.

Pontuação: Beira Mar, 6; Salgueiros e Tomar, 5; Montijo, 4.

Últimos despiques: Montijo-Tomar e Beira Mar-Salgueiros.

SECUNDÁRIOS

Lá vai andando a «linguinha» entre 2.ªs e 3.ªs divisões. Desfechos de ontem, na zona norte: Vilanovense, 0-Paredes, 2 e Viseu, 2-Vila Real, 1. Classificação: Vila Real, 8 pontos (já com lugar firme no 2.º escalão), Paredes, 6; Académico de Viseu, 4; Vilanovense, 2. Na zona sul, os desfechos na (quente) tarde de ontem foram: Odivelas, 4-Alcochetense, 0 e Leiria, 3-Lusitano de Évora, 2. Tabela pontual: Odivelas, 7; União de Leiria, 6; Alcochetense, 5 e Évora, 0. Leiria e Alcochetense contam menos um golo.

Paredes junta-se ao Vila Real, na 2.ª divisão, enquanto o bloco sulista continua ensarilhado.

INTERTOTO

Saída duplamente desastrosa para as turmas portuguesas envolvidas nos negócios da Intertoto: em Ostende (Bélgica) o clube local bateu o Guimarães (por 2-0) enquanto na Suécia o Oester derrubou o Belenenses (2-1). As turmas portuguesas alinharam assim:

Guimarães: Sousa; Ramalho, Celton, Torres e Alfredo; Pedro, Abreu e Almiro; Pedrinho (Tito), Mário Ventura e Rui Lopes.

Belenenses: Melo; Esmoriz, Quaresma, Freitas e Cardoso; Pincho, Pietra e Godinho (Alfredo); Vasques, Artur Jorge (José Rocha) e Gonzalez (autor do solitário golo «azul»). Cartão amarelo a Freitas.

JUNIORES

Em documento que nos honra, a organização do «Torneio Internacional de Juniores Cidades de Lisboa-76» (Benfica e Sporting) expressa ao «DL» o maior reconhecimento pela valiosíssima colaboração prestada ao Torneio, dando-lhe uma cobertura que constituiu precioso contributo para o êxito de que se revestiu aquela manifestação.

SALÃO

Futebol de salão: os interessados podem acorrer ao convite do CACO. Com efeito, no pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique vai processar-se um torneio, para o qual fecham hoje as inscrições.

PORTUGAL

Continuação da pag. 15

Vendas Novas» e «Circuito de Vendas Novas» (para amadores) e «Circuito Tratax (Manique)». No dia seguinte, o calendário prevê a realização do «Prémio Joframa» e «Circuito dos Matinhos» (Bombarral), enquanto o «Circuito de Talaide» terá lugar a 31 do corrente.

ESTÁGIO

O Governo Federal do Sarre (Alemanha) convidou uma delegação de praticantes portugueses de Atletismo para um estágio que terminará a 1 de Agosto. Viajaram 23 jovens, todos com menos de 18 anos de idade: Miguel Almeida e Francisco Lopes (Benfica); Navarro de Andrade, Fernando Fernandes e Miguel Fernandes (Sporting); Fernando Miguel (Estrela Azul, de Torres Vedras); Mário Serpa (Belenenses); Jorge Branco (Tramagal); Jorge Ramalho e Carlos Caiiro (CUF); Joaquim Carvalho (Santa Clara); Fernando Pinto (F. C. Porto); Alvaro Silva e Luis Horta (Liceu de Faro); Joaquim Fonseca (S. Fiel de Castelo Branco); Esmeralda Mota (Belenenses); Maria João Lopes (Sporting); Cecílio Ganiho (Vitória de Setúbal); Conceição Pereira (Olivais Sul); Ana Paula Mota (F. C. Foz); Aurora Cunha (Juventude de Ronfe); Regina Babo (Santa Clara) e Graça Silva (Sanjoanense).

EXPOSIÇÃO

Na Casa da Cultura de Caldas da Rainha, de hoje a 31 do corrente, encontra-se em exibição a exposição «Desporto Direito do Povo», projectando-se também um filme sobre as «Spartakiadas da Bulgária». Trata-se de uma organização do núcleo local do Movimento Voluntário Desportivo (MVD).

FESTA

O GDAC (Grupo Dinamizador de Acção Cultural) levou a cabo no passado sábado, na Alameda da Universidade (Junto ao jardim do Campo Grande) uma sessão de convívio essencialmente destinada a praticantes jovens de atletismo, basquetebol, futebol, andebol e voleibol.

GINÁSTICA

Figuras de destaque no «Torneio de Encerramento de Mini-Trampolim», organizado pela Federação de Ginástica: António Soares, Rui Miranda, Américo Silva, Gabriel Gonçalves, Maria do Carmo Rocha, Alda Regueira e Maria Leonor Regueira (todos de Santo Tirso); Rui Cardoso Vitor Silva, José Peixoto, Luis David, César Peixoto, Maria de Lurdes Pereira, Paula Vital e Elisabete Jorge (na Zona Centro).

HÓQUEI EM CAMPO

O F. C. Porto é campeão nacional de hóquei em campo. Últimos desfechos: Palmense-F. C. Porto, 0-1; Atlético-U. Lamas, 0-1; Benfica-Ramaldense, 0-5; F. Benfica-Viso, 3-2; Benfica-F. C. Porto, 2-3; Palmense-Ramaldense, 0-2; F. Benfica-U. Lamas, 0-1 e Atlético-Viso, 1-2.

Classificação final: 1.º, F. C. Porto, 35 pontos; 2.º, Ramaldense, 33; 3.º, F. Benfica, 31; 4.º, U. Lamas, 29; 5.º, Viso, 23; 6.º, Benfica 21; 7.º, Palmense, 19, 8.º, Atlético, 16.

JUNIORES

O Cascais é campeão nacional de juniores, em hóquei patinado, cotando-se à frente do Porto, Sporting e Sanjoanense.

NATAÇÃO

Campeonatos regionais de Verão, promovidos pela Associação de Nataçao de Lisboa, nos dias 24 (piscina da Torralta, em Tróia), 25, e 31 do corrente e 1 de Agosto. (piscina dos Olivais).

Bela presença de concorrentes (149) na «Meia milha da Figueira da Foz». Clubes representados: Ginásio Clube Figueirense da Foz. Clubes representados: Ginásio Figueirense, Académico de Coimbra, Sporting de Aveiro, Clube de Condeixa, União de Coimbra, Associação Académica de Coimbra, Sport Algés e Agueda, Leixões, Desportivo da Covilhã e Elvense de Nataçao. Nomes salientes: Jorge Migueis, Pierre Jeanrenaud, Pedro Matias, Martins Pereira e Fausto Pinto Angelo. Primeira nadadora: Dulce Gouveia. Vencedor em veteranos: José António Tomé.

OLIVAIS

Está eleito o novo elenco directivo do Sport Lisboa e Olivais. Nomes da assembleia geral: cap. José Manuel Marinho Falcão, Victor Manuel Godinho Ribeiro, Victor Manuel Moniz Fernandes, António Moniz Fernandes e Ilídio Godinho Ribeiro. Conselho Fiscal: Bernardino Conceição Tomás, Victor Manuel Miragaia Viegas e Filipe Rosa Duarte. Direcção: António Gomes de Araújo, Carlos Nuno Pereira de Carvalho Lopes, Manuel da Silva Oliveira, Vasco Silva Costa, Fernando Santos Lopes, César Augusto Carmona, Joaquim Rebelo Esteves, António Gaspar da Rocha e Fernando Pereira Carvalho.

RÁGUEBI

Está publicado o «Relatório e Contas da Gerência» da Federação de Raguebi, referente ao ano transacto: um documento bem elaborado e altamente elucidativo sobre a actividade desenvolvida.

REMO

Campeonatos de velocidade em remo («shell») a 1 de Agosto, na Barragem de Caniçada (Gerês). Concorrem juvenis, juniores e seniores.

TÊNIS DE MESA

Curso de animadores de ténis de mesa, 24 e 25 do corrente, no Centro de Estágio do Jamor.

TIRO AO ARCO

A Federação de Tiro ao Arco realiza, na cidade de Tomar, a 18 e 19 de Setembro, o primeiro «Encontro Juvenil de Tiro ao Arco» (Enjuta-76). Entretanto, nomes em destaque na prova «Estoril-Sol» efectuada no Jamor: Clara Pantana, Deolinda Abreu, Amélia Buco, Carlos Vieira, Manuel Reia, João Inácio, Armando Dias, Henrique Santos, Sofre de Abreu, Manuel Pantana, João Pantana, João Ramos, Paulo Lopes, Prista Caetano, Luis Martins, António Lopes, Carlos A. Silva, Miguel Caetano, Fátima Cristina e Patricio Baptista.

VOLEIBOL

Na sede federativa, efectua-se esta noite o sorteio do nacional de juniores (em voleibol) a que concorrem as turmas da Veigão Beirão, Gil Vicente, Esmoriz (ou CDUP) e Leixões.

No Entrocamento, Leiria, e Lisboa estão a decorrer cursos para treinadores de voleibol do 4.º grau.



Armando Marques: para já, em 5.º lugar no «fosso olímpico»

Subiu o pano: o tempo recuou e voltou-se, em representatividade olímpica, ao período anterior aos Jogos do México. Na capital azteca, 112 nações responderam à chamada. Em Munique, a competição alargou-se a 116 símbolos nacionais. Desta feita, em Montreal, apenas 94 países intervieram no desfile de abertura, porquanto os despiques políticos que envolveram a intervenção da Formosa e da dupla Nova Zelândia-África do Sul arredou uma larga fatia de concorrentes, a maioria dos quais já se concentrava na Aldeia Olímpica e apenas aguardava o tiro de partida para começar a desenharmos o papel para que treinara durante quatro árduos anos.

De uma assentada, 25 bandeiras saíram da liça: Formosa, Argélia, Congo, Egipto, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Ghana, Iraque, Quênia, Líbia, Malawi, Nigéria, Níger, Uganda, Chade, Togo, Sudão, Alto-Volta, Zaire, Zâmbia, Tanzânia, Somália, Maurícias e República Malgaxe. Nomes famosos rasgaram os sonhos e tornaram a penates: Filbert Bayi e Tekele Woeku (1500); Mulgeta Tadesse e Omar Khalif (800); James Munyala, Yohannes e Tura Eshetu (3000 obstáculos); Charles Agati, Stephen Chepkwony e Udo (400); Godwin Obasogie (110 barreiras); Albert Lomotey (100); Suleiman Nyambui e Mituts Ytter (5 e 10 quilómetros); Abre Burme (maratona); Ehizueken (salto em comprimento). Se acrescentarmos aqui que o «sprinter» cubano Steve Leonard (embora em Montreal) não deverá competir por estar lesionado, o mesmo ocorrendo em relação ao parceiro norte-americano Steve Williams (igualmente «tocado» e, praticamente, fora de luta), temos que estes Jogos Olímpicos, marcados quase à nascença por golpes sucessivos (greves, faltas de instalações de grandeza semelhante às de Munique, problemas de segurança) acabaram por desbançar em pálida mostra dos valores mundiais que podem figurar em primeiríssimo plano dentro das 21 disciplinas olímpicas.

Faltando uma boa fatia de competidores, dos de baterem o pé aos maiores, a U. R. S. S., os Estados Unidos da América e a R. D. A. logo começaram a trincar as melhores fatias do bolo: os pardalitos, devem ter grande dificuldade em tocar no milho.

No que toca cá a casa, o atirador Armando Marques foi a figura saliente na jornada n.º 1. Encontra-se em 5.º lugar na prova de «fosso olímpico», após o norte-americano Donald Haldeman, o italiano Baldi, o canadiano Primrose e o também norte-americano Charvin Dixon. Donald Haldemann arranca para a segunda ronda com 72 pontos no activo: Armando Marques conta 70. Dois magros (longos) pontos irão facilitar (ou prejudicar) a carreira do português?

Vale a pena dizer que as séries do «leader» foram 25-23-24, enquanto Marques fazia 22-24-24, em crescendo de forma. Estão classificados 44 atiradores: Armando Marques é o segundo europeu na parada.

Quanto à nataçao, já aparecemos pela piscina olímpica: o encargo foi cometido a Botelho de Melo (na 3.ª eliminatória dos 100 metros costas) e a Paulo Frischnecht (na quarta eliminatória dos 200 metros mariposa). Tal como se esperava (o próprio eng.º Cavaleiro Madeira, presidente da Federação Portuguesa de Nataçao, não o ocultava) os portugueses foram prontamente eliminados mas Botelho de Melo logrou novo máximo nacional, ao conseguir fazer a distância em 1m 5,76s, embora tivesse sido o último da sua «leva», atrás de Bob Jackson (U. S. A.), 58,02s;

Continua na pag. 17



Veja na TV

Às 22 e 30, ligue o seu receptor. A partir daí, poderá ver provas de Ginástica, Boxe, Futebol e Voleibol (em resumo magnético) e, pelas zero horas, em directo da piscina olímpica, mais uma mão cheia de «records» a tombarem.

Para amanhã, o programa é aliciante e divide-se em três períodos de transmissão. Das 12 e 30 às 15: Halterofilia, Pentatlo Moderno, Ginástica, Boxe, Vela e Tiro (tudo em resumo). Das 22 e 30 às 23 e 15 (desta feita no 2.º canal) aproveite: Ciclismo, Voleibol e Futebol vão desfilar até cerca das 23 e 15. No 1.º programa, exactamente à mesma hora, começa a desbobinar-se um filme das provas de Ginástica para, às 00.00 horas, se ligar em directo para a piscina olímpica.

MARROCOS

Fins de semana em TANGER
Partidas todos os Sábados
Preços desde 2 350\$00

Uma semana em TANGER
Partidas todos os Sábados
Preços desde 3 650\$00

CIDADES IMPERIAIS

Partidas todas as 2.ªs Feiras
Preços desde 8 380\$00



CONSULTE

BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40459-40468-550388
Telg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM
MAIS DE 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Não houve milho para os pardais

Continuação da pág. 16

Romulo Arantes (Brasil), 58,46 s; **James Carte** (G. B.), 1m 00 39s; **Gary Abraham** (G. B.), 1m 00 61s; **Robert Howard** (Irlanda), 1m 00 77s; **Scarth** (Canadá), 1m 0 33s.

Frischnecht foi 6.º, na sua corrida: beneficiou da ausência de um inscrito nessa série (Folkert Neeuw, da Alemanha Federal) mas esteve francamente mal, com um tempo péssimo, que foi reflexo de nervosa intervenção. Bill Forrester (U. S. A.) foi o melhor: cobriu os 200 mariposa em 2 minutos 1,95 segundos, à frente de George Nagy (Canadá), 2.03,33; Ross Selmour (Austrália), 2.05,14; Flockner (D. D. R.), 2.05,71; Marmolejo (México), 2.08,88 e Frischnecht (Portugal), 2.20,51.

Aliás, foi no tiro e em natação que as primeiras medalhas de ouro conheceram dono: Uwe Potteck (da R. D. A.) conquistou o título olímpico de pistola livre (com 573 pontos) batendo o máximo mundial da especialidade por um ponto. Em 2.º posto ficou o favorito: Harald Vollmar (também da R. D. A.) com 566 pontos e, em 3.º, o sueco Ragnar Skanaker (562 pontos). Na natação, a jornada foi empolgante, com uma torrente de «records» a assombrarem o público que vibrava de entusiasmo na espectacular piscina de Montreal.

As provas que atingiram a final foram os 200 mariposa e a estafeta feminina 4x100 estilos. Na corrida masculina, três norte-americanos **limparam** as medalhas: Mike Brunner fez 1.59,23, Steven Gregg e Bill Forrester classificaram-se a seguir. Na estafeta (quarteto formado por Ulrike Richter, Hannelore Anke, Andrea Pollak e Kornelia Ender) a R. D. A. conseguiu o tempo de 4.7,95, melhorando desse modo o anterior máximo, que pertencia à equipa berlinense do Dinamo (4.13,41).

Houve (porém) mais momentos altos: na 2.ª meia-final dos 100 metros costas, o norte-americano John Naber obteve o tempo de 56,19 segundos, melhorando a marca de Roland Mathes (R. D. A.) lograda em Munique (56,30). Este novo «record» mundial foi obtido em luta directa com Peter Rocca (U. S. A.) e o porto-riquenho Carlos Berrocal.

Entretanto, mais medalhas iam sendo atribuídas. A equipa soviética de ciclismo venceu os 100 quilómetros, contra-relógio (tempo: 2 horas 8 minutos 53 segundos) à frente da Polónia (2.9.13) e da Dinamarca (2.12.20). E muitas competições começavam a sua marcha. No futebol (por exemplo) a grande surpresa veio no empate conseguido por Cuba frente à Polónia (0-0). A Po-

lónia, titular olímpica em Munique, parece sem força para conseguir revalidar o título. Mais um resultado: Brasil-0-Alemanha Oriental, 0. Os jogos Espanha-Zâmbia e Irão-Nigéria foram cancelados, por desistência destas nações africanas. O mesmo acontece com o Ghana-Coreia do Norte (marcado para hoje) que ficará no tinteiro...

Em basquetebol, os «placards» ficaram deste modo: Cuba, 111-Austrália, 89; Jugoslávia, 84-Porto Rico, 63; Canadá, 104-Japão, 76; Checoslováquia, 103-Egipto, 64; Estados Unidos, 106-Itália, 86 e União Soviética, 120-México, 77.

Em voleibol (torneio masculino), os resultados verificados: Checoslováquia, 3-Canadá 0; Polónia, 3-Coreia do Sul, 2; U. R. S. S., 3-Itália, 0.

No pólo aquático, uma surpresa: o nulo (a cinco tentos) entre a U. R. S. S. e a Roménia, com outros desfechos curiosos à mistura. Por exemplo: os 12-1 da Itália ao Irão, ou a difícil vitória húngara sobre a Austrália (7-6). Mais números: Alemanha Federal, 4-Canadá, 0 e Holanda, 5-México, 3.

Hóquei em campo acentua, logo ao primeiro lance, a supremacia dos grandes senhores da modalidade. A União Indiana (sete vezes campeã olímpica) derrotou a Argentina (4-0) enquanto o Paquistão levava pela frente a Bélgica (5-0). Por seu lado, a Austrália bateu a Malásia (2-0) e a Alemanha Federal empatou com a Nova Zelândia (1-1).

Começou, também, a jogar-se andebol: U. R. S. S., 26-Japão, 16; Jugoslávia, 22-Canadá, 18 e Alemanha Federal, 18-Dinamarca, 14, foram embates marcados rapidamente pelo signo do desequilíbrio.

Apenas se disputaram nove dos 15 combates previstos para a primeira sessão de pugilismo, devido a retirada de diversos países africanos.

Os resultados foram os seguintes, em mínimos (até 51 quilos): Said Ahmed Elashry (Egipto) derrotou por pontos (5-0) Sandor Orban (da Hungria); Alfredo Perez (Venezuela), derrotou por pontos (5-0) Ernesto Rios (México).

Levíssimos (até 54 quilos): Charles Mooney (EUA) derrotou aos pontos Mohamed Rais (Marrocos); Juan Francisco Rodriguez (Espanha), derrotou aos pontos Anthony Abacheng (Ghana); Bernardo Onori (Itália), venceu aos pontos Abdelnabi Elsayed Mahran (Egipto); Chulsoon Hwang (Coreia), derrotou por pontos (5-0) Athanasios Chouligras (Grécia); Meios-leves (até 57 quilos): Angel Pacheco (Venezuela) derrotou aos pontos Sandalio Calderon (da Colômbia).

Leves (até 60 quilos): Ace Rusevski (Jugoslávia), derrotou aos pontos (4-1) Gerard Hamill (Irlanda) e Roberto Andino (Porto Rico), derrotou aos pontos Gaetano Pirastu (da Itália).

O halterofilismo também já encontrou um «rei»: o soviético Alexander Voronin melhorou o seu próprio recorde do Mundo, do arremesso (categoria de «moscas») com 141 kg e conquistou a medalha de ouro. Na 2.ª posição (medalha de prata) classificou-se Gyorgy Kossleg (Hung.) e a medalha de bronze foi para Mohamed Nassiri (Irão).

O anterior recorde já pertença do soviético, era de 140,50 kg. Entre os remadores (que já fizeram as primeiras provas de exame) o lugar prioritário parece entregue a alemães, argentinos, noruegueses, checos, soviéticos, búlgaros, holandeses, australianos e norte-americanos, enquanto no pentatlo moderno a Suécia comanda, seguida da França, Inglaterra e Japão.

Na ginástica, a romena Nadia Comaneci conseguiu a pontuação máxima possível (10 pontos) na prova de barras paralelas, última dos exercícios obrigatórios para senhoras, ontem realizados no «Forum» de Montreal.

Comaneci (campeã mundial, de 15 anos) conseguiu o primeiro 10 na história das Olimpíadas, comandando a classificação individual no total dos aparelhos. Por equipas, a União Soviética domina (com 194, 20 pontos), contra (192, 70 da Roménia) e (191, 60 da Alemanha Democrática), em 4.º lugar surgem os Estados Unidos e a Checoslováquia (com 188, 60).

Hoje, as ginastas executam exercícios facultativos e a combinação dos resultados destes com os dos obrigatórios determinará a classificação final por equipas. As seis primeiras classificadas em cada uma das especialidades, competem na quinta e sexta-feiras, para a atribuição de medalhas individuais.

A classificação individual depois dos exercícios obrigatórios ontem disputados é a seguinte:

1.º Nadia Comaneci (Roménia), 39,35; 2.º Teodora Ungureanu (Roménia), 38,85; 3.º Ludmila Touricheva (URSS), 38,85; 4.º Svetlana Grozdova (URSS), 38,80; 5.º Svetlana Grozdova (URSS), 38,80; 6.º Giga Korbut (URSS), 38,80; 7.º Gita Escher (RDA), 38,65; 8.º Elvira Saadi (URSS), 38,65; 9.º Marion Kische (RDA), 38,40; 10.º Kerstin Gerschau (RDA), 38,25; 11.º Angelica Hellmann (RDA), 38,20; 12.º Marta Egervari (Hungria), 38,20; 13.º Mariana Constantini (Roménia), 38,15; 14.º Anca Grigoras (Roménia), 38,15; 15.º Gabriela Frusca

(Roménia), 38,00.

E, de Montreal, os Jogos alastram para o Mundo inteiro, provocando as mais disparas reacções e, inclusive, levantando a pergunta se, devido à mistura de política com o desporto, não estaremos perante a «debacle» da confraternização olímpica.

A Imprensa soviética faz sem comentário, as primeiras referências aos problemas políticos que ensombraram o início dos Jogos. Numa pequena notícia em fim de página, referente à abertura dos Jogos, o jornal do Partido Comunista («Pravda») faz referência ao abandono da Formosa e da Nigéria, mas não revela a retirada maciça de mais vinte e tal delegações africanas.

A opinião mundial está particularmente interessada em saber como as autoridades soviéticas encaram estes problemas, porque Moscovo será o local das próximas Olimpíadas (em 1980). Todavia, os soviéticos já por diversas vezes afirmaram, tal como as autoridades de Montreal, que a política não terá lugar nas realizações desportivas olímpicas do futuro.

São mais duros os londrinos: comentando a retirada dos atletas africanos o «Sunday Mirror» (trabalhista) escreve hoje: **Quando a chama olímpica foi acesa, deveria ter sido posta por baixo das Olimpíadas. Que as cinzas voltem às cinzas, acrescenta o jornal, que conclui: Os russos farão de modo a que os Jogos de Moscovo, daqui a quatro anos, se realizem, mas depois acabou-se. Que grande alívio, aliás, porque os Jogos Olímpicos tomaram-se uma impostura, o «requiem» para um ideal.**

E, a terminar, vale a pena contar esta, que a Associated Press tem feito correr por aí fora: Um plano para desfraldar uma bandeira da Formosa no Estádio Olímpico de Montreal, durante o desfile inaugural, foi abandonada no último minuto.

Segundo um informador (alguém afecto à delegação da Formosa) a ideia teria sido rejeitada por ser considerada demasiado política.

O plano incluía o desfile na pista do estádio de dois formosinhos, **vestindo uniformes norte-americanos e transportando a bandeira num mastro improvisado** disse o informador, que se recusou a ser identificado, acrescentando: **Os dois iriam atrás da delegação norte-americana e a certa altura dextrar-se-iam ficar para trás e exibiriam a bandeira.**

Não há dúvida: para além de recordes e medalhas, muita história menos bela ficará para sempre inscrita no arquivo dos Jogos em Montreal.



Cartaz dos jogos

O programa de hoje, elaborado segundo o horário local (diferença de cinco horas em relação a Portugal) é o seguinte:

BASQUETEBOL

9. Classificação (senhoras); 11. Eliminatórias (homens); Grupo A. 14. Classificação S., 16 Eliminatórias H., Grupo A. 19 Classificação S., 21 Eliminatórias H., Grupo A.

BOXE

Das 13 às 16.30 e das 19.30 às 22.30, Eliminatórias.

FUTEBOL

16, Israel-Guatemala em Toronto; 8, França-México em Ottawa; 18 Coreia do Norte-Ghana, em Sherbrooke; 17, União Soviética-Canadá, em Montreal.

GINÁSTICA

Das 14.15 às 16.30 e das 19 às 21.30, exercícios femininos obrigatórios.

HALTEROFILIA

14.30, Competição 56 kg, (Grupo B); 19, Competição 56 kg, (Grupo A).

HÓQUEI EM CAMPO

10, Grupo B, 15, Grupo A.

NATAÇÃO

9.30, 200 m livres H., Elimi-

natórias; 200 m mariposa S., Eliminatórias; 100 m livres braços H., Eliminatórias; 1500 m livres H., Eliminatórias; 19, 100 m livres S., Meias-finais; 100 m costas H., Meias-finais; 200 m mariposa S., FINAL; 200 m livres H., FINAL.

PENTATLO MODERNO

Às 9 horas: Esgrima.

REMO

Das 10 às 13, Eliminatórias S.

SALTOS PARA A ÁGUA

13, Trampolim S., 6 saltos; 19, Trampolim S., 4 saltos.

TIRO

9, Carabina de pequeno calibre, posição deitado; 9, Fosso olímpico.

VELA

Primeira regata, em Kingstom, às 18 h.

VOLEIBOL

13, Jogo do Grupo A, H.; 15, Jogo do Grupo A, S.; 19.30, Jogo do Grupo A, S.; 21.30, Jogo do Grupo A, H.

WATER-PÓLO

9.30, Três jogos, 15.30, Três jogos.



Gomes Pereira: hipótese de novo «record»?

Hoje há portugueses

Para além de Armando Marques outros portugueses vão estar hoje em acção: Gomes Pereira e Paulo Frischnecht (em 200 metros livres), Henrique Vicêncio (100 metros braços) e Botelho de Melo (1500 metros livres). As provas do nosso atirador prolongam-se por toda a tarde, tal como sucedera com os nada-

dores, que iniciam a tarefa pelas 19 e 30 lisboetas (14 e 30, em Montreal).

Igualmente a dupla de velejadores abre a série de regatas que contam para a classificação na classe «470»: Ramada e Mourão largam para a primeira competição às 18 horas canadianas (23 lisboetas).

Geral

C.I.P. critica cortes de energia

A Confederação da Indústria Portuguesa manifestou-se numa exposição enviada ao ministro do Trabalho, contra os cortes temporários de energia eléctrica e contra a orientação do Ministério do Trabalho de obrigar as empresas a pagar o tempo de trabalho perdido por virtude da suspensão parcial do fornecimento de energia eléctrica.

Nessa exposição, a CIP sublinha particularmente os efeitos negativos daquela decisão governamental de cortes de energia, «que afecta, por forma notória, por todos reconhecida, inclusive pela Intersindical Nacional, o desenvolvimento económico do País».

Relativamente à nota oficiosa do Ministério do Trabalho que dá como orientação o pagamento pelas empresas do tempo perdido, a CIP chama a atenção para o seguinte: «Ao contrário do que a nota oficiosa afirma, julga-se correcta a solução estabelecida no n.º 1 do Artigo 795.º do Código Civil (isto é, as entidades patronais estão legalmente desobrigadas da contraprestação salarial em relação ao período durante o

qual os trabalhadores ficam impedidos da prestação do trabalho, mas julga-se também que esta solução, nas circunstâncias presentes, não ser de seguir. Por um lado, na perspectiva fundamental da criação de riqueza não é a minoração de um dos custos de produção que vem resolver o problema. Por outro, seria socialmente injusto que os trabalhadores fossem lesados, como consequência da política de redução dos consumos energéticos, que os levou — a eles trabalhadores — a não poderem realizar a prestação de que é contrapartida a retribuição. Mas também não pode a CIP aceitar, a favor do desenvolvimento económico do País, que se caia numa situação (cómoda, porventura) de propiciar um enriquecimento sem causa».

A CIP preconiza a «adopção de mecanismos que permitam adequar os horários de trabalho ao novo condicionalismo de fornecimento de energia, em que, parece, se terá de viver por períodos de duração indeterminada».

"Jornal Novo" substitui Martins Garcia

O lugar de director-adjunto do «Jornal Novo», vago desde a passada quarta-feira com a demissão de José Martins Garcia, deverá ser preenchido por Torquato da Luz, chefe de redacção. Para esta chefia está iminente a designação de Duarte Figueiredo que é, com Carlos Plantier e Alexandre Pais, um dos três subchefes.

A demissão de Martins Garcia mereceu escassas sete linhas no «Jornal Novo». Uma nota assinada pelo director, Proença de Carvalho, limitava-se a agradecer a colaboração prestada durante os últimos quantos meses, sem dar mais precisões.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo ou pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima 33,6°

MONTALEGRE

Mínima 9,5°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco; subida de temperatura em especial no interior; mortada moderada na costa a sul do cabo Carvoeiro durante a tarde.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO 27°
P. DOURADAS 28°
COIMBRA 27°
PORTALEGRE 27°
LISBOA 29°
FARO 23°
FUNCHAL 23°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.44 3,2 m	2.55 1,6 m
22.07 3,3 m	15.23 1,8 m
Dia 20	
10.50 3,2 m	3.59 1,7 m
23.17 3,2 m	16.36 1,8 m
Dia 21	
11.57 3,2 m	5.07 1,7 m
	17.44 1,8 m

AMANHÃ

NAScer AS 6.28
OCASO AS 20.58



BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
---------	-------	--------	-------

OBRIGAÇÕES DO ESTADO

Cons. 23/4 %	—	275\$	—
Cons. 3 %	—	300\$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350\$	—
Centenários	—	800\$	—
Tes. 5 %	500\$	760\$	—
Tes. 10 %	—	500\$	510\$
Extern. 1.ª - S.	—	450\$	—
Extern. 1.ª - C.	460\$	450\$	475\$
Extern. 3.ª - S.	—	455\$	—
Extern. 3.ª - C.	—	140\$	—
Caut. 3.ª - S.	—	—	—

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	—	680\$	690\$
C.M.L. 5 3/4 %	—	730\$	—
C.P. 5 1/2 %	—	67	700\$
C.P. 5 1/2 % - 68	—	580\$	600\$
C.P. 5 1/2 % - 69	—	600\$	600\$
Corr. 5 3/4 %	—	740\$	—
Metr. 5 3/4 %	—	800\$	—
Tur. 5 3/4 %	810\$	850\$	—
C.P. 6 3/4 %	—	810\$	—

ELÉCTRICAS

G. 5 %	—	58	—
G. 5 %	—	59	—
G. 5 %	—	62	—
G. 5 %	—	63	—
G. 5 %	—	64	—
G. 5 %	—	65	700\$
G. 6 %	—	67	800\$
G. 6 %	—	69	860\$
G. 7 %	—	—	900\$
H.E.A. 5 %	—	600\$	650\$
H.E.C. 5 %	—	700\$	—
H.E.C. 6 %	—	530\$	—
H.E.D. 5 %	540\$	700\$	—
H.E.D. 6 %	—	740\$	—
H.E.N.P. 5 %	—	700\$	—
H.E.S.E. 5 %	—	700\$	—
H.E.S.E. 6 %	—	580\$	—
H.E.Z. 5 %	—	700\$	—
H.E.Z. 6 %	—	640\$	—
N. Elec. 5 %	—	—	—
N. Elec. 6 %	—	—	—
Termoelec. 5 %	—	—	—
U.E.P. 5 %	—	60	—
U.E.P. 5 %	—	63	—
U.E.P. 6 %	—	700\$	—
U.E.P. 7 %	—	750\$	—

DIVERSAS

A.P.T. 5 %	—	58	690\$
A.P.T. 5 %	—	56	670\$
Lisnave 6 %	—	60	730\$
Nitratos	—	60	600\$
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Saco 7 %	—	—	780\$
Sacur 5 %	—	54	—
Sacur 5 %	—	60	—
Sid. 5 %	—	2.ª	620\$
Sid. 5 %	—	3.ª	620\$
Sid. 5 %	—	4.ª	620\$
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril	—	67	710\$
R. Fabril	—	68	700\$

ULTRAMARINAS

Carbonit 5 %	—	—	—
Rev. 5 %	—	57	—
Rev. 5 %	—	59-60	—
Mocambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

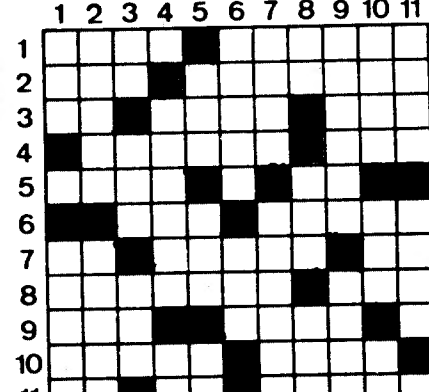
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11 421

HORIZONTAIS

- Aquele que. Tangera.
- O mesmo que capoeira (ave bras.). Convenceras.
- Palavra latina pela qual comecam muitos documentos pontificios de interesse para Portugal. Lição. Possui.
- Natalicio. Colera.
- Sofreguidão. Rei de Basá, morto por ordem de Moisés.
- Pega. Reveste de uma camada de cromo.
- Apelido. Brasa. Artigo definido.
- Aquele que faz orçamento. Uma das Esporades.
- Ninho. Carta geográfica.
- Tempo do verbo haver. Criminosa. Tombar.
- Campeão. Pertences. Gorgulhos tropicais.



VERTICAIS

- Pronome relativo. Fantasia.
- Nome de planeta. Cantigas.
- Pronome pessoal. Gosta muito de. Cobalto (s.q.).
- Passa atestados. Notamusi-cal.
- Planta apocínica, cujo suco é empregado para envenenar as flechas dos Mandingas. Clari-fica (inv.). Pertences.
- Elemento metálico semelhante ao chumbo, que tem o número 81 na classificação periódica. Preposição.
- Panelas. Máscara.
- Centiare. Rezo. O sustento.
- Emergência. Tombar.
- Vassourar o forno depois de aquecido. Punhado. Letra grega.
- Doença que dificulta a respiração. Tosta.

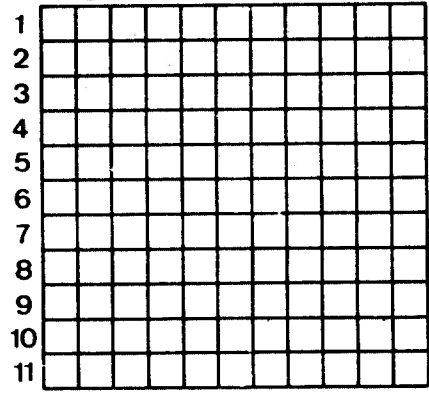
Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7581

HORIZONTAIS

- Pruma. Fedor.
- Antiga medida portuguesa de capacidade. Prefixo que designa afastamento.
- Prefixo de negação. Fingia.
- Aparelho para encurvar as calhas das linhas ferreas. Rádio (s.q.). Fileira.
- Espádua. Atmosfera. Amofina.
- Coisa (ant.). Espiolhes.
- Guarnecer de asas. Emparelhei.
- Vagueais. Senhora.
- Vareja. Lições. Grande ribeira da Ásia Russa.
- Érbio (s.q.). Passados.
- Ruim. Apelido.



VERTICAIS

- Osso malar. Preposição.
- Pronome pessoal. Messe.
- Antes de Cristo. Habitar.
- Chefe etíope. Vagueias.
- Ligaram. Ouro (s.q.).
- Sugar o leite materno. Pestana.
- Região francesa da Costa do Marfim entre Bandana e Sassandra. Certo jogo de cartas.
- Levantaras. Ribeira de Portugal.
- Abaxas. Pronome reflexo.
- Militar de Cavalaria.
- Orla. Carta de jogar. Gosta muito de.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 420

HORIZONTAIS:

- BOM. Maçadas.
- Amare. Olala.
- Desamor.
- It. Sares. CC.
- Arc. Ser. Eça.
- Aam. Ul.
- Azoassem. Pt.
- Ua. Ma. Il.
- Ada. Imã. Cão.
- COMER. Narro.
- Aramã. Ana.

VERTICAIS:

- Balia. Ataca.
- Om. TRAZ. Dor.
- Mad. Cão. Ama.
- Res. MAU. Em.
- Mesas. Saira.
- Are.
- COMER. Emana.
- Sola. Uma. An.
- Dar. El. Ora.
- Ai. Cv. Piar.
- Sarcásticos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7580

HORIZONTAIS:

- Falar. Pisca.
- Acor. Faon.
- Roa. Gim. Ara.
- Pr. Arais. At.
- Adora. Marrã.
- Anã. Lia.
- Uçã. Não.
- Am. Arrás. Cu.
- Dor. Aos. Mat.
- Alia. Sari.
- Marcaria. Os.

VERTICAIS:

- Farpa. Nadam.
- Acorda. Mola.
- Loa. ONU. Rir.
- Ar. Araça. Ac.
- Grã. Roer.
- Bia. Roer.
- Mim. Nas.
- If. Salas. Sa.
- Saa. Rio. M.a.
- Corara. Caro.
- Anata. Outis.

Provérbio: BOM COMER TRAZ MAU COMER



farmácias de serviço

LISBOA

TODA A NOITE

ALVALADE

S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469); Roma, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466); Ideal, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803).

BAIXA

Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (Tel. 321211).

CAMPOLIDE

Pinto, Rua de Campolide, 11-A (Tel. 682610).

CAMPO DE OURIQUE

Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 686176).

ESTEFÂNIA

Mundial, Largo da D. Estefânia, 10 (Tel. 45578).

GRAÇA

Monte, Rua Senhores do Monte, 3-A/B (Tel. 867842).

LUMIAR

Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (Tel. 790332).

MADRAGOA

Lys, Rua da Esperança, 17-19 (Tel. 660913).

MARQUES DE POMBAL

Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (Tel. 43409).

SANTO AMARO

Santo Amaro, Rua Filinto Elisio, 29-A/B (Tel. 637070).

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA

Berna, Avenida de Berna, 44-A (Tel. 773568).

SETE RIOS

Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841).

TURNO H-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA

Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALTO DE SÃO JOÃO

Zional, Rua Morais Soares, 58-C (Tel. 847708).

ALVALADE

Brasília, Avenida Rio de Janeiro, 66 (Tel. 722368).

AREEIRO

Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

AVENIDAS NOVAS

Cardote, Avenida Visconde Valmore, 28-A/C (Avenida da República) (Tel. 7772291).

BAIRRO AMÉRICA

Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448).

BAIXA

Durão, Rua Garrett, 90 (Tel. 324166).

BENFICA

Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (Tel. 704828).

CAMPO DE OURIQUE

Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CASTELO

Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831).

CHIADO

Durão, Rua Garrett, 90 (Tel. 324166).

ESTEFÂNIA

Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 570593).

PICHELEIRA

Mariux, Calçada da Picheleira, 140, B/C (Tel. 720703/728395).

OLIVAS SUL

Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Tel. 310026).

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA

Sousa Martins (ao Matadouro) (Tel. 553468).

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 211316).

CARCAVELOS

Central — Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA

Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) — Até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS

Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039) — Até às 22 horas

NOVA OIRAS

Leal — Até às 22 horas

OIRAS

Central, R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058) — Toda a noite

PAREDE

Aisir, Av. Gago Coutinho, 8.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948) — Toda a noite

AMOREIRA

Amoreira — Até às 22 horas

ESTORIL

Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Tel. 260116) — Toda a noite

CASCAIS

Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044); Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) — Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge, R. Pedro do Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA

Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)

VENDA NOVA

Queluz, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043)

CACÉM

Guerra Rico Agualva

MEM MARTINS

Rodrigues Rato (Tel. 2912038)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Marrazes Vila (Tel. 2931055)

COLARES

Ahreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)

ALMADA

Nova Alvaras, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)

BARREIRO

Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2073023)

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182)

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTUJO

Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)

SETÚBAL

Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); Saião, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

TURNO 6

ATE ÀS 22 HORAS

Bonfim, R. do Bonfim, 73; Guimarães, R. do Francisco, 37; Castro Carneiro, R. do Padre Cruz, 146; Henriques, P. da Batalha, 64-A; Moreno, L.º, L. de S. Domingos, 44; Serpa Pinto, R. de Serpa Pinto, 645; Vasques, R. das Condições, 794

TODA A NOITE

Vilarinha, R. do Vilarinha, 161; Liga Ass. Soc. Mútuos, R. do Bonjardim, 286; Guerra, R. do Costa Cabral, 43; Lemos e Filhos, P. de Carlos Alberto, 31

COIMBRA

Adriana

Praca da República, 20 (Tel. 23609); Oliveira, Rua Bernardo Albuquerque, 159 (Tel. 22804); Universal, Praca 8 de Maio, 35 (Tel. 23744)

cinemas

cinemas

cinemas

CASTIL

T. 530194 17.00, 19.00 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Sylvia Kristel a 3.ª semana

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

um filme de Francis Giacobetti

Aviso ao publico: este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

T. 555134/5 17.00 e 21.15

M/ 10 anos

MY FAIR LADY

Audrey Hepburn, Rex Harrison

70 mm — Ecran gigante

Hoje e amanhã

POLITEAMA

T. 326305 13.45, 17.45, 19.15 e 21.30

VAMPIRISMO ALUCIANTE!

CERIMONIA SANGRENTE

A História insaciável sede de sangue virgem

(Col). Interdito a men. de 18 anos

VOX

Tel. 720808 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

A VIDA POR VEZES É DURA

Não acons. menores 13 anos

com Tomas Milian

Hoje e amanhã

Hoje também às 24 horas

Carlos Manuel

Tel. 2930394 21.15

Não acons. menores 18 anos

A TORRE DO INFERNO

com Sylvia McQueen, Fay Dunaway, Paul Newman

D. JOÃO V

Tel. 971794 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

CHAMAVAM-LHE AMEN

Com Luc Merenda e Alf Luncer

WESTERN

S. LUIS

Maiores de 18 anos

18.30 e 21.30

LOLA MONTES

de Max Ophuls

RESTELO

T. 610375 15.00, 21.00

Não acons. menores 18 anos

MALÍCIA DE VÉNUS

PALACIO FOZ

18.00 e 21.00

Ciclo Cinema de animação

segunda série

Espectáculo para todos

Este programa pode ser alterado

por motivos imprevistos

Bilhetes a 5500

OXFORD

18 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

PLANETA SELVAGEM

BARES - BOITES

RESTAURANTES

TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções

Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197), Marta Monica

Stripteaseuse

CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado

Variedades internacionais T. 264621/264946

CALEIDOSCÓPIO

Hoje e amanhã 18.00, 21.15

Um dos maiores filmes da história do cinema

QUO VADIS

com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn. Um

filme de Melvyn LeRoy

Não aconselhável a menores de 13 anos

7.ª semana

EDEN

T. 320768 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

A suprema violência das Artes Marciais

O INVENCÍVEL

com Bruce Lee

Grupo C 914 anos

Hoje e amanhã

ODEON

T. 326283 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

3.ª semana encheres

se todas as mulheres fossem como

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

Os homens tinham a «sorte grande» nas mãos

APOLLO 70

T. 763319 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Para todos

«O HERÓCI DO REGIMENTO»

Um filme de George Marshall

Hoje às 24 h - (18 anos)

«VIDA MODERNA»

De Jacques Tati

S. JORGE

T. 554153/4 17.30, 19.30 e 21.30

Para todos

A alegre comédia musical

«TRÊS RAPARIGAS PARA A FRENTE»

Hoje e amanhã

AVIS

T. 47163 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

TRINITY COW-BOY INSOLENT

Hoje e amanhã

com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO

T. 555134 17.19, 21.15



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 32115/5, 32021/1/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. OIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Costa Gomes deverá visitar a Guiné-Bissau

O general Costa Gomes deverá visitar proximamente a Guiné-Bissau, segundo anuncia num dos seus últimos números o jornal «Nô Pintcha», órgão oficial do Comissariado da Informação daquele país.

O convite para o general Costa Gomes visitar a Guiné-Bissau foi-lhe dirigido por Vasco Cabral e José Araújo no

final das últimas conversações luso-guineenses, em Lisboa.

Recorda-se que já por diversas vezes Costa Gomes manifestara o desejo de se deslocar aos novos países africanos de língua portuguesa.

Pensa-se que a deslocação de Costa Gomes poderá efectuar-se na segunda quinzena de Setembro, por altura do 20.º aniversário do P.A.I.G.C.

TIMOR

Libertação iminente dos vinte e três militares portugueses

Contactado pela Anop, ontem à tarde, o eng. Armando Palma Carlos, que tem surgido como representante das famílias dos militares portugueses detidos em Timor, nas conversações com entidades oficiais, declarou que ainda não sabe a data exacta da libertação dos militares portugueses anunciada em Jacarta como iminente.

O eng. Palma Carlos, pai do alferes miliciano Rui da Palma Carlos, um dos 23 militares detidos em Timor, afirmou que espera tratar hoje do assunto com entidades oficiais, apenas sabendo de momento o que foi divulgado durante o fim-de-semana pelos órgãos de Comunicação Social.

Os prisioneiros que a Indonésia afirmou ir agora libertar, sem condições, são os seguintes:

Major António Ivo Nascimento Viçoso, capitães Mário Tavares Almeida e Alfredo J. G. Farinha Ferreira, alferes milicianos Hernâni Joaquim dos Santos Pedro, José C. B. Tavares,

António C. N. Cabral, Rui M. B. P. Carlos, Benjamim dos Santos Barroso e Henrique António P. Mestre, primeiros-sargentes Francisco Augusto e José Amedro Miguel Camilo, furiéis milicianos Guilherme Alberto O. Vieira, António Manuel L. Novo, José Maria Figueiredo Fonseca Cruz, José António Maltês Cristóvão, António L.S. Florindo, Manuel C. Duarte, José M. R. Raimundo, José Manuel Fernandes, C. Gomes, José Manuel Andrade, Luís M.D. Carvalho e Daniel F.C. Moura e primeiro-cabo Damélio A. Franco Correia.

As declarações do vice-governador de Timor-Leste não vão além do acordado durante os encontros de Bangkok, entre a delegação daquele território e a portuguesa — esclareceu à agência Anop uma fonte colocada no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

De facto, prosseguiu, «estamos à espera da libertação a todo o momento, uma vez que tudo ficou encaminhado nesse sentido».

“Relatório” e “Anexos” do 25 de Novembro

Ao «Relatório» que sintetizava os primeiros resultados do inquérito militar seguiu-se, após um longo intervalo de silêncio e de especulação política, a publicação de «Anexos» que focavam particularmente aspectos sectoriais dos acontecimentos de 25 e de 26 de Novembro e os respectivos antecedentes, segundo a lógica do chamado «Relatório preliminar».

Estes «Anexos», cuja publicação foi repetidamente solicitada por certos meios políticos e por certa imprensa, só vieram a lume após a eleição presidencial. Compreende-se que assim tenha sido, embora não seja de concluir que as revelações dos «Anexos», dada a radical oposição das interpretações, tivessem decisivo impacto sobre os resultados eleitorais. Regista-se, sim, que es-

tando previsto o julgamento no competente tribunal militar dos presumíveis inculcados, os «Anexos» revelados contêm referências a intervenções culpadas nos acontecimentos de pessoas, militares e civis, que não foram ouvidas em auto ou que teriam sido ouvidas na qualidade de declarantes. O «D.L.» já publicou o protesto do dr. César de Oliveira pela referência incorrecta que lhe foi feita. Hoje vem rectificar, no resumo dos «Anexos» publicada na edição de 13 de Junho, a alusão infeliz a «conclusões» relativas à Armada. No que ao comandante naval do Contingente, capitão-de-mar-e-guerra Vasco da Costa Santos, se refere, não se pode falar de «conclusão» do inquérito. Após um apreciável período de prisão o comandante Costa Santos foi ouvido como «declarante».

Fogo na serra da Estrela

Um pouco por todo o País, e com particular incidência no Norte, sucedem-se os incêndios do costume nesta época do ano. Na Serra da Estrela as labaredas assumiam ontem proporções alarmantes, numa frente de cerca de 15 quilómetros. Entretanto, hoje, por altura do fecho desta edição, era menor a ameaça do fogo, embora se justificasse ainda a presença de corporações de bombeiros de três distritos: Guarda, Viseu e Coimbra.

Relativamente a este incêndio na Serra da Estrela, que chegou a ser considerado extinto no sábado mas voltaria a reacender-se na tarde de ontem, estiveram seriamente ameaçadas as povoações de Fontão, Fradigas e Barreira. O combate ao fogo prossegue, sem que até agora se tenham

registado vítimas, quer entre os bombeiros, quer entre os habitantes da área, postos a salvo.

Entretanto, milhares de árvores e madeira já preparada para a celulose, foram consumidas por um incêndio em Pampilhosa da Serra. O fogo começou por volta das 13 horas de ontem, ficando carbonizadas pelas labaredas muitas cabeças de gado. Os prejuízos apontam para muitos milhares de contos. No combate às chamas empenharam-se várias corporações de bombeiros e três avionetas da Lousã.

OUTROS FOGOS

Outro grande incêndio, na Malhada do Rei, destruiu já várias propriedades particulares.

Em ambos os casos não é

Soares com U.D.P. e P.C.P.

Continuação da pag. 1

alguns dias, mas que estas trocas de impressões com os representantes dos partidos com assento na Assembleia da República poderiam levar o P. S. a «alterações de última hora».

U. D. P. : APOIO CONDICIONADO

«Após estas conversações», acrescentou o secretário-geral do Partido Socialista, «irei ao Presidente da República dizer-lhe que o Governo está formado», que será então, dentro do prazo previsto na Constituição (10 dias) apresentado à Assembleia da República com o seu programa.

Pronunciando-se acerca da questão levantada na A. R. com o programa governativo sobre a forma da sua apresentação (oralmente ou por escrito), o dr. Mário Soares afirmou que o «Regimento não deve ser exposto sobre tal matéria» (programa).

Eduardo Pires e Acácio Barreiros reafirmaram, após o encontro com o Primeiro-Ministro indigitado, «a necessidade de imprescindível e urgente» de o I Governo definitivo respeitar as conquistas populares dos dois últimos anos, designadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário. «Só assim», atalhou Eduardo Pires, «o Governo que vier a ser divulgado poderá vingar».

Aquele dirigente da U. D. P., e o deputado do mesmo partido na Assembleia da República, puseram ainda a tónica nas organizações dos trabalhadores, particularmente as C. T.'s, que devem ser reconhecidas no que representam como garante na defesa dos interesses das classes exploradas.

Ainda acerca do próximo Governo, Acácio Barreiros afirmou que a U. D. P. estava de acordo que fosse constituído pelo P. S., «que não poderá, no entanto, fazer conciliações com os partidos fascistas (e citou o C. D. S. e o P. P. D.), que manifestam nos Açores e na Madeira tendências separatistas».

«A política governamental do P. S.», acrescentou aquele deputado da U. D. P., «não poderá ofender o povo, terá de ser antifascista». Eduardo Pires adiantou que tal política deve ser de «não vender o

Ordem de Chipre

Um industrial português, José Ferreira, é hoje agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Chipre em cerimónia religiosa a efectuar às 17 horas nos Jerónimos. Assistem membros do Corpo Diplomático e entidades oficiais,

País, do Minho ao Algarve, em pedaços, às forças imperialistas».

O padre Martins, deputado da U. D. P. à Assembleia da Madeira, lembrou o que têm sido nos últimos dias os ataques das forças reacçãoárias ao movimento popular de massas naquele arquipélago, bem como o «caciquismo religioso» que se tem virado contra o povo, denunciando nesse particular a atitude tomada há dias pelo padre Ribeiro, homem ligado a «grandes famílias do Machico», que disse a um eleitor que tinha votado no P. S. que isso «era pecado mortal».

NOVO GOVERNO

Até final do corrente mês não deverá haver novo Governo. Esta a opinião manifestada em círculos socialistas e já veiculada por alguns órgãos de Informação.

Ao contrário do que inicialmente se previa, as negociações de Mário Soares com os partidos, sindicatos e outros sectores representativos poderão ocupar grande parte da semana que hoje se inicia, não sendo portanto de esperar que o primeiro-ministro indigitado submeta o seu programa a debate na Assembleia da República senão nos últimos dias do mês ou até nos primeiros de Agosto.

Após os contactos hoje iniciados, o programa de Governo a apresentar por Mário Soares poderá sofrer algumas alterações, segundo se deduz de uma declaração do Primeiro-Ministro indigitado onde reconhece que «há reajustamentos, há aspectos que podem ser susceptíveis de modificação, de acordo com a conversa que tiver com os partidos e os sindicatos».

Com as consultas a partidos, sindicatos e outras organizações, Mário Soares visa atingir aquilo que classificou como um «consenso superior à influência do P.S.», tentando, desta forma, criar condições (ainda que frágeis) que alarguem a sua representação minoritária na Assembleia da República.

Esta manhã, Mário Soares avistou-se com representantes do P.C.P. e da U.D.P. estando previstos para a tarde contactos com a Comissão Nacional de Desalojados e com o C.D.S. Para amanhã está marcado um encontro com o P.P.D., não estando ainda estabelecidas as entrevistas com os sindicatos.

Entretanto, ao abrigo do 300.º artigo da Constituição, o VI Governo manter-se-á em exercício, para resolução de assuntos correntes, até à posse do primeiro Governo constitucional.

posta de parte a hipótese de fogo posto.

Em Vila da Feira, um outro incêndio destruiu parcialmente a fábrica de calçado da firma Ernesto Ferreira Quirino e Irmão, no lugar de Escapães, causando prejuízos da ordem de centenas de contos e, em Oliveira de Barreiros (Viseu) o fogo, a partir do incêndio de dezanove dúzias de foguetes, levou à destruição de alfares e tractores agrícolas e do próprio armazém onde se encontravam.

No Porto, foi totalmente consumido um armazém de colas, pertencente à Brincol. Nada foi possível salvar, apesar da pronta intervenção dos soldados da paz.

No lugar de Caxada, em S. Torcato (Guimarães) um armazém de matérias-primas foi pasto das chamas. O armazém pertencia à Fábrica de Plásticos Xávi. Os prejuízos orçam os oito mil contos e receia-se que o sinistro atire para o desemprego 350 trabalhadores.

Três mortos em praias do Norte

PORTO, 19 — Três mortes é o balanço do último fim-de-semana em praias do Norte.

Em Leça da Palmeira, a cerca de 300 metros da praia de Fuzelhas afogou-se o sr. Joaquim de Oliveira Santos, de 56 anos, chefe da P.S.P. que residia na Rua do Meiral (Campinha).

Na praia do Areinho, em Avintes, perdeu também a vida

quando tomava banho, o jovem Fernando Manuel Pereira da Silva, de 18 anos, marceneiro, daquela localidade.

Ainda, no rio Douro, no local denominado Aboinha, do concelho de Gondomar, desapareceu nas águas o pequeno Paulo Manuel Moreira de Oliveira, de 4 anos, que vivia com os pais no lugar de Ramalde, S. Cosme (Gondomar).

A posse de Rocha Vieira

Continuação da pag. 1

O general Rocha Vieira referiu depois as funções político-militares que cabem ao Conselho da Revolução, afirmando que, para que tal função seja cumprida, «é essencial que nos situemos correctamente no quadro das instituições democráticas, sem interferir nas respectivas esferas de actuação». Rocha Vieira afirmou depois que «a existência de um Exército coeso, forte e eficiente é uma das condições básicas para que a vivência democrática se possa manter e aprofundar», no sentido de reforçar o espírito do 25 de Abril.

A terminar, o CEME referiu que a realização das tarefas que cabem ao Exército e a sua renovação só serão possíveis «através da consolidação da disciplina, a qual embora entendida como um meio e não como um fim, terá de se desenvolver num quadro de firmeza, compreensiva, mas inabalável e de conduzir a uma mentalidade renovada», afirmando ainda contar com «a juventude e o entusiasmo dos que vão para as fileiras e com a capacidade técnica e a generosidade que são apanágio do QP, para o cumprimento das suas funções».

Indignação em Itália

Continuação da pag. 1

tem porque um eventual acordo de se basear, largamente em assuntos económicos», afirmou o deputado democrata-cristão Angelo Sanza.

Por sua vez, «Il Popolo», órgão oficial da Democrazia Cristiana, considerou a alegada decisão da Cimeira de Porto Rico como sendo algo «parecido com uma chantagem» e uma «aguda falta de bom senso».

Para o deputado comunista Armando Cossutta, as declarações constituem «uma inadmissível ingerência na nossa vida nacional».

«É uma vergonha o primeiro-ministro cessante, Aldo Moro, não ter reagido de imediato, protestando energicamente para defender a dignidade da nação».

«Os quatro grandes do mundo capitalista deram-se as mãos num vergonhoso pacto para exercerem chantagem sobre os italianos por terem escolhido livremente os seus re-

presentantes, sem ligar às repetidas intimidações e ameaças que estes «amigos» ocidentais fizeram antes das eleições — frisa o órgão do P. C. I., o «L'Unità».

Entretanto, e ainda segundo o gabinete do primeiro-ministro, nem Aldo Moro nem qualquer dos outros dirigentes italianos presentes na Cimeira tiveram conhecimento das reuniões não oficiais em que tal decisão terá sido tomada.

«Qualquer que seja a opinião que outros governos tenham da situação política italiana, é lamentável que a expressão de uma maneira inadequada», conclui o comunicado do gabinete.

Entretanto, os dirigentes do P. S. e do P. C. franceses referiram ontem o pacto referido pelo chanceler da R.F., considerando-o uma «chantagem» e um «insulto» contra a soberania do povo italiano» e denunciando a «hipocrisia habitual de Giscard» que nada disse aos franceses sobre esta decisão.

3
tome
et

SINDICÂNCIAS BARALHADAS

Carlos Carvalhas, Barros Moura e Eugénio Rosa vão processar criminalmente o ministro Tomás Rosa e o jornal «O Dia», pela nota ofensiva e todas as considerações à margem do texto inseridas na edição daquele jornal do passado dia 17.

A nota refere-se à sindicância à Secretaria de Estado do Trabalho e foi publicada pelo «Dia» misturada com outra notícia referente ao resultado da sindicância à Junta de Acção Social, organismo da política fascista. Curiosamente a sindicância a esta organização tinha sido instaurada pelo major Costa Martins quando ministro do Trabalho.